

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – ICHL
MUSEU AMAZÔNICO – DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL –
PPGAS/UFAM**

ESMAEL ALVES DE OLIVEIRA

**“NAS FRONTEIRAS DA SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE OS
PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO EM
BOATES GLS DO CENTRO DA CIDADE DE MANAUS”**

UFAM
MANAUS
2009

ESMAEL ALVES DE OLIVEIRA

NAS FRONTEIRAS DA SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE OS PROCESSOS DE
CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO EM BOATES GLS DO CENTRO DA
CIDADE DE MANAUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFAM como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva

MANAUS
2009

Ficha Catalográfica (Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Oliveira, Esmael Alves de

O48f Nas fronteiras da sexualidade: uma análise sobre os processos de construção e apropriação do espaço em boates GLS do centro da cidade de Manaus / Esmael Alves de Oliveira. - Manaus: UFAM, 2009.

149 f.; il. color.

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Amazonas, 2009.

Orientador: Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva

1. Boates GLS 2. Identidade social 3. Sociabilidade I. Silva, Sidney Antônio da II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU 613.885(811.3)(043.3)

ESMAEL ALVES DE OLIVEIRA

**NAS FRONTEIRAS DA SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE OS PROCESSOS
DE CONSTRUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO EM BOATES GLS DO
CENTRO DA CIDADE DE MANAUS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva (presidente)
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Luiz Mello de Almeida Neto
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Sérgio Ivan Gil Braga
Universidade Federal do Amazonas

MANAUS
2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida mãe, que me ensinou, em sua simplicidade, que eu não precisava freqüentar um gueto para ser aceito como sou; aos inúmeros amigo(as)s que de alguma forma contribuíram para que este sonho se tornasse realidade; e a todos(as) aqueles(as) que ainda permanecendo no anonimato do gueto, nutrem a esperança de que um dia possam amar sem serem punidos.

AVESSO*(Jorge Vercilo)*

Nós já temos encontro marcado
 Eu só não sei quando
 Se daqui a dois dias
 Se daqui a mil anos
 Com dois canos pra mim apontados
 Ousaria te olhar, ousaria te ver
 Num insuspeitável bar, pra decência não nos ver
 Perigoso é te amar, doloroso querer
 Somos homens pra saber o que é melhor pra nós
 O desejo a nos punir, só porque somos iguais
 A Idade Média é aqui
 Mesmo que me arranquem o sexo, minha honra, meu prazer
 Te amar eu ousaria
 E você, o que fará se esse orgulho nos perder?

No clarão do luar, espero
 Cá nos braços do mar me entrego
 Quanto tempo levar, quero saber se você
 É tão forte que nem lá no fundo irá desejar

No clarão do luar, espero
 Cá nos braços do mar me entrego
 Quanto tempo levar, quero saber se você
 É tão forte que nem lá no fundo irá desejar

O que eu sinto, meu Deus, é tão forte!
 Até pode matar
 O teu pai já me jurou de morte
 por eu te desviar
 Se os boatos criarem raízes
 Ousarias me olhar, ousarias me ver
 Dois meninos num vagão e o mistério do prazer
 Perigoso é me amar, obscuro querer
 Somos grandes para entender, mas pequenos para opinar
 Se eles vão nos receber é mais fácil condenar
 ou noivados pra fingir
 Mesmo que chegue o momento que eu não esteja mais aqui
 E meus ossos virem adubo
 Você pode me encontrar no avesso de uma dor

No clarão do luar, espero
 Cá nos braços do mar me entrego
 Quanto tempo levar, quero saber se você
 É tão forte que nem lá no fundo irá desejar

No clarão do luar, espero
 Cá nos braços do mar me entrego
 Quanto tempo levar, quero saber se você
 É tão forte que nem lá no fundo irá desejar

AGRADECIMENTOS

Um trabalho pode ser entendido como um percurso, como um trajeto. Foram inúmeros os caminhos que foram percorridos antes que pudéssemos alcançar o destino final. Também foram muitas as curvas, os percalços, os declives. Contudo, chegamos aonde nos propusemos. Seria, entretanto, um pouco egoísta de nossa parte que assumíssemos o êxito deste trajeto somente às nossas capacidades individuais. Pelo contrário, acreditamos que chegamos aonde nos propusemos, justamente porque se foram tortuosos determinados pontos do trajeto, também foram consoladores a generosidade de vários transeuntes que por nós passaram e que de alguma forma nos auxiliaram, cada qual a seu modo, para que nossa jornada continuasse. Assim sendo, não podemos deixar de agradecer a todos aqueles que desde o começo acreditaram no nosso trabalho e que de alguma forma contribuíram para que ele se concretizasse.

De modo particular agradecemos à Universidade Federal do Amazonas, através do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFAM. Como aluno da primeira turma do PPGAS, agradeço ao esforço da coordenação, à dedicação de todos os professores, a todo o corpo administrativo do PPGAS, enfim, a todos aqueles que de algum modo acrescentaram à nossa formação durante o período em que estivemos no PPGAS e que nos acompanharam ao longo deste processo.

Agradecemos também a Profa. Dra. Thereza Cristina Cardoso Menezes que com solicitude acolheu inicialmente nosso projeto e que possibilitou, com sua perspicácia antropológica, que atentássemos para aspectos até então ignorados, mas essenciais para o êxito da pesquisa.

Somos gratos também ao Prof. Dr. Sidney Antonio da Silva, que aceitou, com grande generosidade e boa disposição, o desafio de assumir a orientação deste projeto no meio do trajeto. Agradeço sua presença, suas orientações, seu modo metódico de orientar que muito me fascinou. O aprendizado das orientações, a convivência acadêmica, a troca de experiências, foram de grande relevância em minha formação. Sou muito grato ainda pela confiança e pelo crédito a mim concedidos e que permitiram que eu tivesse autonomia para fazer minhas escolhas e deliberações ao longo do andamento da pesquisa e da elaboração da dissertação. Aproveito a oportunidade para reconhecer os limites e imperfeições que tenham persistindo na dissertação, assumindo-os antes como responsabilidade do discípulo do que das habilidades e competências do mestre.

Agradeço ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - PNCSA, na pessoa do Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida, que permitiu minha integração no grupo de pesquisa para a constituição do Fascículo 25 – Movimento LGBT da cidade de Manaus e que, por este motivo, tornou possível um acúmulo de dados de pesquisa importantes, colaborando desta forma para a elaboração de um dos capítulos desta dissertação.

Não posso deixar de agradecer a todos os militantes do Movimento LGBT de Manaus que através de suas falas contribuíram para a construção da dissertação. Agradeço-lhes a paciência pelas inconveniências de um pesquisador iniciante e pela disponibilidade com que sempre me receberam e colaboraram. Agradeço de modo particular a Bruna La Close (presidente da AAGLT – Associação Amazonense de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais), a Weydman Henriques (presidente da ATRAAM – Associação das Travestis do Amazonas), a Francisco Nery (militante LGBT e coordenador do Núcleo de Estudos Sobre Diversidade Sexual Katiró).

Meus agradecimentos aos proprietários das Boates onde se realizaram as pesquisas de Campo, que permitiram o acesso do pesquisador ao ambiente das boates, de modo particular: aos Srs. Rui Franco de Sá e Carlos Caetete (Proprietários da Boate Cabaret); a Sr. Alberto Loureiro (Proprietário da Boate A2); e ao Sr. Zeca Couto (Proprietário da Boate TS).

Agradeço ainda aos anônimos e anônimas que se prontificaram a colaborar com a pesquisa através de conversas e entrevistas. Pessoas de várias classes sociais, de orientação sexual diversa, de diferentes lugares da cidade de Manaus, que apesar de toda diferença comungam do desejo de que um dia possam ser respeitados não pelo desejo que possuem, mas pela sua cidadania que lhes pertence de direito.

Agradeço também aos inúmeros amigos que conquistei ao longo desta pesquisa. Aos meus amigos, colegas e companheiros da turma de mestrado, pela convivência, pelos momentos de alegria, pelo aprendizado mútuo, pelas escutas.

Agradeço ao CNPq pela bolsa a mim concedida e sem a qual a realização desta pesquisa não seria possível.

Enfim, agradeço à minha mãe e a ela dedico o êxito deste trajeto. Ela que me amou primeiro, que me aceitou como sou e que muito me ensina sobre a tolerância, o respeito pelo próximo e o valor e a dignidade da pessoa humana. E aos meus amigos e amigas que pacientemente aceitaram meus silêncios, meu isolamento, minha ausência.

Enfim, certamente, que estas poucas palavras não são suficientes para dar conta de agradecer a todos aqueles/as que colaboraram com a construção da dissertação, contudo, não podíamos deixar de manifestar nosso sentimento de gratidão pelos inúmeros auxílios que recebemos ao longo de nosso trabalho. Destacamos, de modo particular, todos aqueles/as que de forma mais direta estiveram colaborando conosco. Outros/as não foram lembrados/as não

pelo grau de menor importância que pudessem ter tido, mas pelo limite próprio de nossa humana memória. Assim sendo, agradeço mais uma vez aos colegas que me acompanharam, aos amigos que me suportaram, aos mestres que comigo colaboraram e a todos aqueles que pelos mais variados motivos do transcurso se afastaram de mim, mas que de alguma forma ao todo acrescentaram. Não esqueço também das devidas desculpas pelas minhas limitações, falhas ou excessos.

RESUMO

O presente trabalho volta-se para a análise sobre os processos de construção e apropriação do espaço em boates GLS do centro de Manaus. Neste sentido, busca problematizar acerca das diferentes representações que os vários agentes sociais possuem sobre estes espaços e ao mesmo tempo busca refletir sobre os diferentes significados que perpassam uma boate GLS. O recorte utilizado foi o de território e representação, onde buscamos pensar a relação entre espaço, estigmatização e resistência simbólica, destacando para isso a dimensão política e a de sociabilidade.

Palavras-chave: boates GLS, território, gueto, representação, identidade, dimensão política, sociabilidade.

RÉSUMÉ

Le présent document se tourne vers l'analyse des processus de construction et d'appropriation de GLS discothèques espace dans le centre de Manaus. En ce sens, soulève des questions sur les différentes représentations des différents acteurs sociaux sur ces domaines et en même temps, réfléchit sur les différentes significations qui passent par une GLS discothèque. La coupure était le territoire et de représentation, où nous pensons que la relation entre l'espace, la stigmatisation et la résistance symbolique, notant que pour la dimension politique de la sociabilité.

Mots-clés: boîtes de nuit GLS, territoire, ghetto, la représentation, l'identité, la dimension politique, la sociabilité.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. Capítulo I: SITUANDO O LUGAR DO OBJETO	20
2.1. <i>Manaus, a capital do Amazonas</i>	20
2.1.2. <i>O centro da cidade</i>	23
2.1.3. <i>A etnografia</i>	30
2.1.3.1. <i>Boate TS</i>	30
2.1.3.2. <i>Boate A2</i>	34
2.1.3.3. <i>Boate Cabaré</i>	37
2.1.4. <i>A entrada em Campo</i>	40
3. Capítulo II: DA DIFERENÇA À DIFERENÇA – O ESPAÇO SOB DIFERENTES PONTOS DE VISTA	48
3.1. <i>Uma análise da construção do fascículo LGBT do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia</i>	48
3.1.2. <i>O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia</i>	48
3.1.3. <i>A construção do Fascículo: O que pensa o Movimento LGBT de Manaus sobre os espaços GLS?</i>	50
3.2. <i>O contraponto: Os de dentro (A casa); Os de fora (A rua)</i>	64
3.2.1. <i>A casa</i>	64
3.2.2 <i>A rua</i>	80
4. Capítulo III: BOATE GLS – A FLUIDEZ DO ESPAÇO	94
4.1.1. <i>Boate GLS? Mas que espaço é este?</i>	97
4.1.2. <i>O aspecto político</i>	101
4.1.3 <i>O aspecto de sociabilidade</i>	108
5. Capítulo IV: PENSANDO A DIVER(CIDADE)	115
CONCLUSÃO	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
ANEXOS	149

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de algumas reflexões acerca da relação entre espaço e estigmatização social. Tomando como foco de análise as boates GLS do centro da cidade de Manaus, quisemos destacar quais as representações sociais que cercam estes espaços. Representações estas que possibilitam que diferentes agentes sociais criem as mais variadas formas de relações sociais, seja de afastamento seja de aproximação. Neste sentido, nossas indagações buscaram, à luz do trabalho de campo, dar conta de duas dimensões que para nós se mostraram essenciais para a compreensão destas boates: a dimensão política e a dimensão de sociabilidade.

Tomando como eixos norteadores idéias como: circuito gay (Magnani, 1996) e gueto gay (França; Simões, 2005), indagamos ao longo da pesquisa sobre os diversos significados e representações que estes espaços sociais possuem para “os de dentro” (freqüentadores) e para “os de fora” (a circunvizinhança), buscando, dessa forma, pensar que atributos cercam estes locais de encontro e entretenimento. Para isso partimos de algumas indagações básicas: Que tipo de relações sociais são constituídas em tais ambientes? Quais as vivências proporcionadas? Que veiculações são feitas (representações)? De que forma diferentes agentes sociais se inserem e se apropriam desses ambientes?

Assim, ao nos voltarmos para o estudo de boates GLS nos propomos pensar de que forma o espaço pode se constituir como um importante elemento de socialização, visibilidade política ou estigmatização social. Vale ressaltar que, pensar a idéia de espaço é ter em mente a idéia de apropriação e subjetivação por parte dos diferentes agentes sociais. É perceber que o contexto relacional a que remete determinados ambientes sociais pode ser determinante para a compreensão de identidades de grupos tidos como hierarquicamente vulneráveis e invisíveis.

É perceber a dinamicidade das relações sociais e os mais variados usos feitos pelos diferentes agentes sociais em torno do espaço que circundam.

Metodologicamente tivemos como proposta inicial, fazer um mapeamento das boates GLS do centro da cidade de Manaus. O intuito seria fazer uma análise, a partir dos dados obtidos pelo mapeamento, para perceber de que forma se dariam os usos e a apropriação destes locais por diferentes agentes sociais, pensando a territorialidade como um elemento da representação social e um fator importante no processo de construção e afirmação de identidades. Ao longo da pesquisa nos deparamos com uma série de dificuldades e limitações, sobretudo, no que diz respeito à disponibilidade dos frequentadores para falar conosco fora do contexto das boates, dada a preocupação com a manutenção do anonimato. Com relação à seleção de colaboradores, foram metodologicamente constituídos pelo menos três grupos de entrevistados: 1) proprietários de boates GLS; 2) moradores/trabalhadores das proximidades das boates; 3) e frequentadores de boates GLS. Neste sentido, foram entrevistadas aproximadamente vinte pessoas (entre proprietários, frequentadores, trabalhadores e moradores), de orientação sexual diversa, de várias classes sociais, entre 20 a 30 anos de idade. Primeiramente, buscamos contatar com os donos dos estabelecimentos onde seria realizada a pesquisa, afim de que pudéssemos obter autorização para a realização da mesma. Das três boates estudadas (TS, A2 e Cabaré), somente os proprietários das boates A2 e Cabaré aceitaram conceder entrevista formal. Já o proprietário da boate TS não se mostrou muito disponível, sendo que a informação de conseguimos sobre a história da boate foi concedida via celular.

Buscamos também entrevistar alguns moradores e trabalhadores que permaneciam nas adjacências das boates. Conseguimos várias entrevistas, principalmente com relação à boate A2. Neste sentido, a localização geográfica das boates foi determinante no número de

entrevistas com informantes-chave (no caso, de trabalhadores/moradores das adjacências das boates). A boate A2, por se localizar em uma área comercial de intensa movimentação, foi a mais promissora no que diz respeito à quantidade de entrevistas com moradores e trabalhadores. Ao todo (contando as três boates) foram entrevistadas dez pessoas (entre homens e mulheres).

No que concerne aos frequentadores dos espaços pesquisados, sempre buscávamos agendar uma entrevista fora do ambiente da boate (o que nem sempre foi possível, haja vista a preocupação destes frequentadores com a manutenção do sigilo e anonimato de suas identidades sociais). Quando conseguíamos o contato telefônico dos frequentadores, buscávamos agendar posteriormente uma conversa/entrevista em outro local (sempre deixando à livre escolha do colaborador). Desta forma, os locais para a realização das entrevistas dependeram da disponibilidade de cada entrevistado e do grupo ao qual estavam metodologicamente inseridos, sendo que parte das entrevistas foram feitas no próprio ambiente de trabalho/residência (no caso dos proprietários das boates; dos moradores e trabalhadores das adjacências desses espaços) ou em espaços indicados pelos colaboradores (no caso dos frequentadores).

Vale lembrar que o nome e demais dados que pudessem de alguma forma prejudicar os entrevistados foram omitidos na elaboração do trabalho, prezando-se desta forma pelo anonimato dos sujeitos. Neste sentido, os nomes dos frequentadores das boates investigadas, e dos moradores/trabalhadores das adjacências destas boates foram mantidos em sigilo, optando-se dessa forma por nomes fictícios, exceto nos casos em que as entrevistas estiveram relacionadas com representantes dos movimentos sociais LGBT e proprietários das respectivas boates, mantendo-se, portanto, a devida identificação. Nas entrevistas com os frequentadores buscamos a colaboração de um universo bem variado de agentes sociais (gays,

lésbicas, bissexuais, heterossexuais) visando deste modo não restringir nossos dados à determinada orientação sexual. No processo de trabalho de campo, conversas informais, observação direta, além de entrevistas, serviram como instrumentos de pesquisa.

Com relação às conversas informais, elas se davam no próprio contexto das boates. Íamos sempre nos dias de funcionamento de cada boate e buscávamos construir certo entrosamento com alguns freqüentadores. Nestas conversas informais, quase sempre, não me identificava enquanto pesquisador, o que de alguma forma possibilitava uma relação mais descontraída e menos tensa por parte do colaborador. Em algumas situações em que percebíamos certa segurança e abertura por parte do freqüentador com quem conversávamos, logo buscávamos anotar o contato (sempre explicando o motivo do interesse).

Como dito anteriormente, buscamos selecionar para as entrevistas um público bem variado: gays, lésbicas, heterossexuais e bissexuais. De diferentes classes sociais, raça, gênero, faixa etária. Vale lembrar que, no que concerne a categorização que fizemos com relação à orientação sexual dos entrevistados/as, sempre partimos da auto-definição dada pelos colaboradores. As entrevistas aconteceram em locais escolhidos pelos entrevistados: todos em locais abertos. A maioria das entrevistas foram feitas no Largo São Sebastião, localizado no centro histórico de Manaus, bem ao lado do Teatro Amazonas. Algumas conversas foram gravadas, outras apenas registradas num bloco de nota. Aqui cabe uma ressalva: a grande maioria dos entrevistados, ao serem indagados se a entrevista poderia ser gravada, manifestavam certo desconforto. Assim sendo, preferiam ir relatando enquanto eu tomava nota no bloco. Todos os entrevistados não aceitaram assinar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), mesmo após ter sido explicado as razões do documento. Como em nosso projeto adotamos a idéia de liminaridade apresentada por Van Genep (1978) e Turner (1974), acreditamos que a postura dos entrevistados (a demasiada preocupação com

o sigilo e o anonimato) se configurou como um importante elemento de análise para nós. Pudemos detectar durante toda a realização do trabalho de campo que, de fato, a preservação da identidade social dos frequentadores de boates GLS é um imperativo de grande valor.

A escolha do objeto deveu-se à nossas leituras sobre espaço à partir de Pierre Bourdieu e também sobre as reflexões delineadas por Michel Foucault em torno da história da sexualidade. Contudo, seria de todo empobrecedor se não destacássemos também nossa motivação pessoal para trabalhar especificamente com a questão das boates GLS. A partir de todo um processo de discussão, proporcionado pelas disciplinas da Especialização em Antropologia,¹ em que era discutido o papel do antropólogo em campo e sua relação com os “nativos”, bem como os desafios que cercam o estudo de um grupo social que possui uma relativa proximidade conosco (espacial/geográfica), me fizeram problematizar, a partir de minha própria rede de relações (amigos, colegas, conhecidos), o modo como os diferentes agentes sociais também lidavam com a afirmação/negação de suas identidades sociais criando desta forma diferentes mecanismos de resistência e auto-afirmação. Mas quais seriam os limites de nortear a pesquisa a partir desse pano de fundo? Isto por si mesmo tornaria o trabalho estéril? Acreditamos, conforme Goldenberg,² que os limites de uma pesquisa não estão relacionados ao objeto de estudo que se tem como foco, e nem mesmo podemos estar seguros de que estamos livres dos processos de identificação. A subjetivação também se configura como produto e resultado de relações sociais que se dão ao longo do desenvolvimento da etnografia. Ou seja, a própria pesquisa já é de antemão resultado de subjetivações (empatia, fascínio, curiosidade, estranhamento). Neste sentido, comungamos com a idéia de Goldenberg que afirma,

¹ Especialização Lato-Senso “Gestão para o Etnodesenvolvimento”, onde pude contar com a orientação do Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida.

² **GOLDENBERG**, Miriam. *De perto ninguém é normal: Estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. 2 ed. São Paulo: Record, 2005.

Lembrando mais uma vez de Malinowski, a antropologia seria o estudo segundo o qual compreendendo o primitivo poderíamos chegar a compreender melhor a nós mesmos. As pesquisas que realizo e oriento demonstram que compreender melhor o outro ajuda não só a compreender melhor a nós mesmos mas também a revelar aspectos obscuros, ocultos, silenciados, de nossas próprias vidas e da cultura na qual estamos inseridos. Subjetividade e objetividade estão sendo transformadas, reinventadas, explicitadas em nossas pesquisas (Goldenberg, 2005: 30-31).

Com isso, acreditamos que não é uma busca homérica pela imparcialidade, neutralidade e objetividade que podem garantir a exatidão de uma pesquisa. Antes, é preciso problematizar a própria construção deste conhecimento. Assim sendo, não só os dados são passíveis de análise crítica como também o próprio ponto de vista do pesquisador. Afinal, de onde estamos falando? Isso é importante indagar. Contudo, não podemos perder de vista que não é bem a distância geográfica ou subjetiva que garante que possíveis erros sejam evitados. Eles podem ocorrer até mesmo quando já não estamos próximos de nossos “nativos”, mas quando nos encontramos na segurança de nossos gabinetes. Ou seja, as “influências” podem ocorrer tanto na relação de proximidade com o outro, como também no próprio ato de construção do conhecimento (momento em que ficamos “isolados” em nossos gabinetes de possíveis influências externas). Daí nossa opção pela reflexividade proposta por Pierre Bourdieu:

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma reflexividade reflexa, baseada num “trabalho”, num “olho” sociológico, permite perceber e controlar no campo, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência de seus próprios pressupostos? Principalmente esforçando-se para fazer um uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos da ciência social para controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas (Bourdieu, 2003: 694).

Nossa proximidade com os agentes sociais que compunham o cenário das boates, antes de se apresentar como uma dificuldade ou um limite, nos possibilitou acesso a informações que em outro tipo de relação talvez não pudéssemos obter. Para nós foi de fundamental

importância o contato com o movimento social LGBT de Manaus, pois foi através destes que pudemos chegar até aos respectivos proprietários das boates estudadas.

Assim sendo, no *primeiro capítulo*, fazemos uma discussão sobre os aspectos gerais da etnografia. Destacando o local da pesquisa, a descrição das boates, a entrada em campo. No *segundo capítulo*, através do enfoque na construção do Fascículo 25, do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, ressaltamos o ponto de vista do Movimento social LGBT de Manaus sobre o espaço frequentado pelos LGBTs, bem como analisamos também a representação dos diferentes agentes sociais que contribuem para a constituição do espaço social das boates (os de dentro e os de fora). No *terceiro capítulo*, enfatizamos as diferentes dimensões sociais que cercam o contexto das boates: a dimensão política e a sociabilidade. E no *quarto*, e último, *capítulo* fizemos uma discussão sobre as boates GLS como resultado das relações sociais que se dão no interior da cidade.

Enfim, esperamos, através das discussões propostas nesta etnografia, contribuir de alguma forma com o atual debate em torno das sexualidades não hegemônicas e, ao mesmo tempo, colaborar por meio das idéias aqui apresentadas para que, de fato, sejam buscadas novas alternativas de inserção de grupos sociais tidos como “minorias” no contexto social das políticas públicas. Formas estas que não mais segreguem e excluam em nome da diferença através de espaços guetificados, mas que sejam capazes de garantir que todos efetivamente tenham acesso de modo livre e democrático a todos os espaços que ainda hoje, apesar de públicos, permanecem na esfera do privado (restritos a segmentos sociais hegemônicos e discriminatórios).

2. Capítulo I: SITUANDO O LUGAR DO OBJETO

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam outra coisa.
(*As cidades invisíveis*, Ítalo Calvino)

2.1. *Manaus, a capital do Amazonas*

Chamada de “A Paris dos Trópicos” a cidade de Manaus tem sua história delineada a partir de acontecimentos históricos específicos. Contudo, é através do período áureo da Borracha (iniciado em 1860) que Manaus passa a ser vislumbrada com todo o seu esplendor. Alguns autores que se debruçam sobre a história da cidade destacam que aos poucos, com a efervescência econômica e cultural ocasionada pelo apogeu da borracha a pequena “vila” deixa seu status de cidade pequena e aos poucos adquire, através de mudanças político-econômicas, o status de uma grande metrópole (sobretudo a partir da segunda metade da década de 60, com a implantação da Zona Franca de Manaus).

Se por um lado isto revelava o potencial da região para o desenvolvimento, por outro estava a ocultar profundas desigualdades sociais que deixava bem claro a quem deveriam atender as demandas desenvolvimentistas.

A espacialidade da cidade decorre de conflitos entre os vários sujeitos, em que prevalecem os interesses de setores ou segmentos de classes mais poderosas e atuantes que impõem ao Estado mecanismos de controle capazes de garantir suas necessidades em prejuízo dos demais segmentos da sociedade (Oliveira, 2003, p. 73)

Manaus é a capital do Amazonas, tendo atualmente 1.646.602 habitantes (segundo o senso de 2007 do IBGE). Cidade com muitos atrativos, mas também com enormes problemas sociais como qualquer outra capital metropolitana de nosso país. Cidade de oportunidades e de prosperidade, para alguns; Cidade de exclusão e de desigualdades sociais, para outros.

Cidade de índios, caboclos, ribeirinhos, de gente de várias partes do Brasil e do exterior. Após um longo processo de transformações econômicas, políticas e sociais a cidade de Manaus, aos poucos se distanciou de uma imagem bucólica para configurar-se como uma capital metropolitana, com os problemas e contradições sociais que cercam qualquer centro urbano brasileiro.

Se o ciclo da borracha impregnou em nossa cidade um ar europeu com monumentos e edificações que trazem em sua estrutura elementos das grandes cidades européias, o desenvolvimento de uma economia de mercado com ênfase tecnológica (instaurado, sobretudo, a partir da criação da Zona Franca em 1967) foi responsável por modificar profundamente a forma de vida de sua população e sua própria organização espacial. Basta lembrar que o presidente Castelo Branco reformula o projeto da Zona Franca de Manaus (ZFM), uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, com a finalidade de criar um centro industrial, comercial e agropecuário, dotado de concessões econômicas que permitissem o desenvolvimento do Amazonas, com um prazo de duração estipulado em 30 anos. A cidade de Manaus toma novo impulso, transformando-se num pólo industrial. Melhorias urbanas como a abertura de novas ruas e avenidas, renovação do abastecimento de energia elétrica, reaparelhamento e expansão do sistema de distribuição de água, abertura de estradas, etc.

Os fluxos migratórios estimulados pelas possibilidades de “mudança de vida” e pelas “oportunidades de trabalho” bem como o crescimento populacional de sua própria gente ocasionaram uma rápida transformação da cidade de Manaus, seja em termos populacionais seja em termos infraestruturais. Nestes termos, a cidade passou aos poucos a um inchaço urbano, fruto de uma ocupação desordenada e mal planejada, com seus conseqüentes problemas sociais. Contudo, seria demasiado empobrecedor de nossa parte apenas abordá-la

sob o ponto de vista de seus dilemas e contradições. Podemos nos questionar: seria Manaus uma rara exceção de ser uma grande cidade com grandes problemas? Certamente que não. Do mesmo modo que emergem os dilemas, também surgem as válvulas de escape para os problemas. É a Manaus dos negócios, da sede do Governo, mas é também a Manaus do lazer e das festividades.

Assim, nada nos impede de dizer que Manaus continua sendo “a cidade doce e dura em excesso” (Oliveira, 2003): com seus monumentos nos remetemos à uma época de esplendor e luxúria, próprios da *Belle Époque*; com suas grandes avenidas e seu tráfego intenso, nos deparamos com a Manaus dos “novos tempos” em que a promessa de “desenvolvimento” já não parece tão promissora. A Manaus do antigo e do novo, do “Teatro centenário” aos “Shoppings, lojas e magazines” recém inaugurados. Hoje Manaus tem se destacado no cenário nacional e internacional seja pela sua economia crescente, seja pelas suas belezas naturais, seja pelo seu potencial artístico-cultural.

Hoje seus atrativos turísticos são bem diversos, ficando o turista cada vez mais surpreendido com a gama de opções de lazer e entretenimento: Manaus das festas folclóricas, dos grandes festivais e das grandes atrações nacionais e internacionais, palco dos mais variados eventos e promoções; Manaus do “Largo”, do “Parque dos Bilhares”; Manaus do Carna-Boi, do Festival de Cinema e de Ópera; Manaus dos antigos e dos novos moradores; Manaus de todas as idades e de classes sociais; Manaus dos mais variados gêneros e tendências.

2.1.2. O Centro da Cidade

O centro da Cidade de Manaus localiza-se geograficamente na Zona Centro-Sul, é a parte mais antiga da cidade e abrange uma área popularmente conhecida como Centro Histórico de Manaus. O centro histórico é basicamente formado por obras arquitetônicas que remontam ao período Áureo da Borracha, *Belle Èpoque*, em destaque o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça e Palácio Rio Negro, a Igreja de São Sebastião, a Igreja da Matriz, o Mercado Municipal Adolpho Lisboa, o prédio da Alfândega, o Porto de Manaus, entre outros.

O centro já foi considerado um local dedicado às famílias tradicionais da cidade. Atualmente devido a uma série de transformações políticas e econômicas pelas quais passou e passa a cidade, o centro foi aos poucos sendo desocupado e as famílias que residiam nesta localidade migraram para outros pontos da cidade. Se o esvaziamento habitacional não foi de todo completo, haja vista ainda existirem residências na parte histórica que continuam sendo ocupadas, foi de algum modo preponderante.

Basicamente hoje o centro da cidade abriga uma vasta zona comercial que compreende lojas, comércios, bancos, camelôs e uma ampla e variada gama de hotéis (motéis) populares. É exatamente neste contexto que se encontram as principais boates freqüentadas pelo público GLS³ (Gays, Lésbicas e Simpatizantes).

Como toda capital metropolitana Manaus, passou, e ainda passa, por problemas relativos ao crescimento da cidade e da população e à falta de planejamento urbano. Neste contexto, o centro da cidade passou por um longo processo de reapropriação, em que destacou-se a

³ A Sigla GLS refere-se à uma dimensão mercadológica. Tal sigla teve seu contexto de “surgimento” numa realidade econômica, onde largos setores do mercado capitalista (bens, serviços, mídia) buscavam inserir a causa gay dentro de um mercado de consumo: G, gay; L, lésbica; S, simpatizante. Um discussão mais acurada será feita no capítulo III.

sobreposição do setor comercial sobre o residencial. Hoje, o centro da cidade de Manaus, abriga basicamente atividades do ramo comercial. Contudo, a partir de uma atuação política por parte do governo vigente, representado por sua secretaria de cultura, vem acontecendo ao longo de um período bem recente, a tentativa de um resgate histórico de alguns dos principais espaços e monumentos da cidade e que se localizam na parte histórica. Portanto, se imperou durante algum tempo a idéia de uma decadência do centro histórico da cidade, hoje ocorrem ações que visam um movimento inverso, vide as recentes inaugurações de construções históricas que, após passarem por um longo período de restauro e recuperação, foram reapropriados pelo poder público, em sua política cultural, e inseridas num contexto de enobrecimento. Rogério Proença (2009) chama este processo de *gentrification* e afirma que “a formação das paisagens espetacularizadas, ou para usar a expressão de Sharon Zukin (1995), as “paisagens de poder”, ganha contornos cenográficos em decorrência de alguns fatores estético-funcionais e políticos” (Proença, 2007: 2).⁴

Haveria, segundo o autor, neste processo de enobrecimento pelos menos duas intencionalidades: a espetacularização da cultura e a formação de socioespacialidades fragmentadas. Neste sentido, podemos pensar algumas situações: com este processo de revitalização do Centro, as boates GLS serão expurgadas para outros lugares da cidade? Ou terão que readequar-se? Outra indagação que nos surge: será que de alguma forma, a apropriação por parte da Boate Cabaré de um local privilegiado (nas proximidades do Teatro Amazonas) não indica uma tendência a ser seguida pelas outras boates? Ou pelo contrário, revela uma tentativa de desestigmatização e distanciamento, especificamente por parte desta boate, da noção de circuito GLS? São questões que ainda não temos condições de responder

⁴ LEITE, Rogério Proença. *Cidades, Consumo e Enobrecimento Urbano no Brasil e em Portugal*. Latin American Studies Association - LASA, Rio de Janeiro, 2009.

sem cairmos numa relação de “achismos” e que talvez só o tempo poderá nos apontar uma resposta satisfatória.

O estudo sobre as boates GLS do centro da cidade de Manaus nos conduz a uma reflexão sobre as próprias condições e contradições que possibilitam a construção de espacialidades dentro de um contexto específico. Ao indagar sobre estas intencionalidades que cercam a construção dos espaços sociais nos detemos, sobretudo, nos dilemas que cercaram e cercam o uso dos espaços por determinados grupos considerados de “pouco valor”, ou mesmo indesejáveis. Manaus, em sua formação histórico-social trouxe consigo todas as contradições de um sistema onde a idéia de classe social se constituía como a base do ordenamento da sociedade.

Neste sentido, vale destacar os trabalhos da professora Ednéia Mascarenhas Dias (“A Ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920”, 1999) e do professor José Aldemir de Oliveira (“Manaus de 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso”, 2003). Ambos fazem uma análise do contexto social em que a sociedade manauara foi constituindo e ordenando o espaço social de seus habitantes.

Voltando-se para a Manaus do início do século, Ednéia Mascarenhas Dias debruça-se sobre a tentativa de desconstruir um mito que se constituiu em torno da Manaus da *Belle Époque*: Manaus enquanto a Paris dos Trópicos. Segundo a autora, Manaus não se constituía somente como esta cidade bucólica de encantos europeizantes. Pelo contrário, este modelo imaginário estava pautado segundo critérios bem definidos de classe social: “o discurso do fausto foi criado pela elite extrativista” (Dias, 1999, p. 22).

Neste sentido, fazemos nossas as palavras de Milton Hatoum no que se refere aos dilemas que cercam a constituição de uma cidade, e de modo particular a cidade de Manaus:

Os problemas de uma cidade não são apenas técnicos e estéticos. A cidade ou o espaço urbano são construídos ou destruídos segundo uma política de intervenção que pode favorecer certos segmentos sociais em detrimento de outros. O urbanismo é ao mesmo tempo uma técnica de organização do espaço e uma estratégia política. A mais singela ou ingênua intervenção urbana encerra uma intenção política e social, pois influi na vida do cidadão, no seu cotidiano, lazer e trabalho. Influi, enfim, nas relações sociais, na sociabilidade de cada pessoa” (Milton Hatoum, *Manaus o impasse da Modernidade in A ilusão do Fausto*, 1999, p. 11).

Nosso propósito ao discutir o espaço social como elemento de delimitação de papéis, fronteiras, separação e segregação social, se justifica à medida em que tomamos como base a própria localização das boates GLS do centro da cidade de Manaus. Se levarmos em conta que se localizam em zonas tidas como baixo valor moral, ou usando o termo antropológico, em “zonas morais”, revelam as contradições de uma sociedade que ainda manifesta em sua estrutura social aspectos de preconceito e de discriminação.

É recorrente na fala dos entrevistados este aspecto liminar, este aspecto de fronteira: “Vamos à boate X, Y, Z, por que em outras zonas da cidade não ficaríamos tão à vontade”. Se por um lado esta fala revela uma dimensão de “refúgio, segurança”, por outro, também destaca que certos espaços sociais estão “liberados”, ou melhor, “destinados” à uma determinada prática social. Concernente a isso nos indagamos: a cidade não pode ser apropriada de modo democrático por todos os seus agentes? Por que existem locais específicos para determinados segmentos sociais? Por que algumas relações sociais são encaradas como liminares? Ora, nossa indagação parte do pressuposto de que do mesmo modo que podemos circular pela cidade e encontrar nos diferentes bairros uma variedade de oferta de serviços e entretenimento para atenderem as demandas de uma classe heterossexual, por que são reservados espaços específicos ou determinadas zonas da cidade para aqueles que não se definem enquanto tais?

Poderíamos ser indagados sobre os reais motivos que cercam a localização desses espaços: não estariam estrategicamente localizados a fim de atender determinada demanda social? Não seriam estes, pontos estratégicos de localização comercial? Contudo, temos várias razões para acreditar que ainda que atendam a uma demanda comercial, esta determinação do local do estabelecimento também obedece a um ordenamento social. Em outros termos seria o que Toneli e Perucchi chamam de “zonas liberadas” (2006, p. 40). Ou seja, ainda que haja o entendimento de que foram deliberadamente escolhidos como espaços estratégicos para o funcionamento das boates, há um aspecto que está para além das escolhas desses grupos.

Certamente que Manaus não se configura como exceção à parte quando o assunto é espaço segregado. Historicamente estamos marcados por este dilema:

Já muito se comentou e escreveu sobre o espaço embelezado da cidade: suas praças, seus monumentos, seus edifícios suntuosos, dotados de estilos superpostos, importados da Europa. Esta é a Manaus mais divulgada, a cidade revelada em fotografias e cartões-postais. Mas há uma zona de sombra, escondida ou muito pouco revelada nesse urbanismo pretensamente grandioso (...). Trata-se da outra face da “urbs”, uma face edificante da mesma fisionomia urbana: a Manaus dos excluídos. Ou seja, a dos pobres, miseráveis, imigrantes, enfermos, loucos (Milton Hatoum, *Manaus o impasse da modernidade*, in *A ilusão do Fausto*, 1999, p. 11-12).

Assim sendo, seria bem possível ampliarmos esta lista de exclusões e colocar também as prostitutas e os homossexuais.

Nossa hipótese principal é que os espaços das boates GLS são apropriados pelos diferentes agentes sociais, criando, desse modo, marcadores sociais de diferença. Se indagarmos aos frequentadores de uma boate GLS sobre o motivo que os leva a frequentar aquele espaço, dificilmente não ouviremos como resposta o aspecto de ‘segurança’:

Me chamo João, tenho 24 anos, moro no São José. Moro com a família. Ao contrário de você, eu só trabalho. Trabalho no Distrito, estou na mesma empresa há seis anos e tenho 2 irmãos.

Por que você costuma freqüentar este espaço? João: porque aí é mais fácil você encontrar pessoas que sejam que nem você: entendidos, e que tem algo em comum; conhecer pessoas entendidas e quem sabe algo mais. *Você acha esses espaços importantes? João:* Sim. *Por que? João:* Já pensou você querer ficar com alguém e você não ter um espaço seu? E o único lugar ser só motel? Assim é dose!

(Manaus, 09/01/09, Boate A2)

Quando analisamos a fala de João, verificamos pelo menos duas idéias fundamentais: a possibilidade de estar entre os pares e ao mesmo tempo de encontrar no espaço da boate um ambiente que torne possível, experiências que em outros lugares talvez não fossem possíveis pelo grau de estranhamento com que seriam encarados.

Outro freqüentador, agora da boate Cabaré, também destaca tal aspecto de ‘refúgio’:

Me chamo Ricardo, tenho 30 anos, estou solteiro e trabalho num escritório de advocacia.

Você sempre vem aqui? O que acha desse lugar? Ricardo: Bem, primeiro, eu já fui em outras boates tidas como gays, sabe?, como a A2, a TS, mas não gostei do ambiente. Achei muito vulgar, muito agressivo. Gosto de vir aqui no Cabaré porque posso vir acompanhado, sozinho, posso vir com outro cara e posso vir com uma namorada, de repente. Entendeu? Acho um ambiente sofisticado e tranqüilo. Não sou do tipo rasgado, gosto de respeito. Aqui fico tranqüilo, às vezes pode rolar uma troca de olhares e tal. Acho que não é um lugar mal visto como os outros. Aqui me sinto bem à vontade.

(Manaus, 17/01/09, boate Cabaré)

Pode-se perceber que na fala de Ricardo, a idéia de ambiente familiar é bem marcante. Mas o que é um ambiente familiar? Tomamos de empréstimo as categorias de Roberto Da Matta (1997), a “casa” e a “rua”, para pensar que talvez existam certas relações sociais nesta boate

em particular que remetam ao universo da casa/da família. Segundo a fala do entrevistado ele poderia vir acompanhado de qualquer pessoa, isto não geraria transtorno, pois o lugar dá uma idéia de “tranqüilidade”. Mas o que significa esta tranqüilidade? Talvez a resposta esteja na própria fala de Ricardo: em relação às outras boates, o Cabaré mostra-se “bem visto”. A tranqüilidade pode ser entendida como o que não causa “má impressão”, como algo que não ponha em cheque a “reputação” do freqüentador.

Assim sendo, acreditamos que é então na relação social que se constrói o espaço e ao mesmo tempo este é significado. O processo de compreensão das boates GLS não pode prescindir do entendimento das relações sociais que se dão no seu interior: relações hierárquicas, assimétricas, heterogêneas, etc. O espaço apropriado é constantemente modificado e re-significado, dando lugar a múltiplas possibilidades de interação, entendimento e projeção. Do mesmo modo que são diferentes entre si, as boates também permitem diferentes experiências e vivências em seu interior. Mas se por um lado, as diferenças entre as boates GLS se dão em vários níveis de significação (classe social, orientação sexual, raça, gênero, faixa etária); as semelhanças se cruzam no momento mesmo em que estas mesmas boates passam a ser entendidas como resultado de um processo dialético de disputas entre a estigmatização social e a resistência simbólica de minorias sociais.

As boates GLS, assim como outros espaços na Manaus da *Belle Époque*, passaram por um espaço de disciplinamento. Ele é sutil, mas eficaz. Está a serviço de determinada demanda, de determinados grupos, que querem distância e separação dos socialmente indesejáveis. O ordenamento espacial de Manaus em fins do século XIX, estava a serviço de interesses econômicos motivados pelo ciclo da borracha, neste sentido, grande atenção foi dada não só ao embelezamento da cidade (cujo intuito principal era o de atrair investimentos estrangeiros), mas também a higienização (que se referia não somente à uma idéia política de “saúde

pública”, mas principalmente à uma política de “saúde” social, cujo foco seria o de afastar os indivíduos/grupos indesejáveis). Nas palavras de Ednéia Mascarenhas Dias, tratava-se de uma “higiene penitenciária” (1999, p. 85).

Em outros termos, na Manaus do início do século XX, “processava-se a transformação do espaço público, com a preocupação de mostrar ao mundo o progresso material da cidade, mas ao mesmo tempo era necessário não esquecer de destruir qualquer elemento que pudesse contrariar a imagem de uma cidade civilizada” (Dias, 1999, p. 82).

Será que no que tange aos espaços destinados às boates GLS não procede à mesma coisa? Certamente que os instrumentos de controle e distinção tornam-se muito mais sutis e eficazes. Partimos da idéia de que os espaços sociais são produzidos, e as boates certamente fazem parte deste processo dialético de produção e reprodução. Afinal, “a estrutura da cidade não está dissociada das práticas sociais e dos conflitos entre os vários agentes produtores do espaço urbano (...). Esta luta reflete-se no controle e apropriação do espaço, marcando as maneiras como a cidade vai sendo produzida” (Oliveira, 2003, p. 71).

2.1.3. A Etnografia

2.1.3.1 Boates TS

Uma das boates voltadas ao atendimento do público GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) é a *Boate TS (Turbo Seven)*, também conhecida com o nome de Boate dos Ingleses. Pela constatação que fizemos no trabalho de campo, trata-se da mais antiga e mais popular. Localizada numa área conhecida como zona portuária, a boate encontra-se situada próximo ao antigo museu do Porto (Rua Vivaldo Lima, nº 31). Segundo várias pessoas que circulam pelo local (trabalhadores, comerciantes, garotas de programa) trata-se de uma “área

meretrícia”. De fato, constatamos em nosso trabalho de campo uma grande concentração de prostitutas, de casas de *show* e de motéis.

No tocante ao espaço da boate, a casa tem três andares e duas pistas de dança. Uma delas fica no térreo, onde há também palco para *performance* de atrações nacionais e locais, como *shows* de *drag queens* e de *gogo-boys*. No 2º piso fica a outra pista de dança. A casa abriga também dois bares (um no primeiro piso e outro no segundo piso) e alguns sofás, para quem quer descansar da agitação da pista de dança (localizado no primeiro piso, próximo da entrada). No último andar funciona o *darkroom* (quarto escuro).⁵ A boate é aberta aos sábados e domingos. Segundo o proprietário, Sr. Zeca Couto, a boate existe desde 1967 e era de propriedade de seu pai. Zeca disse ter assumido a administração do lugar há pelo menos uns 20 anos. Segundo o mesmo, o nome atual de TS remonta à uma viagem que seu pai (primeiro proprietário) realizou à Espanha, onde encontrou um espaço parecido com o seu. TS tratar-se-ia, portanto, de uma homenagem ao clube europeu. Assim, o antigo nome de boate dos Ingleses passa a ser intitulado de Club TS.⁶

Com relação à esta boate, sua localização beira a liminaridade. Localizada na Zona Portuária da Cidade, a boate é circundada por grande movimento de pessoas (durante o dia destaca-se a presença de muitos homens no local haja vista seus trabalhos estarem ligados à atividades portuárias).

⁵ Os *darkrooms* são espaços escuros onde os frequentadores podem se engajar em trocas sexuais diversas. No contexto das boates estudadas, somente a boate TS possui *darkroom*. Vale destacar que tais ambientes, evocam por si mesmos uma aura de mistério que inspira desejo e sedução. Normalmente, contendo pouca ou mesmo nenhuma visibilidade, tais espaços são locais propícios para uma “pegação” e um sexo casual. Ressaltamos também que nestes ambientes, o toque se torna o mecanismo por excelência de aproximação, haja vista a própria escassez de luz no local. O primeiro impacto quando se entra num *darkroom* é a escuridão (completa ou parcial): não se consegue ver nada. Não há espaço para conversa; a abordagem costuma ser direta. O anonimato mostra-se como fundamental. Também cabe ressaltar o caráter de risco (no que tange à prática sexual) que não é levado em consideração pelos frequentadores, nestes momentos as regras sociais, os controles desaparecem. É a satisfação do próprio desejo que torna-se imperativa. Poderíamos dizer, sob um ponto de vista sociológico que é um momento onde o estado de “anomia” se estabelece temporariamente.

⁶ Estas informações foram obtidas por telefone e concedidas pelo próprio proprietário em 07/05/09, após inúmeras tentativas de agendamento de uma conversa pessoal.

Se nos localizarmos à Rua 15 de Novembro (ponto onde permanece o popular terminal de ônibus coletivo da Matriz, à poucas passadas da Catedral Metropolitana) é possível termos uma visão bem ampla do lugar. Olhando para o lado esquerdo, é possível perceber o Porto de Manaus com seu constante fluxo de pessoas que a todo momento chegam e saem da cidade. Voltando o olhar para o lado direito, além do prédio que abriga uma agência do Banco do Brasil, é possível perceber uma grande concentração de comércios, hotéis/motéis, e bares.

Ao nos pormos em direção à Boate, passamos pela Rua Almirante Tamandaré, onde encontramos uma grande concentração de casas de *show* (*stripers*). Durante o dia, quase passa despercebida as atividades que se desenvolvem nestes ambientes. Mas durante a noite, tudo se transforma. As casas de *shows* abrem e servem de “abrigo” a um grande número de homens dos mais variados cantos da cidade de Manaus. São homens que trabalham nas adjacências do Centro da cidade, na área portuária ou que são taxistas. Ao final da Rua Tamandaré indo em direção à *boate* TS (localizada à Rua Vivaldo Lima, nº 31), encontramos o antigo Museu do Porto (que permanece fechado). Permanecendo em frente do Museu do Porto, do lado direito temos uma empresa portuária, do lado esquerdo é possível ver o sindicato dos trabalhadores de estaleiros e portos e alguns bares. Indo para frente da boate, temos à esquerda a sede administrativa da Secretaria Municipal de Limpeza Pública e ao final da rua um prédio vermelho onde está localizada a administração do Porto de Manaus.

Enfim, durante o dia a paisagem nos evocaria uma área fantasma se não fosse a concentração dos trabalhadores portuários, mas durante a noite esta aparente tranquilidade cede lugar a uma intensa, agitada e badalada vida noturna. Propícia tanto para os gays

(aqueles que se dirigem ao espaço da *boate* TS), quanto para os heterossexuais (que tem nas casas de *shows* seu *point*⁷ de distração e entretenimento).

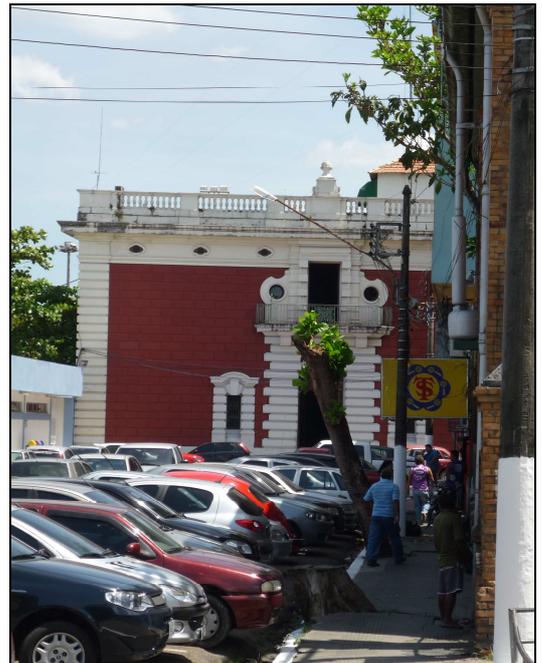


Figura 1: Fotos da boate TS, Manaus 06/10/2009

⁷ *Point* é uma expressão de língua inglesa e no contexto da noite GLS significa os locais de encontro, muitas vezes bares e boates, mas não se restringem a eles. Podendo ser entendido como um local que propício para se divertir.

2.1.3.2. Boate A2



Figura 2: Foto da frente da boate A2, Manaus 06/10/09

Outra boate, que pode ser tida como relativamente nova (inaugurada em 24/01/2003) e que também encontrou no centro da cidade um ambiente “privilegiado” para oferecer ao público GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) “distração” e “alegria”, foi a A2. A boate A2 está localizada próximo a uma importante avenida do centro da cidade, a avenida Getúlio Vargas. Ao contrário da TS, que é freqüentada predominantemente por um público mais maduro, a A2 tem como público marcante, jovens e até adolescentes. A boate possui três bares (um na entrada, outro ainda no primeiro piso e um terceiro no segundo piso). Logo na

entrada é possível se deparar com uma porta que dá acesso ao interior da boate. Do lado direito, de quem entra, há um bar. Seguindo em frente, encontramos uma pista de dança e logo ao fundo outro bar. Nestes bares, é comercializada uma grande variedade de bebidas alcoólicas e refrigerantes. No segundo andar tem-se a mesa de sinuca, uma passarela (quase sempre usada como pista de dança) e dois banheiros. No terceiro piso, fica um palco para apresentações de *drag queens* e de *gogo boys* e uma grande pista de dança. Na área externa, atrás da boate encontra-se um ambiente aberto onde se pode respirar um pouco e aliviar o cansaço da noite sentado numa “mureta” de concreto. Também nesta pequena área é possível ter um ambiente relativamente escuro, que não chega a ser um *darkroom* (quarto-escuro), mas que os frequentadores normalmente utilizam para uns “amassos” (categoria êmica para descrever beijos e abraços fortes que se dá em alguém). Há relatos de alguns entrevistados de que algumas vezes já presenciaram masturbação ou mesmo sexo casual entre dois homens em tal local da boate.

Localizada à rua Saldanha Marinho nº 560, centro da cidade, a Boate A2 encontra-se numa movimentada área comercial. Tomando como base a frente da boate, quem permanece do mesmo lado da boate, pode perceber uma variada oferta de serviços que circunda a área. Do lado direito da boate (sentido de quem sobe a Saldanha Marinho em direção à esquina da Rua Rui Barbosa) encontra-se uma loja de bolsas e acessórios femininos (Victor Couros) seguido de um salão de beleza. Do lado esquerdo (sentido de quem desce a Saldanha Marinho em direção à Avenida Getúlio Vargas) segue um prédio residencial, uma lanchonete (Bom Gosto), duas lojas comerciais de roupas e acessórios e no fim da rua (cruzamento da Rua Saldanha Marinho com Av. Getúlio Vargas) encontra-se um importante *point gay* (Bar do Alex). Este bar também pertence aos proprietários da Boate A2 e durante as noites de funcionamento da boate (quintas, sextas e sábados), tem servido como local de espera onde reúnem-se muitos frequentadores da boate à espera do início da abertura da boate. Vale

ressaltar que na Avenida Getúlio Vargas é intenso o fluxo de carros e ônibus haja vista ser uma importante rua do centro da cidade e também por se localizar uma área de terminal de ônibus coletivos. Nesta Avenida também é possível encontrar uma variedade de hotéis, sendo um dos mais conhecidos e badalados o “Taj Mahal” (hotel de luxo que recebe um grande número de turistas estrangeiros que vem à cidade a passeio ou a negócios).

Na frente da A2, do outro lado da rua, também encontramos durante o dia uma intensa movimentação comercial. É possível visualizar lojas comerciais (óticas, livrarias, etc), salão de beleza, uma vila residencial (que fica bem ao lado de um estacionamento privativo), e a recém inaugurada Policlínica Centro (um dos Centros de Saúde do Estado). A poucos metros da boate (no sentido de quem sobe a Saldanha Marinho no sentido da Rua Costa Azevedo) encontramos uma escola pública (Escola Saldanha Marinho), onde é possível perceber uma grande concentração de jovens e adolescentes, sobretudo, nos momentos de intervalo ou no horário de encerramento das aulas.

2.1.3.3. Boate Cabaret



Figura 3: Foto do Slogan da Boate Cabaret, Manaus

06/10/2009

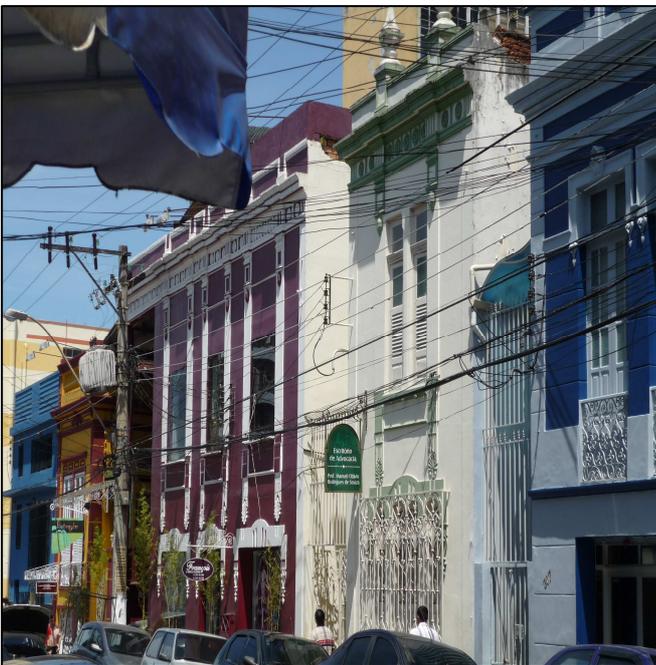


Figura 4: Fotos da frente da boate Cabaret, Manaus 06/10/2009

Uma terceira boate recentemente inaugurada (13/02/2008) e que abriga um público mais “requintado” (segundo fala dos entrevistados), é a *Boate Cabaret (Cabaret Night Club)*, popularmente conhecida como *Cabaré*. A boate Cabaré encontra-se numa área privilegiada. Próximo ao teatro Amazonas, é cercada por salão de beleza, pequenas lojas, restaurantes. Vale destacar que esta boate embora seja freqüentada pelo público GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), não é reconhecida pelos donos como uma *boate gay*. Segundo eles, é uma boate e não tem um público específico. Destacam ainda que o local tem todo um “requisite” com relação às outras duas boates e que isso é que a torna diferente. A boate apresenta aspectos sofisticados, funciona em cima de um salão de beleza e possui dois ambientes: uma área de “livre” acesso, onde se pode dançar os mais variados ritmos oferecidos pela casa; e outra área mais “restrita”, chamada de área *vip*, onde o freqüentador pode se acomodar confortavelmente em sofás distribuídos ao longo do espaço, além de contar com um atendimento personalizado por parte dos *bar-mans*. A casa não oferece *darkroom*, o que não impede que ocorram flertes e paqueras, contudo tudo bem “mascarado” (discreto). Por detrás da boate tem-se uma pequena área onde é possível encontrar uma piscina.

É importante destacar que este ambiente à parte tem servido para trocas de “idéias” e alguns amassos eventuais. Mas de fato, a casa não tem este propósito e, de um modo geral, permanece bem atenta aos eventuais “desvios” de seus clientes (conforme fala dos proprietários). Vale lembrar que ao lado da boate Cabaré fica localizado o bar Botequim. O bar pertence a um dos donos do Cabaré, o Sr. Rui Franco de Sá. Desta forma poderíamos nos indagar se tal estabelecimento não seria um espaço intermediário ou contíguo ao contexto da boate, haja vista que muitos freqüentadores têm o referido bar como um espaço que antecede a entrada na boate.

A boate Cabaret, assim como a boate A2, também localiza-se numa área comercial da cidade (Rua Barroso, nº 293). Área com grande concentração de escritórios, restaurantes e lojas. Cercada por prédios, em sua grande maioria de estilo clássico (o que remete à fase áurea da borracha), a boate tem uma localização privilegiada, ficando a poucos passos do Teatro Amazonas. O prédio em que está locada a boate pertencia à família de um dos proprietários (Rui Franco de Sá) e, após passar por algumas reformas (sem a intenção de modificar completamente a estrutura física do prédio), passou a ser utilizada como boate. Seguindo para o lado direito da mesma (no sentido da Rua 24 de Maio) encontramos um escritório de advocacia e um restaurante/churrascaria. Para o lado esquerdo (de quem vai no sentido da Rua Saldanha Marinho) temos ao lado do cabaré o Bar Botequim (que também pertence à Rui Franco de Sá) e uma fábrica de placas e brindes. Continuando no mesmo sentido, é possível encontrar, logo após um estacionamento privativo, a antiga Casa do Estudante da UFAM (que agora passa por reformas) e de esquina a Loja Bemol (uma das mais tradicionais da cidade de Manaus), em uma das extremidades, e do outro, um posto dos Correios.

A boate Cabaré com sua arquitetura neoclássica, que ajuda a compor as características da parte antiga do Centro Histórico de Manaus, localiza-se em cima de um salão de beleza (François) e possui em sua estrutura uma característica que evoca “bom gosto e sofisticação”, característica frequentemente evocada pelos frequentadores com quem conversamos. Do outro lado da rua onde localiza-se a boate é possível visualizar vários pontos comerciais e um estacionamento privativo (que pertence à Loja Bemol). É interessante dizer que, do mesmo modo que o Bar do Alex (nas proximidades da boate A2) tem servido como ponto de espera para os frequentadores da boate A2, o Bar Botequim também pode ser compreendido como um *point* de espera, haja vista que alguns frequentadores da boate Cabaré acabam fazendo deste bar uma extensão da boate (que localiza-se bem ao lado). Ou seja, o bar acaba se tornando uma espécie de entre-sala do Cabaré.

Destacamos também que é perfeitamente possível identificar no próprio centro da cidade outros espaços apropriados pelo público GLS, e que não se restringem às boates, como por exemplo: o Largo São Sebastião, o cine Oscarito, o cine Première, a Sauna H₂O, a sorveteria Glacial, o Bar do Alex, o Porto de Manaus, a Praça do Relógio, entre outros.

Vale lembrar que por motivos metodológicos o foco da pesquisa se deteve apenas sobre as três boates citadas (TS, A2, Cabaret), contudo os espaços freqüentados pelo público GLS é bem amplo e variado. Além do que, atualmente pode-se dizer que o centro já não é mais o foco exclusivo deste grupo. Recentemente uma pesquisa realizada pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia – PNCSA⁸, junto aos movimentos sociais organizados LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis)⁹ de Manaus identificaram vários pontos de organização, mobilização, socialização, entre outros, em outras zonas da cidade de Manaus.

2.1.4. *A entrada em campo*

A entrada em campo se configura como um dos momentos mais essenciais, significativos e indispensáveis para o desenvolvimento da etnografia. Ele nos aponta que é chegado o momento de confrontar a teoria com a prática. Se estamos epistemologicamente preparados para compreender, analisar, refletir e encadear sistemas analíticos distintos, o que

⁸ Esta pesquisa será melhor analisada no capítulo II desta dissertação.

⁹ Com relação à esta diversidade de siglas (GLBT, LGBT), vale destacar que elas manifestam a própria diversidade dentro do movimento social e ao mesmo as várias transformações de ordem político-ideológicas pelas quais o movimento passou ao longo do tempo. Atualmente a sigla adotada é LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Essa é a sigla escolhida por parte do movimento LGBT, após a Conferência Nacional GLBT, ocorrida em Brasília no início de Junho de 2008. Esse evento foi considerado por parte do Movimento LGBT como uma referência para suas deliberações políticas. Entre suas resoluções finais estava a de mudar a ordem das siglas do movimento (que até então era GLBT): a antiga primeira letra, o “G” de “gays”, passou para depois da sigla “L”, de “lésbicas” devido a uma crítica histórica de “invisibilização” das lutas de mulheres com práticas homoeróticas, dentro do movimento. Vale ressaltar que na categoria T estão inseridos três segmentos: travestis, transexuais e transgêneros.

nos foi possibilitado pelo curso das diferentes disciplinas do programa, agora é chegado o momento de cruzar todo o conhecimento acumulado ao longo dos semestres com a realidade empírica. Dilema retratado por Da Matta quando comenta as fases que compõem os ritos de passagem do antropólogo iniciante,

Na fase teórico-intelectual, as aldeias são diagramas, os matrimônios se resolvem em desenhos geométricos perfeitamente simétricos e equilibrados, a patronagem e a clientela política aparecem em regras ordenadas, a própria espoliação passa a seguir as leis e os índios são de papel. Nunca ou muito raramente se pensa em coisas específicas, que dizem respeito à minha experiência, quando o conhecimento é permeabilizado por cheiros, cores, dores e amores. Perdas, ansiedades e medos, todos esses intrusos que os livros, sobretudo os famigerados “manuais” das Ciências Sociais teimam em ignorar.

Uma segunda fase, que vem depois dessa que acabo de apresentar, pode ser denominada de período prático. Ela diz respeito, essencialmente, a nossa antevéspera de pesquisa. De fato, trata-se daquela semana que todos cuja pesquisa implicou uma mudança drástica experimentaram, quando a nossa preocupação muda subitamente das teorias mais universais para os problemas mais banalmente concretos (Da Matta, apud Nunes, 1978: 24).

Por mais que tenhamos sido bem “treinados” para lidar com os “imponderáveis” do campo, nunca sabemos ao certo o que nos aguarda. É bom lembrar também que em Antropologia é o campo que orienta os caminhos da pesquisa. São várias as etnografias que relatam a “crise existencial” dos pesquisadores que diante de situações inesperadas e incontornáveis tiveram que modificar não só a estratégia de “coleta de dados” como também o foco da pesquisa. Desta maneira, somos invadidos por uma série de sentimentos: medo, insegurança, incerteza.

Comigo não foi diferente. Ao propor um estudo etnográfico que se detivesse sobre as relações sociais que circundam os ambientes das boates GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), estava diante de dois aspectos confrontadores: primeiro, um universo novo e desconhecido para ‘alguém de fora’ como eu (nunca havia freqüentado uma boate GLS); segundo, tentar captar as diferentes formas que os diferentes agentes sociais encontram para

significar o espaço ocupado. Desta maneira não estava diante de uma única visão de mundo, mas diante de múltiplas possibilidades.

Torna-se importante destacar também que a intenção de pensar especificamente tal temática consistia numa tentativa de conciliar minha formação filosófica (as leituras que tivera sobre Foucault, em torno da sexualidade), altamente teórico-conceitual, com as ciências sociais (basicamente envolvido pelas leituras dos textos de Pierre Bourdieu), que possuíam em seu âmago uma tendência forte à uma empiria crítico-reflexiva. Contudo, isto vai dar-se num segundo momento. Pois minha indagação inicial voltava-se de fato para os dilemas da sexualidade humana tendo como inspiração meu próprio círculo de relações. Neste sentido, a partir de algumas indagações pessoais buscava elaborar um projeto de pesquisa que além de estar em consonância com minha formação acadêmica, pudesse ser de relevância social e de interesse pessoal.

Esta ressalva pode parecer desnecessária, contudo nos aponta para um princípio metodológico fundamental que ampara nossa pesquisa: a localização do ponto de vista. É Bourdieu quem nos conduz nesta proposta. Tal autor, nos provoca a pensar a pertinência de se situar o lugar do pesquisador no trabalho de elaboração da pesquisa.

O sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista. Ele não pode re-produzir o ponto de vista de seu objeto, e constituí-lo como tal, re-situando-o no espaço social, senão a partir deste ponto de vista muito singular (e, num sentido, muito privilegiado) onde deve ser colocar para estar pronto a assumir (em pensamento) todos os pontos de vista possíveis. E é somente à medida que ele é capaz de se objetivar a si mesmo que pode, ficando no lugar que é inexoravelmente destinado no mundo social, transportar-se em pensamento ao lugar onde se encontra seu objeto (que é também, ao mesmo em certa medida, um *alter ego*) e tomar assim seu ponto de vista, isto é, compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele (Bourdieu, 2003: 713).

Após evidenciar os motivos da escolha do objeto, cabe agora traçar as modificações estruturais que foram realizadas ao longo do processo de organização do projeto de pesquisa.

Inicialmente a pesquisa tinha o propósito de analisar todos os ambientes frequentados pelo público GLS: boates, saunas, praças, bares, cinemas, entre outros. Contudo, à medida que ia amadurecendo o projeto e as conseqüentes, e necessárias, conversas com o orientador fui sendo levado a perceber a amplitude da minha proposta e a limitação do tempo, haja vista o curto período para a conclusão do Programa e a Defesa da Dissertação.

Deste modo, fui orientado a reordenar meu foco de pesquisa e a redefinir meu tema. As conversas com o orientador foram importantíssimas. Neste sentido, amadureci a idéia de tratar das boates GLS. Mas como abordar uma realidade para mim tão nova e estranha? Só o campo possibilitaria esta proximidade.

Com todas as dificuldades ocasionadas pela inexperiência e certo “amadorismo” por parte de um pesquisador iniciante na Antropologia, deparei-me com uma série de “situações limite”. Contudo, para mim foi indispensável o contado com a AAGLT - Associação Amazonense de Gays, Lésbicas, Travestis e Transsexuais. Orientado por aquela que era até então minha orientadora, Prof. Dr. Thereza Cristina Cardoso Menezes, procurei a Associação e conheci a presidente Bruna La Close. Para mim foi de suma importância este contato inicial e que foi impulsionado por uma precaução, ou seja, para que a pesquisa não tivesse nenhum tipo de complicação posterior. Era necessário, portanto, que o projeto fosse apresentado ao movimento. E na verdade, foi esta apresentação que me possibilitou que várias portas fossem abertas. Foi através deste contato com a AAGLT que pude contar com a colaboração de muitos informantes-chave (essenciais no trabalho de campo). Estava, de fato, diante de uma verdadeira teia de significados (Geertz, 1989). Teia no sentido das imbricações, dos códigos,

da linguagem, dos comportamentos e discursos, que à semelhança de um texto me provocava enquanto antropólogo à uma tradução.

A partir desta relação com o movimento LGBT fui conhecendo a multiplicidade e diversidade dentro do próprio movimento e através deste progressivo “auto-conhecimento” de ambas as partes (do pesquisador com o Outro) fui obtendo os contatos necessários dos donos destes estabelecimentos.

Vale destacar que a pesquisa iniciou ainda no primeiro semestre de 2008 e se estendeu até março do corrente ano (2009). Tomando respectivamente os meses de abril, maio e junho (ainda sob orientação da Prof. Dr. Thereza Cristina Cardoso Menezes). A segunda entrada em campo se deu no primeiro semestre de 2009, tomando os meses de janeiro, fevereiro e março (já sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva).

Um dos momentos mais difíceis por mim enfrentado, quando já estava em campo, foi o período da “negociação” com os donos dos respectivos estabelecimentos (TS, A2 e Cabaret) para a obtenção da autorização para a execução da pesquisa. Foi um momento tenso, em que várias vezes me fez pensar na mudança de foco da pesquisa ou mesmo na mudança de objeto. O primeiro contato foi feito com os donos da boate Cabaret: Carlos Caetete e Rui Franco de Sá. Foram muito disponíveis e atenciosos, marcando em sua agenda um momento para a entrevista e não tendo qualquer problema em ser gravada a conversa e em conceder outras entrevistas que houve posteriormente. Poderíamos indagar o porquê desta disponibilidade. Não seria porque a sua boate não é vista pelos proprietários como boate GLS? De fato, ao longo das entrevistas houve intensa necessidade, por parte dos mesmos, de deixar claro que a boate Cabaré não era gay, mas uma “boate normal que atende a um público variado e não específico”.

Com relação às outras duas boates (TS e A2) o processo não foi tão tranquilo. Em relação à TS, consegui o contato, através de um informante-chave, com a apresentadora da casa. E esta me apresentou o dono do estabelecimento: o sr Zeca Couto. O primeiro contato foi marcado por relativa frieza por parte do dono; como a boate já estava aberta ao público, a conversa consistiu em apresentar o projeto, deixar uma cópia de minha credencial de pesquisador e marcar outro momento (foi bem informal). Como era necessário a obtenção da autorização formal para execução da pesquisa, cumprindo uma exigência do Comitê de Ética – CEP, foi necessário marcar outra conversa, que deu imenso trabalho. Foram vários telefonemas e várias tentativas frustradas. Sendo que quando o proprietário finalmente aceitou falar comigo novamente, também foi num dia de funcionamento de seu estabelecimento. Não dando chance para que fosse possível uma conversa de fato. Contudo, a autorização foi concedida por escrito, feitas as devidas ressalvas por parte do proprietário: sem filmagens, sem fotos, sem incomodar os freqüentadores. Depois desta “conversa” não foi mais possível o contato com o mesmo, devido a várias dificuldades geradas por parte dele.

Os contatos com os responsáveis pela terceira boate (A2), também não foram fáceis, sendo que a entrevista com o seu proprietário (Alberto Loureiro) foi conseguida bem recentemente (março de 2009). Na época do pedido de autorização, novembro de 2008, ele estava viajando e quem autorizou, com ar de desconfiança, foi a administradora em exercício: Ana. Em março deste ano (2009), fiz uma nova tentativa, desta vez exitosa. Consegui falar com o proprietário, Sr. Alberto, que já havia retornado de viagem. A entrevista foi bem informal, mas bem “tranqüila”. Não se importando que a mesma fosse gravada.

Este foi o contexto gerado nas tentativas de contato visando às devidas autorizações por parte dos proprietários. Contudo tiveram outras situações que merecem ser destacadas também. Desta vez com relação aos informantes.

Mais uma vez a rede de relações foi indispensável. As dificuldades se deram no sentido da desconfiança dos possíveis entrevistados. Muitos se privando de conceder a entrevista. Vale lembrar que os frequentadores, em sua grande maioria, não querem ser vistos. Quando estão no recinto das boates, pertencem ao “anonimato”. Neste contexto, o sigilo foi determinante. Algumas vezes uma conversa informal, acabava soando como um flerte. E quando ocorria a identificação por parte do pesquisador, isto era motivo para afastamento da parte do colaborador. Poucas pessoas se prontificaram a falar, a grande maioria se auto-definia como homossexual assumido. Como na boate, devido ao som e a agitação que lhe são próprios, impossibilitava uma conversa mais detida, as poucas pessoas que se dispuseram a colaborar não tiveram problemas em passar o número de telefone e marcar posteriormente uma conversa. Outras preferiam “trocar uma idéia” ali mesmo. Algumas entrevistas foram conseguidas deste modo (no contexto da própria boate), outras através de minha rede de relações. Não houve um critério pré-estabelecido, sendo que o único quesito indispensável era a disposição por parte do colaborador em conceder a entrevista.

Muitos não quiseram que nossa conversa fosse gravada, permitindo apenas que eu fizesse uso de um pequeno caderno de anotações (bloco de notas). E nenhum dos colaboradores quis assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Mesmo diante da explicação de que se tratava de um trabalho de pesquisa e que as identidades seriam devidamente preservadas, os entrevistados não aceitaram.

Outro dado interessante de se destacar foi quanto ao uso do gravador. Alguns colaboradores aceitavam falar e ao serem indagados sobre a possibilidade da gravação da entrevista, não se incomodavam, mas ao iniciar se mostravam intensamente desconfortáveis. Sem falar no fato de que muitos tinham receio de conceder a entrevista, principalmente as que

foram feitas com os moradores ou trabalhadores das adjacências das boates pesquisadas. Aqui vale fazer uma ressalva.

A pesquisa teve o intuito de se deter sobre a representação social que cerca os ambientes GLS, neste sentido para nós foi importante não só a visão dos frequentadores, mas das pessoas que circundam o ambiente. A pesquisa se deparou com situações inusitadas; com perguntas que iam desde saber se ela estaria à serviço dos donos dos estabelecimentos (uma espécie de investigação); até a indagação se era algo atrelado à prefeitura. Houve também momentos de tensão. Sobretudo, num caso em particular: um colaborador que trabalha bem próximo a uma das boates pesquisadas se prontificou a falar, contudo, ao ser perguntado sobre se a conversa poderia ser gravada, o senhor mostrou-se extremamente agressivo ao ponto de dizer que não falaria mais nada.

Enfim, achamos importante fazer estas considerações, porém, temos consciência dos limites de nossas observações. Sabemos que muito das vivências feitas durante a realização do trabalho de campo, permanecem deslocadas na hora da elaboração da etnografia. Além do que, muitos aspectos não podem ser mencionados e outros permanecem esquecidos, talvez não pelo seu grau de importância ou desmerecimento, mas pela incapacidade humana do pesquisador em arquivar tudo em sua memória finita. Desta maneira não esperamos somente nos desculpar diante dos possíveis limites de nosso trabalho, mas chamar a atenção para o caráter efêmero de uma etnografia. Gostaria muito que todos pudessem adentrar como eu no universo das boates GLS, mas diante dos mais variados impedimentos, fica nossa tentativa de ilustrá-las em pequenas “gotas” gráficas, já que trata-se de um verdadeiro “oceano” de experiências múltiplas e infinitas.

3. Capítulo II: DA DIFERENÇA À DIFERENÇA – O ESPAÇO SOB DIFERENTES PONTOS DE VISTA

3.1. Uma análise da construção do fascículo LGBT do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

3.1.2. O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

A partir de alguns pontos já delineados no capítulo anterior, apresentamos agora alguns aspectos inerentes à compreensão que o Movimento Organizado LGBT da cidade de Manaus tem acerca do espaço social das boates GLS. Como dito anteriormente uma de nossas propostas consistiu em destacar como os diferentes agentes sociais compreendem tais espaços. Neste sentido, enfatizamos tanto a representação que os freqüentadores têm destes ambientes quanto as pessoas que não freqüentam, mas que tem de certa forma alguma aproximação com o lugar (seja com relação ao ambiente de trabalho seja com relação à moradia). Contudo, para nós, ficou evidenciado ao longo da pesquisa, que até mesmo dentro dos grupos de freqüentadores existem variações de como esses espaços são compreendidos: há aqueles que vêm nas boates analisadas um “convite” ao entretenimento; há os que encontram no ambiente da boate um espaço “propício” para “aventuras” amorosas; e há ainda os que compreendem estes ambientes como importantes mecanismos de visibilidade social da “minoría” LGBT em Manaus, ainda que insuficientes. Assim sendo, este capítulo volta-se à análise e discussão em torno das várias formas de representação acerca dos espaços sociais das boates GLS que os diferentes agentes sociais possuem.

Este capítulo tem como base um longo e denso trabalho que foi desenvolvido a partir do Projeto Nova Cartografia Social na Amazônia – PNCSA. Tal projeto, coordenado pelo Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida, desde 2005, tem como proposta a construção de

pequenos fascículos compostos e organizados pelos próprios movimentos sociais que manifestam algum tipo de interesse na produção realizada pelo PNCSA. Na verdade, trata-se de um mapeamento social de pontos considerados de grande importância para os movimentos sociais. Num primeiro momento é apresentada ao movimento social interessado na produção do fascículo a proposta do PNCSA (Em que consiste? E qual seria a relevância para o próprio movimento social?). Em outra etapa, são marcadas oficinas de “capacitação” que visam auxiliar os participantes do projeto no uso do GPS (Sistema de Geoprocessamento). Aqui vale ressaltar que, como o Projeto NCSA tem o intuito de fazer um mapeamento social dos diferentes movimentos sociais, o GPS é fundamental, pois, após o curso, os membros dos movimentos sociais passam a identificar os pontos da “cidade” que consideram de relevância: pontos de mobilização, pontos de sociabilidade, pontos de vulnerabilidade, territórios reivindicados, etc. Vários fascículos de diferentes grupos sociais já foram realizados e publicados ao longo da existência do PNCSA.

O PNCSA constrói junto com o movimento social o fascículo. Na verdade, o cerne do projeto está no fato de que são os movimentos sociais que dão o norte da pesquisa. As falas que constam nos fascículos produzidos são todas dos membros dos movimentos sociais, sendo que os pesquisadores/as do PNCSA têm a função exclusiva de assessoramento. Há todo um cuidado para que a produção tenha a “cara” dos movimentos sociais: suas lutas, suas reivindicações, suas dificuldades, enfim, a vida do movimento social em si.

Na própria apresentação do PNCSA feita no site oficial do projeto (<http://www.novacartografiasocial.com>), é possível verificar um pouco de sua trajetória e proposta de ação junto aos movimentos sociais organizados:

O projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PPGSCA/UFAM - FUND. FORD) vem sendo desenvolvido desde julho de 2005 coordenado pelo antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida. O objetivo do projeto Nova Cartografia é realizar um trabalho de

mapeamento social dos Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia. Pretende-se privilegiar para tanto a diversidade das expressões culturais combinadas com distintas identidades coletivas objetivadas em movimentos sociais.

Este se articula com o projeto de pesquisa intitulado “Processos de territorialização, conflitos e movimentos sociais na Amazônia” CNPq-FAPEAM, implementado a partir de dezembro de 2005. Em 2006 o Projeto expandiu o mapeamento para fora da Amazônia com o Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil (PPGSCA/UFAM - FUND. FORD – MMA – MDS). Entre julho de 2005 a janeiro de 2008 foram produzidos cinquenta e nove fascículos, organizados em três séries. Cada fascículo é o resultado de um conjunto de esforços e de relações sociais entre comunidades e povos tradicionais e a equipe de pesquisadores, que começa a concretizar-se com a realização da oficina de mapas e encerra essa instância de mapeamento com a publicação do fascículo (Fonte: <http://www.novacartografiasocial.com/projetos.asp>. Acesso em: 08/07/2009).

A equipe de pesquisadores é composta por doutores, mestres, especialistas, graduados e graduandos, sendo constante a participação e colaboração de pesquisadores de universidades estrangeiras. Já participaram junto ao Projeto aproximadamente 116 distintos grupos sociais. Os fascículos foram/são produzidos segundo três grandes eixos temáticos: 1) Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos; 2) Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil; e 3) Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia. Fazendo parte do terceiro eixo temático o fascículo do Movimento LGBT da cidade de Manaus (Fascículo 25), ao qual nos deteremos a partir de agora.

3.1.3. A construção do Fascículo: O que pensa o Movimento LGBT de Manaus sobre os espaços GLS?

Iniciado ainda em 2008, o trabalho com o movimento LGBT de Manaus foi demorado e exaustivo. Foram necessários vários encontros e várias tentativas, algumas delas frustradas.

O fascículo surgiu de uma demanda do próprio movimento LGBT de Manaus, cujo um dos membros (Ângelo Esperança) conhecia um dos pesquisadores do Projeto Nova Cartografia Social (Willas Dias) e, conhecendo a metodologia do Projeto, manifestou

interesse em apresentar a proposta para o Movimento LGBT para que fosse realizada a oficina.

Vale destacar que o PNCSA (Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia) já havia realizado uma oficina com o movimento LGBT, mas da cidade de Belém (Fascículo 2 – Homossexuais na Cidade de Belém). O Fascículo LGBT da cidade de Manaus foi o de número 25 e esteve inserido dentro da série “Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia.”

Foram feitas as devidas apresentações, foram mostrados os objetivos do PNCSA, e o movimento, manifestando interesse na produção do fascículo, deu entrada na documentação necessária para o início da oficina. É importante ressaltar que a produção do fascículo é dividida em duas grandes fases: a oficina de GPS, onde os participantes aprendem a tirar os pontos de geo-referenciamento; e a montagem do croqui (no caso, um mapa) onde o próprio movimento social aponta os locais que considera importante dentro dos limites da cidade/município onde está localizado (pontos de encontro, locais de mobilização, locais de socialização, instituições parceiras, entre outros).

Iniciada no dia 18 de outubro de 2008, a oficina com o Movimento Social LGBT contou com a participação de vários segmentos: a AAGLT (Associação Amazonense de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais); a ATRAAM (Associação das Travestis do Amazonas); o MLM (Movimento Lésbico de Manaus) e a Associação Katiró (Núcleo de Estudos e Pesquisas Relacionado à Orientação Sexual e Identidade de Gênero), além da participação do Centro de Referência de Combate a Homofobia Adamor Guedes (vinculado à Secretaria Estadual de Direitos Humanos). Na referida data foi realizado o curso de GPS.

Em um segundo momento, foi realizada a segunda parte da oficina – a Oficina de Mapas (15/11/08), onde os representantes de cada segmento (que se fizeram presentes) procederam à confecção dos croquis, definindo os pontos da cidade que de alguma forma o movimento entendia serem relevantes para os LGBTs¹⁰. Foi neste contexto de diálogo e participação que pudemos ter contato com os diferentes pontos de vista que cercam a percepção do movimento LGBT sobre o espaço das boates.

Um dado importante de ser analisado é o fato de que durante a realização da oficina não foi possível contar com a participação de todas as lideranças. As próprias entrevistas colhidas para a confecção do fascículo tiveram algumas dificuldades de serem realizadas. Alguns pesquisadores do PNCSA destacaram o caráter de especificidade do Movimento LGBT com relação a outros movimentos sociais, haja vista que nunca haviam se deparado com a dificuldade para realizar as entrevistas coletivamente. O fato que nos chama a atenção, portanto, é que todas as entrevistas com as respectivas lideranças tiveram que ser marcadas individualmente. Salvo no caso de Weidman Henriques (Presidente da ATRAAM – Associação Amazonense de Travestis) e de Fabrício Nunes (Presidente da Associação GLBT Orquídeas), que foram realizadas no mesmo local e no mesmo dia (embora mais por coincidência do que por deliberação).

Isto nos remete aquilo que Evans-Pritchard classificou como processo de segmentação, onde os princípios de divisão e fusão mostram-se como essenciais (2008: 159). Conforme Evans-Pritchard,

A tendência para a fusão é inerente ao caráter segmentário da estrutura política nuer, pois embora todo o grupo tenda a se dividir em partes opostas, essas partes precisam tender a fundir-se em relação a outros grupos, já que fazem parte de um sistema segmentário. Daí a divisão e a fusão nos grupos

¹⁰ A sigla LGBTs é utilizada para destacar a pluralidade dos agentes sociais: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (no plural).

políticos serem dois aspectos do mesmo princípio segmentário, e a tribo nuer e suas divisões devem ser entendidas como um equilíbrio entre essas tendências contraditórias, contudo complementares (Evans-Pritchard, 2008: 159).

Este aspecto de alguma forma também perpassa o modo como o movimento LGBT percebe os espaços das boates GLS e nos apontam para a própria dinamicidade e complexidade dos mesmos. As boates estão inseridas num contexto de diversidade de representação, apropriação e vivência. Não há uma única forma de entendê-la, há, sim, possibilidades de compreensão. Contudo, isto não significa um empobrecimento ou mesmo uma limitação. Antes evoca o caráter fluído das categorias de análise. Do mesmo modo, também o movimento social, à semelhança dos Nuer, evoca certo grau de segmentação. Antes de tender à uniformidade, beira a heterogeneidade. Contudo, as diferenças internas, de cunho político-ideológico, não comprometem a militância no que diz respeito ao espírito de coletividade. E isto foi uma marca na confecção do fascículo.

Destacaremos agora, alguns aspectos contidos na fala de algumas lideranças do movimento LGBT de Manaus, afim de que possamos verificar os diferentes modos como os espaços das boates são compreendidos pela militância. Nossa intenção é destacar que, do mesmo modo que não existe apenas um tipo de frequentador de boate, existe também uma visão diversa dentro do próprio movimento acerca dos aspectos positivos ou negativos que cercam certos espaços sociais.

Bruna La Close é presidente da AAGLT (Associação Amazonense de Gays, Lésbicas, Travestis e Transsexuais), conseguimos esta entrevista por ocasião da produção do Fascículo do Movimento LGBT de Manaus. A entrevista foi realizada na residência de Bruna, no dia 04 de março de 2009, haja vista a impossibilidade da mesma de locomover-se até a sede do PNCSA por problemas de saúde. Após serem feitas várias perguntas sobre a trajetória de vida

pessoal e inserção no movimento social, Bruna foi indagada sobre a importância dos espaços sociais frequentados pelos LGBTs. Abaixo segue trecho da entrevista.

São, de certa maneira, né? Hoje em dia é muito complicado. A visão mais é financeira. Por exemplo, hoje em dia as boates a gente vê que tão mais pro lado financeiro, por mais que o proprietário seja gay mas vai muito pelo lado financeiro. Hoje em dia a gente vê uma briga do movimento com as boates GLS, chamadas GLS né?, que assim...não há um respeito entendeu? Segurança espancando os próprios gays...A gente percebe que não há mais aquela socialização. Há mais o financeiro. Se ele tem dinheiro, ele é respeitado. Se ele não tem, ele não é. E até quem tem dinheiro já é desrespeitado, entendeu?

A gente vê os gays, as lésbicas, as travestis, atuando em todos os lados, entendeu?, elas estão na casa de forró, estão nos bregas, estão nos barzinhos, entendeu? Mas o que a gente observa mesmo é que a gente não tem quase denuncia de travestis e gays sendo maltratados dentro das casas de forró, dentro de outros âmbitos, né? A gente vê as denúncias dentro das próprias boates GLS, chega as denúncias: gay tal foi espancado por segurança da boate. Já teve até briga da própria AAGLT com a delegacia, porque a gente chega lá pra intimar, pra que o dono convoque o segurança que espancou e às vezes a própria delegacia evita de fazer esse trabalho né? Que às vezes não quer se comprometer por algum motivo, né? Que deve ter motivo financeiro. Tem algumas brigas aí por não quererem notificar os donos das boates.

(Manaus, 04/03/09, Entrevista com Bruna La Close)

Observamos a partir da fala de Bruna La Close, que a dimensão financeira mostra-se preponderante no jogo de relações que cercam determinados espaços frequentados pelo público LGBT e GLS. Neste sentido, é ressaltado não só as distinções quanto ao tratamento dispensado aos frequentadores como também certo nível de violência. É interessante notar

que pela primeira vez aparece na fala de um/a entrevistado/a a violência como aspecto considerado. Num vasto universo de pessoas entrevistadas, nenhuma delas (frequentadores ou não) destacou este aspecto. Por outro lado, também é possível notar nesta fala a dimensão de sociabilidade. Segundo Bruna, “não há mais aquela socialização”. Se houve esta dimensão de sociabilidade e hoje não há mais, o que deve ter contribuído para esta transformação? Para Bruna, o aspecto comercial.

Outro ponto que merece destaque diz respeito à dimensão porosa desta inserção dos LGBTs na vida noturna da cidade: “A gente vê os gays, as lésbicas, as travestis, atuando em todos os lados, entendeu? Elas estão na casa de forró, estão nos bregas, estão nos barzinhos, entendeu?”.

Em nossa pesquisa tentamos deixar claro exatamente este aspecto: na verdade, apesar de nossa análise ter se detido sobre as boates GLS do Centro da cidade de Manaus, não significa, contudo, que outros espaços, em outras zonas da cidade, não sejam frequentadas/apropriadas pelo público GLS. Pelo contrário, foi possível constatar na execução do Fascículo que há uma vasta teia de relações sociais em vários bairros da periferia de Manaus. Na verdade, a boate GLS serve como um *point* de entretenimento do público LGBT e simpatizantes, mas ao mesmo tempo estes agentes sociais não restringem sua sociabilidade a estes ambientes. Outros espaços passam a ser ocupados e apropriados.

É possível detectar na fala de Bruna a questão da violência inquirida contra os LGBTs no contexto das boates GLS. Ao que parece, segundo Bruna, um LGBT tem mais chance de ser agredido num ambiente GLS do que num ambiente heterossexual. Não foi possível perceber durante a realização em nosso trabalho de campo nenhum tipo de violência dentro ou fora das boates GLS, todavia isso não significa que não existam. Há relatos informais de frequentadores que já presenciaram algum tipo de violência no contexto das boates, mas

sempre destacavam se tratar de casos isolados. Na verdade segundo essas pessoas, tratavam-se de indivíduos mal intencionados e que não faziam parte daquele universo. Os entrevistados faziam questão, portanto, de manter certo distanciamento com relação aos de fora.

Em outro ponto da entrevista Bruna é indagada sobre a idéia do gueto gay. Ao que ela responde:

Olha, antigamente eu achava complicado o gueto gay: “ah! Qualquer coisa é gay!” Hoje em dia até eu quero voltar. Por exemplo, a gente..., no outdoor, quando a gente vai colocar um outdoor da Parada...O ano passado foi “Parada do Orgulho LGBT”. Tem gente que não sabe o que é LGBT. Por mais que ficou um gueto, mas ele fica melhor. Fica mais visível pra sociedade. Aí eu vou...porque tem aquele leigo que não sabe o que diabo é LGBT? Será que saiu a parada gay que fazem aqui? Às vezes eu andando por aí: “Eu acho que é a parada gay que eu vi, o cartaz tá colorido!” Então esse ano a gente vai voltar ao gueto gay entendeu?

(Manaus, 04/03/09, Entrevista com Bruna La Close – militante LGBT)

A resposta de Bruna ressalta a dimensão de visibilidade inerente à representação de gueto *gay*. Segundo ela, trata-se de uma forma eficaz de esclarecer, de dar visibilidade, de mostrar de quem se está falando. Ou melhor, está relacionado ao visível, ao perceptível, ao destacado. Há, ao que parece, um elemento de identificação. Fazendo uma analogia: do mesmo modo que o *outdoor* serve para anunciar, o gueto serve para identificar o que existe, mas não é visto.

Contudo, outras falas dentro do próprio movimento se contrapõem. É o caso da entrevista que fizemos com o militante Francisco Nery. Ao contrário de Bruna, para Nery a idéia de um espaço destinado a um determinado público tem sérias implicações políticas. Na

perspectiva do colaborador, ficar no gueto não significa muita coisa. O ideal, segundo o mesmo, seria sair do gueto e ocupar outros espaços sociais. Em entrevista, Nery destacou:

A importância? Assim, a gente vê que há resistência, né?, da própria população LGBT ou então população gay, de gays e de lésbicas, de travestis e transexuais, que a gente vê que eles estão construindo mais guetos, mas pra construção de políticas públicas isso começa a distorcer um pouco. Por que como a gente vai falar sobre políticas públicas se as pessoas estão criando mais guetos e se cria mais estigma? Porque quando a gente fala sobre estigma a gente fala sobre gueto. Então, assim...., as pessoas começam a criar mais guetos e começa a se criar rótulos de ambientes. Tipo, ali só vai gay, só vai lésbica, só vai travesti, então fica complicado pra gente porque isso cria mais estigma. E dizem que lá só vai gay. E é complicado pra gente. Pro movimento é complicado isso, em si, é complicado, mas a gente entende que pela questão de visibilidade. Por exemplo: onde um homossexual pode entrar, um hétero pode entrar. E também tem a questão da invisibilidade em relação a esses guetos. Porque a maioria dos homossexuais que vão lá muitas vezes eles não se auto-afirmam sexualmente. Eles vão lá pra viver um mundo irreal, que talvez estejam ali escondidos pra fazerem o que quiserem, né?, o que tão eles querendo. E ali eles vão em busca, de fato, de prazer e de se auto-afirmar ali dentro daquele espaço.

(Manaus, 27/02/2009, Entrevista com Francisco Nery – militante
LGBT)

Nery enfatiza o caráter ambíguo do chamado gueto *gay*. Segundo ele, ao mesmo tempo em que pode dar visibilidade, também pode ser um convite à invisibilidade. O militante parece estar preocupado com a dimensão política do processo de “guetificação”. Há toda uma idéia de auto-afirmação. É possível perceber na própria fala que a boate cria um espaço irreal,

de “faz de conta”. Isto remete ao que Toneli e Perucchi destacam com relação ao gueto.

Conforme as autoras,

[o gueto] ele carrega o paradoxo de ser simultaneamente espaço de proteção e de exclusão. Dentro dos limites da boate os frequentadores têm a liberdade para agirem de acordo com seus interesses e desejos, estando protegidos de agressões e manifestações de preconceito. Essa liberdade, contudo, se restringe a esse espaço. Portanto, a escolha desses sujeitos em frequentar ambientes de lazer com seu parceiro (a) de forma segura e isenta de manifestações homofóbicas fica limitada aos locais reconhecidos e aceitos socialmente como guetos *gays* (Toneli; Perucchi, 2006: 41).

De fato, pelo que pudemos constatar em nosso trabalho de campo, a boate entendida enquanto gueto, pode ser um espaço híbrido, falacioso e ambíguo. Ao mesmo tempo em que possibilita a convivência múltipla e diversa, pode não implicar mudanças profundas no modo como a sociedade local lida com esta população específica. Outro ponto interessante presente na fala de Néry é a relação entre gueto e estigma. Neste aspecto, pudemos verificar a partir da análise das entrevistas realizadas com pessoas que trabalham ou moram próximo das boates estudadas, que existe, de fato, uma representação bastante estigmatizante desses espaços. Abaixo, está o mapa da cidade de Manaus com os pontos considerados relevantes para o Movimento LGBT de Manaus e que foi resultado de todo o trabalho desenvolvido pelo PNCSA com a Organização LGBT.

O mapa foi pensado a partir de áreas consideradas relevantes para o movimento LGBT de Manaus. Para que os pontos fossem registrados foram utilizados GPS. Todo o processo de coleta de dados, a partir dos pontos definidos durante a oficina preliminar pelos próprios LGBTs, foi executado por um pesquisador do PNCSA juntamente com um militante do movimento social.

Basicamente as áreas da cidade destacadas pelo movimento se referiam a: áreas de mobilização política (incluindo aqui a sede das ONGs LGBTs, a Secretaria de Direitos

Humanos – representado pelo Centro de Referência Adamor Guedes; o local onde ocorria a Parada do Orgulho LGBT); espaços de socialização (pontos de encontro; locais de esporte e lazer); pontos de prostituição; centros comerciais voltados aos LGBTs.

Vale destacar, contudo, que a proposta do fascículo não era somente de mapear os espaços sociais do movimento LGBT de Manaus, mas principalmente possibilitar que as lideranças pudessem manifestar, através de suas falas, um pouco da história social do movimento na cidade de Manaus; as atividades desenvolvidas, a pauta de reivindicações do movimento, as conquistas e os desafios. Neste sentido, é importante dizer que o fascículo foi todo organizado pelo próprio movimento social. A proposta do PNCS é deixar que os movimentos sociais falem por si mesmos. Não foram os pesquisadores do PNCSA que construíram o material, mas os próprios agentes sociais LGBTs.

Uma olhada com atenção sobre o mapa pode nos revelar uma série de questões que podem ser analisadas:

Em primeiro lugar, podemos verificar que apesar de haver uma grande concentração de atividades (dos mais variados tipos) sendo desenvolvidas no Centro da cidade de Manaus (conforme o mapa), o espaço ocupado não se restringe à esta zona da cidade. Pelo contrário, é possível notar que outras áreas da cidade passam por um intenso processo de apropriação por este segmento social.

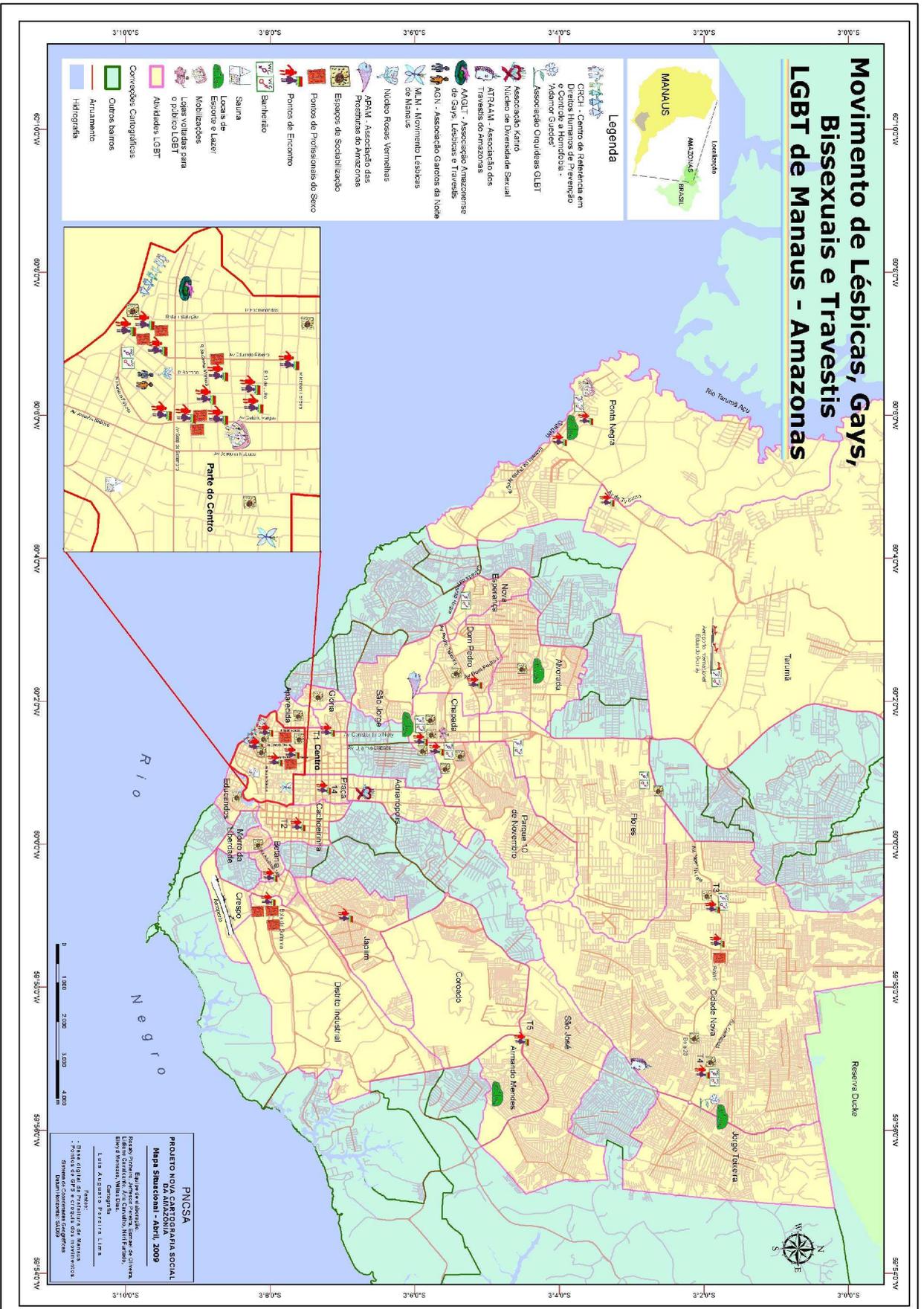


Figura 5: Fonte – Fascículo 25 Movimento de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis na cidade de Manaus. Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, 2009.

Em segundo lugar, outro ponto que merece destaque é o processo de expansão desses espaços. Concernente a isso, parece claro para as lideranças dos movimentos LGBT, que há um crescente fenômeno de visibilidade dentro dos espaços públicos da cidade. Em que sentido? Espaços tidos tradicionalmente como heterossexuais passam por um processo de “reconfiguração”, principalmente no que diz respeito às áreas de lazer. Se isso não é suficiente quando se fala em visibilidade, por outro não podemos ignorar que nenhum processo de desestigmatização acontece de forma imediata. São necessárias articulações e mobilizações. Seriam os usos e contra-usos já aferidos por Rogério Proença (2009).

Quando indagados sobre a importância do fascículo para o movimento LGBT de Manaus, os diferentes representantes do movimento foram enfáticos:

Eu acho assim, que a cartografia social, é, lógico, é um projeto inovador, projeto dinâmico assim, tenho assim muitas parabenizações pra esse modelo de trabalho, que eu acho super interessante, e, no entanto, tem uma faca de dois gumes que eu observo aí. Ao passo que você, é...mapeia, você identifica esses pontos, você pode tá, é, fazendo uma forma, exercendo uma forma de controle sobre as pessoas. Porque você identifica, você rotula, entre aspas: o que seria aquele ponto; o que acontece naquele local, etc. Mas do outro lado você..., é necessário fazer esse mapeamento, é necessário fazer essa identificação, mas você utilizá-lo enquanto movimento de luta, enquanto instrumento de luta, de reivindicação dos seus direitos... Enquanto documento que você pode olhar assim e dizer: olha nós estamos respaldados, ta aqui escrito, ta aqui mapeado, existe, nós não estamos falando da boca pra fora, né?, existe algo aqui no papel mapeado, estudado, realizado, concretizado, que reflete a prática. Então assim, a gente, como Foucault fala, né?, também são formas de controle, não deixa de ser. Mas o grande lance da questão é: tornar essa forma de controle, que no princípio seria uma forma de controlar as pessoas, onde elas estão, que horários estão, como é que fica etc,

mas torná-las, sendo um movimento historicamente discriminado, tornar essa identificação, que aparentemente seria uma forma de controle, um instrumento de luta, né?, ao passo que você possa identificar, que você possa categorizar, você possa fazer, ter instrumentos básicos pra reivindicar e mostrar para as pessoas que existe essa realidade, que uma demanda grande né e que por existir essa pessoa, esse indivíduo, precisa ser respeitado enquanto tal nos diversos ambientes, nas diversas formas de se manifestar, ele tem que ser respeitado, né?, então eu acho que essa é a perspectiva, a importância da cartografia pra gente.

(Manaus, 18/10/2008, Entrevista com Jefferson William Pereira – homossexual e militante)

Porque aqui em Manaus a gente ainda não tinha feito um trabalho desse, pelo menos pra nossa comunidade. (...).Nossa! Seria até mesmo pra apresentar, saber que..., por exemplo, apresentar pro Ministério da Saúde, programa nacional de DST, que tem uma Universidade que tá fazendo uma pesquisa, não só com a nossa comunidade mas várias outras instituições, com várias outras comunidades, que é de salutar importância, né?, esse tipo de pesquisa até pra ficar registrado, né?, porque a gente não tem a nossa história. O problema da história da associação é que a história da associação passou e eu ouço falar assim da associação muito vagamente. A gente não tem aquele trabalho.

(Manaus, 06/01/2009, Entrevista com Weydman Henriques – travesti e militante)

Assim, é uma realidade do Amazonas. Qual é a realidade? A gente não conhece o GLBT. Trabalho pra GLBT mas não sei quem são, como vivem, o que consomem, o que fazem da vida, eu não tenho uma realidade sócio-política-econômica. Então assim, uma cartografia eu penso que pode ser o início desse....pode ser o início de um trabalho maior. Pra gente do movimento isso é importante, né?

(Manaus, 06/01/2009, Entrevista com Fabrício Nunes – homossexual e militante)

É a oportunidade que nós temos inicialmente de estar mapeando quais são esses ambientes LGBT para posteriormente nós desenvolvermos algum tipo de trabalho. (...). Então, eu acredito que a relevância se constitui por aí. Primeiro pela união dos movimentos. Segundo porque vai mostrar um raio X da nossa realidade, entendeu? E através desse raio X, que a gente tem um suporte mais técnico pra trabalhar.

(Manaus, 15/11/2008, Entrevista com Lidiany Cavalcante – lésbica e militante)

A partir da fala dos entrevistados podemos verificar alguma conexão em todas elas: a compreensão de que o fascículo poderia se configurar como um importante instrumento de mobilização política e de visibilidade social. De alguma forma, estas lideranças associam a configuração do fascículo como um modo de registrar o movimento, localizá-lo historicamente, empoderá-lo. Contudo, consideramos enriquecedor as considerações feitas por Jeffeson William Pereira no que concerne ao caráter ambíguo do Projeto: à medida que pode auxiliar o movimento também pode se apresentar como um instrumento de controle. Certamente que tal análise deve-se a uma determinada compreensão de ação política dos agentes sociais em que a idéia de poder parece central. Contudo, seria de todo empobrecedor encarar a produção do fascículo como uma tentativa de controle ou manutenção de um possível estigma social. Pelo contrário, ao possibilitar que os próprios agentes sociais se mobilizassem no processo de construção do mesmo, o PNCSA quis prezar pela autonomia do movimento. E, além disso, nos perguntamos, a partir das reflexões delineadas por Bourdieu (2007), qual campo de relações sociais não está inserida num contexto de ‘luta pela legitimação de uma definição legítima’? Assim sendo, não queremos com isto restringir nosso

discurso apenas no sentido de defender a produção dos fascículos, mas percebê-los, assim como Jefferson, como uma via de mão dupla: se pode ter uma conotação de classificação, pode também ser assumido pelos agentes sociais como um instrumento para sua visibilidade e empoderamento.

É importante destacar que o fascículo foi dividido em vários pontos, seguindo uma ordem definida pelo próprio movimento social LGBT. Dentre esses pontos destacam-se: Movimento LGBT em Manaus; Por que o fascículo?; Formas de Mobilização (Saúde e Lazer, Times Esportivos, Parada do Orgulho LGBT, Fórum Amazonense LGBT, Espaços Sociais LGBT em Manaus); Conquistas; Desafios e Reivindicações; Sexualidade, Orientação Sexual e Identidade de Gênero. Vale dizer que, como a proposta do PNCSA é proceder a um mapeamento dos espaços considerados relevantes para os diferentes movimentos sociais, a ênfase se dá justamente na questão do espaço social.

Procederemos agora à uma contraposição entre os diferentes agentes sociais envolvidos (direta ou indiretamente) na produção social do espaço da boate: os de dentro e os de fora.

3.2. O contraponto: Os de dentro (A casa); Os de fora (A rua)

3.2.1. A casa

Roberto Da Matta, ao se deter sobre os dilemas que cercam a formação de uma “identidade” brasileira, nos evoca um modelo epistemológico baseado numa dualidade dialética. Tal polaridade, antes de mostrar-se antagônica e incomunicável nos possibilita refletir suas implicações e relações. Tal modelo recorrentemente adotado em inúmeros trabalhos de antropologia, nos apontam para uma especificidade que cercam as relações

sociais no Brasil. Se por um lado, nos inserimos socialmente a partir de toda uma carga de significados de individualização (A casa), em que predominam os laços de parentesco, familiaridade, cordialidade, compadrio, por outro, somos confrontados com o terreno da individualidade (A rua), onde são relevantes os sentimentos de distanciamento, de objetivação. Da Matta (1997), evoca o trocadilho Casa/Rua para nos indicar a imbricada relação entre laços de compadrio/amistosidade com as dimensões objetivas do mundo social, onde impera (ou deveria imperar) a lei, a norma.

Tomando como categoria de análise a Casa e a Rua, propomos fazer um paralelo acerca das diferentes formas com que os diferentes agentes sociais compreendem o espaço das boates GLS. Ou seja, tomamos a metáfora da ‘casa’ como sendo o universo dos frequentadores das boates e seus respectivos proprietários, e a ‘rua’ como sendo aqueles que por algum motivo permanecem de fora deste contexto (os que trabalham ou moram nas proximidades).

Para nós foi de fundamental importância o contato que tivemos com pessoas que trabalham ou moram nas adjacências desses espaços e que, apesar de toda resistência, aceitaram colaborar conosco. Vale deixar claro que o único critério que fizemos uso para selecionar os colaboradores, além da disponibilidade para participar da pesquisa, foi o de ter que morar ou trabalhar próximo a uma das boates investigadas.

Tivemos grande dificuldade para realizar as entrevistas com os frequentadores, isto deveu-se por pelo menos dois motivos: primeiro, a boate, por si só, dificulta uma conversa mais detida (o som alto, a grande concentração de pessoas) e nem todos ficavam à vontade para repassar o número do celular para contatos posteriores (mesmo após serem explicados o motivo do interesse); segundo, as pessoas tinham receios quanto à manutenção de seu anonimato. Mesmo explicando a elas que suas identidades seriam mantidas em sigilo, mantinham-se relutantes. Consegui um bom número de voluntários, mas todos propuseram

falar apenas de forma anônima, ou seja, só aceitariam falar comigo (no caso das pessoas que agendei entrevista), se eu abrisse mão do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e de gravações. O que, por si só, já garantiria uma boa reflexão de nossa parte. Afinal, por que a boate se apresenta como um ambiente de anonimato, de sigilo, de segredo?

Aqui cabe um parêntese. Nossa proposta temática de trabalhar as boates GLS como fronteira, está ligada a nossa opção teórica. A partir das leituras de Van Gennep (1978) e Turner (1974), adotamos o conceito de ‘liminaridade’ como um termo-chave para a compreensão do universo social das boates GLS. Do mesmo modo que ambos os autores destacam o ritual como um importante mecanismo de compreensão da organização social, entendemos as boates como um espaço que beira a liminaridade, haja vista sua dimensão performática e significativa. Parafraseando de Da Matta (1978), diríamos que se “viver socialmente é passar [e] passar é ritualizar”, a boate se configura como um universo possível de significação e simbolização da vida social, sendo válida, neste sentido, nossa intenção de compreendê-la como uma mostra significativa das condições e contradições que cercam o mundo das relações sociais.

O sentido de liminaridade perpassa tanto a obra de Van Gennep quanto a de Turner. Em tais autores, a liminaridade só pode ser compreendida à medida que relacionada com a idéia de transição e passagem (lembrando que, para ambos, a vida social se configura como uma sucessão de etapas). Neste sentido, liminaridade é sinônimo de uma “zona” fronteira, marginal, paradoxal e ambígua. Mas o que é a margem, a liminaridade? Segundo Turner,

liminaridade é a passagem entre “status” e estado cultural [...]. Passagens liminares e “liminares” (pessoas em passagem) não estão aqui nem lá, são um grau intermediário. Tais fases e pessoas podem ser muito criativas em sua libertação dos controles estruturais, ou podem ser consideradas perigosas do ponto de vista da lei e da ordem (Turner, 1974, p. 5).

Assim sendo, em nosso trabalho de campo buscamos perceber o contexto das boates como fazendo parte deste complexo processo ritual em que estão em jogo múltiplas identidades, diversas representações e percepções de mundo. A exemplo do que ocorre numa fase liminar, os diferentes agentes sociais encontram naquele espaço físico um lugar oportuno para que, durante alguns instantes, possam operar um ruptura com o universo social que os circundam (estrutura), ainda que tal ruptura não seja consciente ou mesmo permanente. Neste sentido, um dos relatos obtidos em campo mostra-se paradigmático:

Me chamo Paula, tenho 28 anos, sou lésbica e atualmente estou solteira, na verdade, procurando. Moro sozinha desde os 23 anos, porque foi quando minha família descobriu que eu tava tendo um caso com minha prima e me expulsou de casa.

Atualmente trabalho como vendedora numa loja aqui no centro e é isso aí....

Encontrei você na TS, você sempre vai lá? Paula: Sim, sempre que posso vou. Ainda mais agora que estou solteira. *E há quanto tempo você está solteira?* Tem pouco mais de um ano. *E você gosta de ir na boate? O que mais curte lá?* Paula: Sim, adoro a boate. Sinto-me em casa...quer dizer, não na minha casa de verdade, afinal, fui expulsa de lá. É que lá na boate me sinto livre para ser quem eu sou de verdade. Não preciso ficar me escondendo... Sei que a maioria das pessoas que vão lá curtem e não vou ser criticada por gostar de mulher. Ninguém vai querer saber quem sou, onde moro, o que faço e deixo de fazer. Na boate todos os gatos são pardos (risos).

Você já foi em outras boates? Sim, conheço todas. Gosto muito de ir na A2 também. Mas prefiro vir na TS porque sempre ‘grelha’¹¹. *E no Cabaré? Você já foi?* Paula: Sim, umas duas vezes, mas não gostei. Acho meio careta. As pessoas são meio ‘enrustidas’¹². Gosto das

¹¹ Grelhar é uma expressão êmica que denota êxito; significa ter boas oportunidades, ter grande chance de ter sucesso na conquista.

¹²Enrustido é sinônimo de não assumido. Segundo o Movimento LGBT, são os indivíduos que ainda não “saíram do armário”.

coisas mais escancaradas. Pra mim não rola ‘ficar secando o olho’ e nada, né? *O que você mais curte numa boate gay?* Paula: Além de mulher? *Sim.* Paula: olha, como já te falei...gosto da sensação de ser eu mesma, parece que estou no meu lugar. Não tenho problemas, entende? Gosto muito da música também, acho um lugar diferentes e que tem pra todo mundo (risos).

(Manaus, 13/03/2009, Entrevista com Paula – lésbica)

Pelo que podemos constatar a partir da fala de Paula não só a vivência de uma identidade, que no cotidiano é impossível ser adotada, como também o caráter de anonimato, fazem com que o ambiente da boate se torne atrativo. O que podemos depreender da expressão “a noite todos os gatos são pardos”? Como estamos pensando numa perspectiva liminar talvez antes de evocar uma idéia de igualdade (todos são iguais porque pardos), é possível denotar uma idéia de ‘indistinção’, de camuflagem (todos são pardos). Deste modo, a boate é entendida como um ambiente que pode propiciar a ativação de identidades “adormecidas” e que não podem se manifestar na vida cotidiana. Contudo, na fala de Paula há outra máxima emblemática: “gosto da sensação de ser eu mesma”. Ou seja, a camuflagem não pode ser entendida como um falseamento, mas como um *modus operandi* de ser. A semelhança é tão intensa, que não permite estranhamento do próprio eu. O indivíduo torna-se mais um. Parece que entramos num dilema. Afinal, não podemos perder de vista que a boate também é um local onde as diferenças são postas às claras, são desnudadas. Como tentar resolver então esta aporia? Como fica a relação entre diferença e “igualdade”? Na verdade, Paula não está dizendo que não existem diferenças, o que diz é que elas não se constituem como barreira de distanciamento, separação, segregação. Ela pode ser diferente dos outros que são diferentes, mas é exatamente esta diferença que os torna ‘iguais’ (pardos).

Mas que outros aspectos evocam liminaridade? Entremos então na Casa e vislumbremos seus espaços internos.

O trabalho de campo deu-se nas três boates GLS do centro da cidade (TS, A2, Cabaré). Cada uma evocava uma especificidade própria; fosse pela estrutura, pelos freqüentadores, pela oferta de serviços, etc. Destacaremos estas especificidades a partir da fala de diferentes agentes sociais que freqüentam os diferentes espaços.

TS: *Fale um pouco sobre você.* Bom, meu nome é Ricardo, tenho 27 anos, graduado, sou homossexual...

O que é um espaço gay? Ou GLS? E o que não pode faltar? Se for boate, um lugar assim a noite, pra dançar, fechado, tem que ter quarto escuro e coisas temáticas assim de cultura, que chamam de cultura GLS, de cultura gay. Que aqui eu só vi essa questão desses *shows* de *drag*, *gogo-boys*, *stripers*, esse tipo de coisa, tanto masculino quanto feminino, mais direcionado pra gays e lésbicas, e o quarto escuro. Agora tipo, eu já andei em alguns bares assim, mas são bares que a gente só consegue identificar que são bares GLS por que alguém diz que é. Outras pessoas que tã dentro do GLS. Por que eu vejo muito que as pessoas não se importam em identificar. São lugares que de repente tu vai descobrindo: “Ah, não, tem aquele bar ali, não sei onde, é GLS! O dono de lá é uma lésbica e tal!” Mas pra mim, tipo, é isso. Mas como eu passei a freqüentar lugares ditos como não GLS, mas que existe um espaço legal pros gays, como lá no porto, nos forrós, que eu já fui. Porque tipo, não é uma festa GLS, mas eu vejo que todos os gays gostam de ir porque dá pra se dar bem, entendeu? Ninguém passa batido, tem pra todo mundo! E não é um lugar....Eu acho até estranho porque quando eu vou pra A2, que pra mim seria o lugar pra se dar bem mesmo sendo GLS sei lá, e eu não me dou bem, aí eu vou prum forró não sei onde, tem sempre um cara que chega, ou então se chega um cara rola e tal, mas na A2 isso não acontece, entendeu? Parece que...não dá.

O que um freqüentador busca numa boate GLS? Um espaço pra se expressar mais diretamente. Dentro dessa cultura que chamam de gay, né? [*Em que sentido se dá essa expressão?*] Como se vestir, com quem conversar, como dançar, por mais que a gente vá por exemplo num lugar que geralmente toca de tudo, aí de repente tem um momento que vai tocar uma dance. Só que aí o gay, tem uma maneira diferente de dançar, uma performance diferente, que por exemplo se ele tá numa boate GLS ele é super natural e todo mundo tá interagindo ali, e a onda é aquela, e os movimentos...Aí tu chega num outro lugar, vai chamar atenção. Porque uma bicha dançando dance noutra lugar vai chamar atenção. Mas assim, é mais mesmo espaço de...Antes eu achava que era mais pra gente conhecer, vê gente e...quando eu comecei a andar era assim. Porque você vai conhecendo e vai parecendo que a história de todo mundo é igual: todo mundo sofre e depois que se assume, aí tem a mãe, o pai, o irmão e não sei quem sai de casa e aí é expulso, outros voltam outros não. Aí tu: “ah, eu não sou um ET”. Tem mais gente que nem eu. Então é normal, é normal. Entre aspas, né? Mas assim, eu achava que era pra isso. Mas depois...por exemplo, se eu pego a A2 eu já acho que é um lugar que....ah, eu só tenho crítica com relação a A2, tipo eu não gosto. Pra mim o principal ponto de encontro que tem pra homossexuais é lá, né? Todo mundo conhece, tem propaganda nacional nas revistas e tal. É o lugar pras pessoas se estereotiparem assim: “Eu sou gay, e eu sou um gay fashion, eu sou pop, sou bonita, vai dá close”, coisa do tipo. Tanto que na TS só vai mesmo quem é cliente, quem gosta de ir pra lá. Por que muda um pouco o som, o ambiente é totalmente diferente. Enquanto na A2 é só brilhos e purpurinas e aquela frescura toda, a TS já é chamada de Castelo de Glasgow.

Vamos pensar de outra forma: o que um freqüentador busca na A2, na TS e no Cabaré? Pra mim no Cabaré, são os mais mais da A2, não freqüentam mais a A2 como antes. O Cabaré é uma coisa meio clássica, são as bichas ou que tem um poder aquisitivo maior mesmo ou que são aquelas papa ovo que ficam fazendo toda aquela cena pras

mais socialite. Quando não tinha o Cabaré, então todas tinham que ir pra A2 que era a mais popzinha. Agora na A2 fica aquela coisa mais intermediária assim. Uma classe média até baixa, gay. E a TS é um público mais maduro, tipo de trintão, casado e que vai pra dançar e pra transar mesmo, que é uma boate que oferece espaços bem mais propícios pra isso que a A2. É um lugar pra ficar, a TS é um lugar pra ficar, pra fazer sexo. E a A2 não, é um lugar pra você ser inserido no círculo gay da cidade. “Todos os gays vão na A2, todos os gays vão na A2”. Aí alguns gays vão no Cabaré...E como a A2 ela foi também abrindo mais um leque...por exemplo, essa coisa de na quinta-feira não pagar até 01 hora, já por exemplo, no dia de quinta-feira já vê mais esses menininhos que tão tentando se descobrir ou sei lá, tão na onda, indo mais. As meninas também, piriguetzinhas, pessoal mais de longe né? Vai uma galera, tipo umas comitivas do São José, Santa Etelvina, não sei da onde, já vão parar lá. Então seria isso...a A2 uma coisa média, um pouco mais aberta, o Cabaré totalmente elitizado, e a TS um lugar pra acompanhados e pra quem quer sexo casual mesmo.

(Manaus, 05/03/2009, Entrevista com Ricardo, freqüentador da boate TS, Homossexual)

Este trecho da entrevista feita com Ricardo é rico de detalhes. Ricardo se apresenta como um freqüentador assíduo das boates. Alguém que já teve a oportunidade de freqüentar os três grandes *points* GLS do centro da cidade. Sua fala é de ‘alguém de dentro’, alguém que conhece de fato os códigos que permeiam a sociabilidade de uma boate gay. Gostaria de deter-me sobre alguns pontos.

Inicialmente ao ser indagado sobre a especificidade de uma boate GLS, Ricardo menciona como aspectos preponderantes a oferta específica de serviços, atrativos, direcionados a um público variado. Segundo ele, seriam esses elementos que tornariam atraentes a vinda ao local. De fato, a partir do depoimento de vários entrevistados, uma boate GLS é vista como

um local alegre, divertido, descontraído e descolado. É como se houvesse nesses espaços, um diferencial com relação a outros.

Por outro lado, Ricardo também comenta que nem sempre um espaço GLS é identificável. Simplesmente você fica sabendo através de outras pessoas que já freqüentaram, porque são lugares que as pessoas não se preocupam em identificar. Mas por quê? Será que a carga de preconceito, a violência, o estigma, não facilita esta busca pelo anonimato? O que dizer da necessidade de sigilo e anonimato, tão essenciais para a maioria dos freqüentadores de boates GLS? Ou, será que de fato estas boates não são identificáveis? Será mesmo que passam despercebidas do conhecimento coletivo? Será que só é conhecida e reconhecida através das redes de relações? Acreditamos que não dá para ser ter uma resposta única sobre estas questões. O que defendemos é que ainda que não sejam socialmente manifestas, estas boates já não se inserem num contexto de anonimato e isolamento. Assim sendo, a não-identificação apresentada por Ricardo pode configurar-se antes como uma representação subjetiva do que uma realidade de fato.

No relato de Ricardo, aparece também a idéia de que outros espaços da cidade também são apropriados pelos LGBTs. Desde o começo de nosso trabalho, tentamos deixar claro este ponto. Na verdade, as pessoas que se identificam como GLS não ficam restritas ao espaço de uma boate gay. Pelo contrário, estão sempre ‘circulando’. Contudo, a boate oferece um ambiente que possibilita vivências específicas. Segundo Ricardo, as pessoas vão para se expressar mais diretamente. O que isto quer dizer? Outros entrevistados também já destacaram essa dimensão da liberalidade. A ida à uma boate GLS pode representar a possibilidade de vivenciar experiências que talvez num contexto diferente, talvez não fosse possível: “ele é super natural”. Além do que, ainda tem o aspecto da interação. Esta interação é que possibilita que haja um processo de identificação mútua entre os agentes sociais daquele

contexto: conhecimento e reconhecimento. Talvez aí esteja o sentido da fala: “Eu não sou um ET”. Mas e quanto ao comentário: “é o lugar para as pessoas se estereotiparem”? Destacamos ao longo do trabalho que a boate GLS não é um ambiente onde as diferenças são superadas. Pelo contrário, as mesmas contradições presentes na sociedade que as cerca, também se faz presente no contexto das boates. Podemos depreender do comentário de Ricardo, a idéia de que existem comportamentos indesejados, inadequados e que poderiam até contribuir para que o “grupo” ficasse mal visto. Logo em seguida o colaborador destaca o elemento de classe social. De fato, pudemos verificar, durante nosso campo, que existe uma tentativa de diferenciação. Todos são iguais apenas porque sobre o mesmo espaço, contudo, os marcadores sociais de diferenças são estabelecidos e estampados (idade, classe social, raça, gênero). Daí a diferença percebida e destacada por Ricardo com relação às próprias boates: diferenças na oferta de serviços, diferenças na dimensão espacial, diferenças na demanda de frequentadores, enfim, é como se cada contexto possibilitasse uma experiência diversificada e específica. Aqui aparecem como destaque o poder aquisitivo, classe social, diferenças etárias, busca de serviços específicos. Enfim, poderíamos dizer, a partir da fala de Ricardo, que “tem para todos os públicos, gostos e bolsos”, ou seja, as boates antes de tenderem à homogeneidade beiram a diferenciação à medida em que buscam ofertar um determinado serviço à uma demanda específica e que perpassa a noção de classe social.

É interessante notar também na fala de Ricardo o seguinte ponto: às vezes a noite torna-se mais promissora para a conquista, em ambientes não classificados como GLS do que em boates assim denominadas. O que permite que um homossexual “se dê bem” em um contexto hétero, em contraposição a um ambiente gay? Aqui cabem duas considerações: por um lado, os espaços sociais não são tão fixos quanto se imagina, são porosos e fluídos; por outro, talvez um hétero fique mais a vontade para corresponder a uma cantada de um homossexual, quando está longe de um gueto gay, pois assim, afirma sua masculinidade e não “queima seu filme”

(não fica mal falado). Situação exatamente oposta, caso frequentasse um ambiente GLS. A questão da imagem e do processo de estigmatização podem ser determinantes no momento de escolha de um lugar para entreter-se. Não podemos ignorar o fato de que o frequentar a boate não é um ato sem implicações sociais.

Cabaré: *Me chamo Marco. Sou carioca, tenho 21 anos e sou militar. Estou em Manaus há 2 anos. Moro no São Jorge, sou solteiro e moro com os meus pais.*

Como você se define? Tipo: gay, homossexual, hétero sexual...?

Marco: Eu sou bissexual, gosto de homem e de mulher.

Fale um pouco sobre sua relação com a(s) boate(s). Posso te fazer algumas perguntas? Marco: Sim, manda!

Quando você vai ao Cabaré o que mais te chama a atenção lá? Qual o diferencial de lá, na sua opinião? Marco: ah, além da estrutura mais sofisticada, o público que frequenta é bem legal. Não lembro de ter visto nenhuma baixaria lá.

O pessoal diz que lá é um point GLS você percebeu isso? Você acha que isso é verdade? Marco: Não era pra ser, mas como os donos são gays acabou atraindo este público e, realmente, só tem GLS lá dentro.

E você não tem receio de ser visto lá dentro? O que você faria se encontrasse com algum conhecido, parente ou amigo lá dentro?

Como você reagiria? Marco: Ah, meus amigos sabem. Minha família não sabe, (risos). Só tenho aqui meu pai, minha mãe e minha irmã. Minha irmã não sai e meus amigos de trabalho não vão lá e se forem, não vão poder dizer nada. Então, não me preocupo. Meus amigos héteros vão comigo também.

Pra você o Cabaré tem algum diferencial? Algo que não encontramos em outro lugar? Marco: cara é como eu te falei, é o conjunto: as músicas, tudo; a educação das pessoas. Eu sou meio chato com isso.

Você nunca teve curiosidade de ir na boate TS ou na A2? Marco: A A2 eu não suporto!

Por que você não gosta da A2? Marco: Não gosto das pessoas que vão lá, nem muito do ambiente. E também porque eu fiquei muito bêbado, dancei no palco e a Andrea Brasil mostrou minha cueca e meu pênis pra deus e o mundo. Quanto à TS, acho que já ouvi falar, mas não é bem falada não.

Então você acha que tem diferença entre os frequentadores da A2 e os do Cabaré? Marco: Aham. *Em que sentido?* Marco: Nível social. Não tenho preconceito social algum, mas não gosto de frequentar lugares onde eu não vá me sentir bem; com pessoas que não sabem se portar, esse tipo de coisa. O Cabaré é sofisticado!

Você vai com muita frequência ao Cabaré? Marco: Fui umas três vezes.

Você acha que as boates GLS chamam muito a atenção? Marco: Não, não! Acho elas normais.

O que você acha que um frequentador busca numa boate GLS? Marco: Primeiramente penso em mim, eu vou lá à procura de estar à vontade.¹³ À vontade de fazer algo e ninguém me olhar torto. Curtir a festa. Algumas pessoas vão por curiosidade.

Quando você foi na A2 teve alguma coisa que te chamou a atenção ou te incomodou? Marco: O modo das pessoas se portarem me incomodou muito, sabe?, geralmente falam que homossexuais não tem pudor¹⁴ e só pensam em sexo. Lá você realmente sente isso, e eu acho uma puta de uma sacanagem! *Você acha isso? Concorda com o que dizem?* Marco: É o que já ouvi da maioria das pessoas. E se eu não vivesse nesse mundo, acho que também acharia, porque muitos não se dão ao respeito, sabe?, é foda! Não são todas, mas a maioria sim.

Você acha que frequentar um espaço GLS pode queimar o filme de alguém? Marco: Aí é que está! Depende do local. O Cabaré, eu acho que é o único que é uma boate normal,¹⁵ sabe?

¹³ Estar à vontade: termo recorrente entre os informantes. Remonta à idéia de Da Matta sobre as relações de familiaridade (próprias da Casa) que passam à ser estendidas ao mundo social (Rua).

¹⁴ Interessante nota que em tal comentário, o gueto aparece como o lugar do 'desregramento'.

¹⁵ Entre o normal e o anormal, é como se a boate 'falasse', 'denunciasse'. Na fala de Marco, a boate identifica, revela, mostra quem é que a frequenta.

(Marco, Frequentador da boate Cabaré, bissexual, 16/01/2009).

Ressaltamos alguns aspectos que consideramos relevantes no relato de Marco. A sofisticação mostra-se como marca registrada de uma das boates estudadas (boate Cabaré). E segundo a maioria dos frequentadores com quem conversamos, este se torna o principal atrativo. Existe nesse sentido, uma série de elementos que ajudam a compor este ar de sofisticação: “as músicas, tudo; a educação das pessoas”. Além do que, as experiências tidas como indesejáveis seriam pouco prováveis que acontecessem ali. Se outras boates são “mal faladas” pelo comportamento de seus frequentadores (TS e A2), nesta boate em específico, o frequentador, segundo Marco, pode ficar tranquilo e nem mesmo teria problemas em levar amigos e familiares, tal o ar de “tranqüilidade” (normalidade) e discrição. O nível social aparece como elemento de distinção e está associado a outro atributo: a educação dos frequentadores. Em outras palavras, é como se Marcos dissesse que ao ir à outras boates, muito provavelmente, estaria sujeito a situações vexatórias e indesejadas. Outro elemento interessante de ser analisado é o destaque dado ao comportamento sexual dos frequentadores das outras boates. Na representação de Marcos, os ‘homossexuais não tem pudor, não se dão respeito’. Tudo isso associado a uma visão que o lugar define os agentes sociais: ‘depende do lugar’. Em outros termos é como se quisesse dizer: ‘se você vai lá, não pode esperar outra coisa, pois eles são assim mesmo’.

A2: *Fale um pouco sobre você.* Bem, eu tenho 24 anos, moro aqui na cidade de Manaus, sempre morei aqui. Meu nome é Cristina...

Você acha que as boates GLS, chamam muita atenção? Olha, eu acho que....na minha perspectiva elas chamam pouca atenção. Aqui em Manaus eu acho que elas deveriam chamar mais atenção até. Porque o público GLS aqui tem crescido bastante, é grande, tem força como organização mesmo, né?, uma organização social, que eles tem

representação social e tudo né? E eu acho que tem poucas boates e as boates que tem, é...assim...na mídia elas aparecem pouco né? Eu mesma, eu fiquei sabendo das boates bem depois de muita gente já tá falando né? Porque eu nunca tinha visto na TV por exemplo, nenhum comercial. Eu acho que elas aparecem pouco, deveriam aparecer mais. *A2 e Cabaré. Iguais? Diferentes?* Bem, resumindo a A2 é...eu achei um local muito mais popular e o Cabaré é um local bem mais elitizado. Começa pela entrada né? e pelo próprio ambiente né? O Cabaré tem um Q. Eu não vou dizer “nossa que sofisticado!”, mas tem um Q de sofisticação. E que a A2, ela não. Uma coisa mais popular mesmo e tal. E assim...no Cabaré eu vi bem menos gente, tinha gente muito bonita, e na A2 vi muita gente, fervilhando. E tocava de tudo, tocava forró...até a música que toca é diferente entre esses dois ambientes. Na A2 toca música popular, do povão, toca forró, toca funk, e já no Cabaré toca um trance, um pisay, uma coisa bem.... né?, uma outra coisa, um outro nível.

*Nível das relações...*Na A2 as pessoas se abraçam, trocam carícias. No cabaré isso acontece mas não tão escrachado né? Na A2 é bem escrachado, é bem...é como se fosse assim a ultima fronteira mesmo: “Estamos aqui pra soltar a franga!” E lá no Cabaré não! Tem uma certa sutileza nas coisas. Até de uma mulher chegar com outra mulher ou de um homem chegar com outro homem que...Na A2, já se grita: “lindo! maravilhoso!”, essas coisas assim. Tem essa pequena diferença mas na verdade nos dois ambientes eles...eu vejo que eles se sentem protegidos, seguros.

Boates gay: Local de sexo fácil? Drogas? Promiscuidade? Olha, eu acho muito engraçado. Nesses ambientes acontecem de tudo. Eu acho...é meio ridículo a gente associar drogas, o sexo fácil à uma boate gay, porque no forró também tem drogas, também tem sexo fácil, na escola, também tem sexo fácil, também tem droga, então é muita ingenuidade quem diz que, quem acha que seu filho na escola tá protegido desse tipo de coisa mas que na boate não tá. Não é verdade! A droga ela tá em todo lugar, o sexo fácil também. Isso vai

depende da tua orientação, isso vai depender da tua...da moral que tu estabeleceu pra si próprio, porque independente do que tu aprendeu dentro de casa, ou na escola, ainda assim tem as escolhas próprias. É verdade que muita gente que pensa que a boate gay tem isso, tem aquilo. Mas assim...na verdade, onde tem um grande aglomerado de pessoas prontas pra se divertir a qualquer custo, é um ambiente muito propício pra que se tenha isso, mas isso não tem nada haver com ser boate gay, boate hétero ou barzinho, não! Em todos esses lugares a probabilidade de se acontecer, de rolar esses processos, procedimentos “ilícitos” de tráfico e tal, de uso, independe de opção sexual, seja lá o que for. Onde as pessoas tão querendo se divertir qualquer custo sempre vai ter alguém querendo se favorecer disso né? E o traficante ele é uma pessoa perspicaz nisso, ele sabe bem onde ele tem que atuar. Então não é só numa boate GLS que ele vai tá.

(Entrevista com Cristina, frequentadora da A2, heterossexual,
05/03/09)

Segundo Cristina, o contato com o universo da boate lhe possibilitou conhecer um contexto antes ignorado. O que nos chama a atenção é a ênfase dada por ela para as relações sociais que se dão no interior da boate. A colaboradora também destaca a importância da visibilidade das boates. É a primeira vez que aparece na fala de um frequentador de boate essa ideia da visibilidade. Segundo Cristina, o frequentador de uma boate GLS é específico e demonstra organização. Para ela, o crescimento destes espaços manifestam o poder de mobilização destes grupos e o crescente destaque que começam a receber socialmente. Ao longo do relato, Cristina, assim como outros colaboradores, destaca a dimensão de classe presente no contexto das boates GLS. O Cabaré é retratado como sofisticado, aspecto associado ao tipo de serviço oferecido; já a A2 ganha um tom popular, destaque para o tipo de música que ali pode ser encontrado. No nível das relações, Cristina diz que no Cabaré as coisas são mais ‘mascaradas’ (menos claras) se comparadas com a A2. Com relação a esta

última, o adjetivo utilizado é ‘escrachado’. Apesar do ar de ‘segurança’ que cerca ambas as boates, na visão de Cristina, a vivência ali proporcionada não é idêntica. O que isso significa? Que talvez, mesmo em se tratando de um *point* GLS, o Cabaré não permite que certas relações sejam dadas ali no interior da boate. O motivo? Podem ser vários. Mas talvez, a própria necessidade de distinção com relação às outras boates existentes, fez com que esta boate acabasse optando por uma postura mais ‘discreta’ e menos ‘chamativa’. E este é um dos aspectos destacados na apresentação da boate Cabaré feita pelos próprios proprietários.

Vale ressaltar ainda que, para Cristina, na A2 as pessoas se sentem bem mais a vontade para se comportarem de uma forma que no Cabaré não é possível. Na própria configuração dessas boates há diferenciações e distanciamentos, embora também haja complementaridades e continuidades. Outro aspecto contido no relato de Cristina, e que nos chama a atenção, é que, para ela, trata-se de uma falácia associar uma boate GLS com o que é ilícito. Segundo Cristina, todas as possibilidades de experiência que se pode vivenciar numa boate GLS, também podem ser experimentadas num ambiente hétero. Ou seja, para Cristina, não é o local que determina se é mais ou menos propício. Para ela, as mesmas experiências que ocorrem nesses espaços podem ocorrer em qualquer lugar. Tratar-se-ia de interesses e vontades, e não de lugares determinados. Ou seja, aqui há uma separação entre comportamento, orientação sexual e espacialidade. Tudo seria possível em qualquer lugar, fosse hétero ou gay. Tudo depende ‘do que se quer’.

3.2.2. A rua

Segundo Da Matta, o espaço da casa e da rua são interpenetráveis. Esta dinâmica que cerca o modo como nossas relações sociais são estabelecidas, também fazem parte da forma como costumamos elaborar nosso sistema de representação sobre a realidade que nos cerca. Assim sendo, do mesmo modo que tentamos estabelecer limites objetivos que permitam nossa separação e individualidade em relação aos outros, também criamos mecanismos subjetivos que assegurem nossa distinção.

A partir de agora, apresentaremos então o relato de algumas entrevistas feitas em campo com trabalhadores e moradores das adjacências das boates estudadas e que permitem uma melhor compreensão do modo como os diferentes agentes sociais, que permanecem alheios à dinâmica da boate, compreendem, representam, classificam e se posicionam com relação aos freqüentadores desses espaços.

A partir do relato dos entrevistados, podemos perceber que a grande maioria ao ser indagada sobre o que achava de trabalhar/morar nas proximidades de uma boate GLS, respondiam: ‘nada de mais’ ou ‘normal’. A mesma resposta era dada com relação à opinião sobre a boate em si mesma. Porém, quando indagados sobre a possibilidade de ir numa boate GLS alguns entrevistados eram taxativos: “Não! Não iria não”. Aparece aqui uma ‘contradição’ entre uma postura que se apresenta tolerante e não discriminatória (‘acho normal’; ‘nada contra’) e por outro lado, uma postura de reserva, receio ou preconceito (‘Não iria não’). Em nosso entender trata-se de um preconceito velado em que está em jogo a necessidade da apresentação de uma resposta ‘socialmente aceitável’, mas também os valores subjetivos que insistem em se manifestar a exemplo dos atos falhos (Goffman, 2009).

Com relação ao número de entrevistados, tivemos maior êxito com relação à boate A2. Talvez um dos motivos deva-se à localização desta boate, estando inserida numa vasta área comercial e residencial. São muitos os estabelecimentos comerciais ao redor da A2, o que nos possibilitou um variado leque de entrevistados que iam desde camelôs, lojistas e moradores. Já no que diz respeito a boate Cabaré, não conseguimos localizar na rua da boate nenhuma residência. O único prédio destinado à este fim, mas que durante o trabalho de campo passava por reformas, era a casa do Estudante da UFAM. Assim sendo, focamos as entrevistas em vendedores e comerciantes da área. Com relação à boate TS, tivemos grande dificuldade. A própria localização da boate justifica a ausência de lojas e residências. Contudo, como fica numa zona portuária, há uma grande concentração de trabalhadores do Porto de Manaus. Todas as entrevistas foram realizadas durante o dia, haja vista que no período de funcionamento das boates todos os estabelecimentos e residências costumam estar fechados. Ao todo, somando todas as entrevistas realizadas no entorno das boates, foram realizadas 10 abordagens.

Nas entrevistas seguimos um roteiro padrão de perguntas¹⁶ e nossa proposta era a de verificar o modo como a boate e seus freqüentadores eram compreendidos por moradores e trabalhadores das proximidades das boates estudadas. Segue abaixo algumas entrevistas.

Boate A2

Fale um pouco sobre você. “Meu nome é Andreza, tenho 21 anos, trabalho numa loja de roupa, de acessórios, bolsas, só isso, por enquanto.

¹⁶ Roteiro de Entrevista Semi-Estruturado, em anexo ao final deste trabalho.

Você sabe que trabalha próximo de uma boate gay, né?, o que você acha disso? Normal! Não me incomoda não. Pra mim são pessoas como qualquer uma.

O que você acha de uma boate gay? (opinião pessoal) Eu acho normal, é opção deles. Eu não curto, mas tem gente que curte.

O que você acha dos frequentadores? Curiosidade, né?, de ver.

Você iria a uma boate gay? Sim ou não? Por que? Eu iria, pra mim conhecer eu iria. Dizem que é um lugar muito agitado, falam que os gays são pessoas muito alegres e descoladas.

O que você acha que alguém busca numa boate gay? Namorado, né? Namorado gay, namorada machuda. Eu sei lá! Acho que as pessoas de lá são muito liberais, acho isso legal.

E se você encontrasse algum conhecido, algum amigo, algum parente, como você agiria? Normal! Se ele tá lá, só quer se divertir.

(Manaus, 05/03/2009, trabalhadora das proximidades da boate A2)

Tereza, 78 anos, aposentada.

O que acha de morar próximo a uma boate gay? Nada! Pra mim não influi e nem contribui. Eles estão na deles e eu na minha. Moro aqui há bastante tempo, acompanhei o surgimento da boate. Mas não me sinto incomodada com nada não. Só sei dizer que no dia que funciona é um aglomerado muito grande de pessoas, na verdade vejo muita gente jovem. Mas tem mulher também, assim como casais de homem e de mulher. Eu acho que não dá só gay não.

O que a sra acha de uma boate gay e dos frequentadores? Não vejo nada de mais. São pessoas normais. Só querem se divertir. Só querem o direito de serem respeitadas, nada mais. Da mesma forma que existe lugar para quem não é gay, existe essa boate pra gay. Eu acho que as pessoas tinham que ser menos preconceituosas e deixar os outros em paz. Se cada um se preocupasse com sua própria vida e esquecesse a do outro, muita coisa seria diferente. Eu mesmo tenho na minha família um neto que é gay, mas é uma pessoa super íntegra, honesta, trabalhadora. Mas também não é do tipo agressivo, que quer ser

mulher. Não, ele é na dele. Falou pra família, mas é na dele. E a gente respeita muito. Acho que tem muita gente que vai na boate porque só quer ser respeitada, aceita como ela é.

A sra iria numa boate gay? Talvez até fosse, não acho nada de mais. Como te falei, são pessoas normais. Ser homem, ser mulher, ser gay, não diz muita coisa. O que importa mesmo é o caráter da pessoa, afinal você pode muito bem ser mal caráter sendo gay ou não. Da mesma forma, não acho que ir a essa boate fosse me causar algum dano. As pessoas vão se divertir. Ia a uma boate como se fosse a qualquer outro lugar.

O que a sra acha que alguém busca numa boate gay? Olha, hoje em dia a juventude só que se distrair. É apenas uma distração, como outra qualquer. Acho que as pessoas é que falam demais. Dizem que tem muita gente que vai em busca de outras coisas, mas eu acho que só querem mesmo é se divertir. Cada um do seu jeito. Na minha opinião acho que como em todo lugar deve ter de tudo.

(Manaus, 05/03/2009, moradora das proximidades da boate A2)

Meu nome é Pablo, sou camelô aqui no centro, tenho 23 anos.

O que você acha de trabalhar próximo de uma boate gay? Rapaz, pra mim é normal. Não tem nada haver isso. Pra mim é bom, porque no horário deles colabora aqui na venda.

O que você acha de uma boate gay e de quem vai a uma boate gay? Rapaz eu não tenho preconceito nenhum, mas por mim eu não iria lá não. Esse negócio de tá rodeado de viado não é comigo não.

Você iria a uma boate gay? Por que? Não iria não. Porque lá....sabe como é que é o gay, né? São pior que mulher tarada.

O que você acha que alguém busca numa boate gay? Rapaz, eu acho que...é porque não dá certo com mulher e o cara vai lá procurar homem....Eu acho também que é novidade, pra ver como é lá dentro. Tem gente que é curioso, mas a curiosidade é perigosa. Acho que é curiosidade.

Você acha que uma boate gay tá associada a sexo? Rapaz, pelo que falaram lá...com certeza. Mas entre os do mesmo sexo lá.

E que tipo de comentário você já ouviu sobre a boate? Diz que lá é uma putaria só. Diz meus colegas que é muito viado querendo fuder. Meus amigos que curtem esse negócio de viado, eu to fora! Mas o pessoal comenta que tem beijo, agarração, e dá pra ver até gente fudendo. Ainda bem que eu nunca fui lá, por isso que eu não vou lá! Pelo jeito que o pessoal fala aí. Eu trabalho aqui né?, mas eu fico no meu canto e eles no deles lá. Já convidaram pra ir lá, mas comigo não! Não rola não! Eu sou macho, gosto de mulher. Mas tem muitos caras hoje em dia que curte comer viado.

(Manaus, 05/03/2009, entrevista com trabalhador das proximidades da boate A2)

Com relação a estas entrevistas realizadas nas proximidades da *boate A2*, podemos refletir sobre alguns pontos. A primeira entrevistada (Andreza), destaca a idéia de normalidade da boate; o espírito de curiosidade como possível motivação para a ida de um visitante à boate; o estereótipo da boate gay como sendo alegre, descolada e liberal. Já a segunda entrevistada (Tereza), manifestou inicialmente um ar de indiferença. Contudo, ao longo da entrevista é possível notar certa empatia pelos frequentadores. Podíamos compreender esta empatia como sendo justificada pela existência de um homossexual em sua família (conforme relato). Outro dado interessante é que apesar de Tereza nunca ter ido à boate, descreveu com propriedade as pessoas que compõem o circuito da boate (um público bem variado), chamando a atenção para o fato de que só querem se divertir e nada mais. Outro ponto destacado por Tereza é a dimensão do preconceito. Em sua fala é possível perceber a boate como um espaço de refúgio (comentário já feito por outros entrevistados), onde as pessoas vão porque se sentem menos discriminadas e mais a vontade. Ao ser indagada sobre uma possível ida a boate, Tereza responde que iria sem problema algum, ela não acredita que

isso lhe afetaria e nem causaria algum tipo de prejuízo. Um dado importante é que ela também dissocia a boate gay da idéia de lugar perigoso e impróprio. Para ela, ‘os outros falam de mais’, ou seja, a sociedade é que cria rótulos e que discrimina, pois, afinal de contas, um freqüentador de boate, como qualquer outro, ‘só quer ser respeitado’.

A terceira entrevista (Pablo) ressalta aquela dimensão contraditória que destacamos no início: a ambigüidade do discurso. Pablo diz que não tem nada contra, mas que não iria. Para ele o freqüentador da boate é interessante, porque ‘no horário deles colabora aqui na venda’. Ou seja, o caráter mercadológico do circuito gay parece bastante evidente. Se um freqüentador de boate é indesejável por sua postura inadequada, por outro é bem vindo à medida em que se torna um consumidor em potencial. Ainda assim, seria melhor manter distância (‘eu fico no meu canto e eles no deles lá’), afinal de contas, não gozam de boa reputação (‘Diz que lá é uma putaria só’). Contudo, Pablo, assim como Andreza, também destaca a curiosidade como um possível motivo para levar alguém a freqüentar uma boate GLS. Além do que, também é enfatizada a questão do sexo como algo explícito e inerente ao lugar (‘o pessoal comenta que tem beijo, agarrção, e dá pra ver até gente fudendo’) mais uma vez aparecendo a associação entre ambiente GLS e promiscuidade sexual.

Boate Cabaré

Ana Carla. Tenho 21 anos e trabalho com vendas.

O que você acha de trabalhar próximo a uma boate gay? Olha eu acho tranquilo, nunca aconteceu nada demais. Primeiro que eu não freqüento, segundo que quando começa a funcionar a loja já esta fechada. Então, não posso dizer muita coisa.

O que você acha de uma boate gay e dos frequentadores? Eu não tenho nada contra porque a boate é gay. Eu acho assim, que fizeram

esse espaço pra eles freqüentarem já que eles são discriminados em muitos lugares e eles fizeram esse espaço pra freqüentarem só os gays. Eu acho assim. Tem gente muito preconceituosa. As pessoas acham que você tem menos valor só porque é diferente, mas, na minha opinião, isso não é verdade.

Você iria a uma boate gay? Por que? Não. Eu não iria não! Porque não é o meu... Não é o lugar que eu goste de freqüentar entendeu?

O que você acha que uma pessoa busca numa boate gay? Ela busca a mesma coisa que elas sentem, por exemplo: ficar com homem, ficar com mulher. Dançar, beber. Eu acho que eles buscam a mesma opção que eles estão procurando, tipo homem, mulher. Acho que é assim.

Já ouviu falar alguma coisa sobre a boate? Eu já ouvi dizer que a boate gay é muito boa sim. Boate que toca várias músicas legais. Dizem também que os gays são bem alegres e que dá pra se divertir bastante. Não falam mal não da boate gay. Pelo menos pra mim nunca falaram mal da boate.

(Manaus, 05/03/2009, entrevista com trabalhadora das proximidades da boate Cabaré)

Maria, 34 anos, comerciária.

O que você acha de trabalhar próximo à uma boate gay? Eu acho normal. Pra mim, nada contra. Não tem a boate Rêmulos¹⁷? Também tem a boate Cabaré, ora. Acho que tem de tudo pra todos.

O que você acha de uma boate gay? E dos freqüentadores? Olha, eu vou ser bem sincera. Tem boates que você...que eu não concordo muito com o local, mas tem pessoas que são homossexuais que eles se comportam de uma maneira diferente. Sabem que tem umas pessoas que são mais comportadas e outras que são mais escandalosas, né? Pra mim, nada contra. Acho que as pessoas são diferentes umas das outras, como eu e você.

¹⁷ Boate voltada pra homens e que costuma apresentar *show stripers* do sexo feminino.

Você iria a uma boate gay? Por que? Sim, talvez por curiosidade de ver como é. Pra mim não importa o lugar, eu me sentindo bem, pra mim...ok.

O que você acha que alguém busca numa boate gay? Ah, eu acho que tem muitas que vão ali por curiosidade, mas tem outras que vão pra se divertir, porque gostam do ambiente, entendeu? Tenho caso de pessoas na família. É opção de cada um. Assim como tem o gay, tem a lésbica, tem o hétero. Cada um escolhe o que acha melhor pra si e a gente tem que aceitar. Eu pelo menos não tenho nada contra. Eu fui uma vez com uma amiga, quando eu vi como era, fiquei na minha. Era uma boate que tinha ali na Joaquim Nabuco, não lembro mais o nome dela. Já fechou. Eu acho que é uma opção de vida de cada um. Pra mim o preconceito contra essas pessoas é a mesma coisa de quem tem preconceito com raça. As pessoas mais antigas não aceitam.

Você já ouviu algum comentário sobre boates gays? Já. Assim, que rola drogas, que rola coisas impróprias, né? As vezes tem uns que seduzem os adolescentes, essas coisas assim. Já ouvi coisas boas e coisas ruins. Mas se a gente for levar em conta, isso acontece em todo lugar. Também a gente não pode dizer que isso acontece só na boate gay ou só porque é um ambiente gay. Acho que vivemos numa sociedade hipócrita que quer encontrar um bode expiatório e uma forma de fazer isso é criando preconceito contra as pessoas que são diferentes. Não pode ser assim. Nós temos que aprender a conviver com o diferente. É como aqui...às vezes recebo clientes que são super educados, outros são mais mal educados, mas nem por isso destrato meus clientes. Na verdade somos todos iguais, o preconceito existe na nossa cabeça. Temos que ver que essas pessoas são normais, são trabalhadores como eu e você. Pagam seus impostos e também amam e tem todo direito. Não acho certo que tenham boates só param gays, acho que todos tem direito de ir e vir, mas a gente sabe que tem muita gente que discrimina e que critica quem gosta de pessoas do mesmo sexo. Não sei se um dia isso vai acabar, mas só sei dizer que as aparências enganam. Você sabe o que eu acho? Que muitas pessoas

que tem raiva dos gays na verdade tem medo do que são. Conheço pessoas que são casadas, mas que saem com outros caras. Acho que na boate tem muito isso. Mas posso tá errada.

(Manaus, 05/03/2009, entrevista com uma trabalhadora das proximidades da boate Cabaré)

Com relação à primeira entrevistada da boate Cabaré, inicialmente podemos notar uma postura de resistência para falar ('não posso dizer muita coisa'). Ao longo da entrevista Ana Carla diz que não tem nada contra e afirma que a boate existe porque as pessoas são discriminadas e encontram ali um meio de evitarem tal discriminação. Contudo, ao ser indagada sobre uma possível ida à boate, Ana responde que não iria porque não é o lugar que se sentiria a vontade. Um detalhe interessante, é que na visão de Ana, as boates foram feitas 'para os gays', assim sendo, talvez sua resposta de que não iria à uma boate GLS se fundamente na idéia de que ela não é lésbica para freqüentar um espaço como esse. Aqui há uma relação entre espaço e identidade: uma boate gay, só vai gay. Contudo, sabemos que não é bem assim, o próprio fato de uma boate ser GLS já chama a atenção para o fato de não é freqüentada tão somente por homossexuais. Ainda, segundo a fala de Ana, as pessoas vão para encontrar seus pares ('Ela busca a mesma coisa que elas sentem') e finalizando a entrevista diz que nunca ouviu nenhum comentário ruim sobre a boate, e acaba associando boate ao estereótipo de alegre e divertido.

Na segunda entrevista, feita com Maria, aparece a idéia de que existe uma diversidade de indivíduos e de práticas no universo das boates e que, segundo ela, remetem ao modo como a própria sociedade lida com estes indivíduos. A entrevistada destaca em seu discurso a diferença e a diversidade. Segundo Maria, assim como tem espaço para o hétero também tem o espaço para o gay. Na representação de Maria é como se os espaços fossem democráticos ('tem pra todo mundo'). Ao longo da entrevista, Maria vai destacando a questão do

comportamento dos frequentadores e faz uma distinção entre comportado e escandaloso. Do mesmo modo, quando fala dos motivos que levam uma pessoa a frequentar um espaço GLS, Maria diz que pode ser por curiosidade ou diversão. Fala de orientação sexual como uma escolha (opção) e associa a discriminação sexual com o racismo. Com relação a possíveis comentários sobre a boate, Maria destaca a questão do uso de drogas e a pedofilia. Contudo, não restringe esses atos ao contexto das boates GLS, pelo contrário, ela afirma que isso pode acontecer em qualquer lugar. A representação que Maria tem da discriminação contra os homossexuais é metaforizada pela imagem do bode expiatório e completa dizendo que a sociedade seria hipócrita. Mesmo não achando certo existir uma boate só para gays, Maria diz que isso é fruto do contexto social. Outro dado interessante apontado por Maria é a relação entre preconceito/discriminação e homossexualidade camuflada. Para ela, quem tem preconceito contra homossexual normalmente é porque tem algum tipo de inclinação homossexual. Certamente não podemos naturalizar a resposta dada por Maria, haja vista que o preconceito e a discriminação não estão restritos a uma ordem quase psicanalítica de desejos reprimidos. Pelo contrário é fruto de construções sócio-histórico-culturais que, pautadas na naturalização do biológico, criam mecanismos de dominação e subordinação das sexualidades não hegemônicas. Por fim, para Maria, se as boates GLS pode não ser o lugar mais adequado para os indivíduos que as frequentam, ao menos se apresentam como o que existe de possível dentro de um contexto de discriminação.

Boate TS

Danilo, 31 anos, guarda portuário.

O que você acha de trabalhar próximo a uma boate gay? Rapaz eu não tenho nada contra não. Acho muito movimentado aí. As vezes eu tiro serviço a noite e vejo o movimento. Acho bem variado; é velho, é

novo. Mas pra mim é normal. Nunca me fizeram nada. Eles na deles e eu na minha.

O que você acha de uma boate gay ou de quem frequenta? Por mim, normal. Acho que assim como tem o puteiro aqui logo, também tem essa boate. As pessoas são livres e podem fazer o que acham que devem, hora. Hoje em dia tem gente pra tudo. Tem mulher que gosta de dá a buceta, mas tem homem que gosta de dar o rabo. Mas pra mim é indiferente. Só sei que eu não curto essa parada não. Eu acho engraçado que vem muito cara velho baixar aí. E parece que não é só pobre não, tem gente de grana, eu vejo pelos carros que chegam. Eu acho que deve rolar muita grana pois é cheio de viado aí.

Você iria? Eu não costumo...Eu não iria frequentar não por que não faz meu....Olha, pra te dizer a verdade eu não curto esse negocio de viadagem não. Pra mim macho tem que ser macho. Macho de verdade gosta de comer mulher e não viado. Mas eu não tenho nada contra não, como te falei, acho que cada um sabe o que faz.

Mas se você fosse convidado? Você iria? Também não. Porque não faz parte do tipo de ambiente que eu gosto de frequentar. Tem gente de todo tipo aí, tem aqueles caras que são na deles e que você olha e nem acredita que o cara é viado. Mas tem aqueles que são muito afrescalhados. Eu não vou por isso, não sei como ia reagir se o cara me cantasse.

O que você acha e alguém busca numa boate gay? Rapaz...Tem gente que é simpaticante, que gosta desse tipo de coisa. Gay já tá falando né? Mas diz o pessoal que rola de tudo aí dentro. Como eu nunca fui, não sei dizer se é verdade ou mentira. Mas diz o povo que tem até sexo. Acho que os caras vêm atrás disso, querem se divertir. Acho que no dia a dia eles não podem desmunhecar e aí vem pra ir pra soltar a franga.

Já ouviu algum tipo de comentário sobre a boate? Como te falei, diz o pessoal que rola de tudo: sexo, droga, mas eu não sei se é isso mesmo. Eu nunca fui.

(Manaus, 05/03/2009, entrevista com um trabalhador das proximidades da boate TS)

Joaquim, 50 anos, flanelinha

O que você acha de trabalhar próximo a uma boate gay? Pra mim, normal. Não tem nada haver. Poderia muito bem trabalhar próximo de outro clube. Acho que são pessoas normais que só querem se divertir um pouco. Pelo menos eu vejo assim.

O que você acha de uma boate gay ou de quem frequênta? Já tive lá uma ou duas vezes e é bom pra quem gosta de ir. A música, o som diferente, o pessoal, a amizade que você pega. No dia que eu tive lá, só tinha pessoas inteligentes. Mais sabidos muitas vezes do que pessoas que estão aqui no meio da rua. Acho que os pessoal vem pra aí porque não quer ser visto. É um lugar discreto e a noite a rua fica bem deserta. No dia que eu fui tinha muito coroa. Aí dá gente importante, sabia? Já vi juiz, desembargador, advogado, até gente da televisão. Mas aí os caras deixam o lado sério e se transformam mesmo. Tem de tudo. Já vi até cara casado que veio pra ai ficar com outro cara. Mas é tudo discreto. Ninguém que ser visto.

O que você acha e alguém busca numa boate gay? Agora complicou, essa pergunta não sei se posso responder. Eu fui porque eu tenho vários colega, amigo, que vai lá, né?, pra tomar uma pinga. Fui até com o falecido Leonel, já falecido, foi ele que me convidou e eu fui. Não tenho nada contra. Cada um faz o que quer. Fui duas vezes achei muito bom. Nas vezes que eu fui lá, achei normal. Como se fosse um clube qualquer. Tem bebida, o pessoal dança bastante. A única diferença é que você vai vê homem com homem.

Já ouviu algum tipo de comentário sobre a boate? Já. Tem gente que fala mal do gay, não gosta né? E é errado. O cara é viado, o cara dá o cú, o cara faz isso, faz aquilo, não é gente de negócio. Esse tipo de conversa eu já ouvi. Mas acho que isso é preconceito, eu não concordo. Tenho conhecidos que são viado, mas que os caras são na deles. Acho que o cara tem que ser respeitado, não importa o que ele

faz ou deixa de fazer. Isso é da intimidade dele. Se o cara dá a bunda o problema é dele, porra. Acho que como em todo lugar tem o que é bom e o que não é bom, mas você que diz se quer ou não.

Você acha que uma boate gay é alegre? É alegre, é animada. Eu iria de novo. Acho que os viado são muito alegre e eu escuto muita gente comentando que gosta de vir na boate gay porque os viado são alegre. Tem gente muito animada. Os caras soltam a franga mesmo. Eu achei engraçado.

(Manaus, 05/03/2009, entrevista com um trabalhador das proximidades da boate TS)

Danilo destaca inicialmente na entrevista o caráter movimentado da boate. Segundo ele, já presenciou várias vezes a agitação. Também afirma que não tem nada contra e que acha normal. Chama atenção para a diversidade, neste sentido a boate seria apenas mais uma possibilidade entre muitas. Outro elemento marcante na fala de Danilo, é a questão da classe social e a faixa etária. Ao ser indagado sobre sua ida a boate, ele diz que não iria porque não curte e que isso seria “coisa de viado”. Danilo associa a boate ao mundo gay, no seu discurso “homem que é homem não vai a uma boate gay”. Ir à boate representaria um comprometimento dos papéis sexuais socialmente estabelecidos. Danilo também distingue grupo de freqüentadores pelo comportamento: os ‘na deles’ e os ‘afrescalhados’. Aqui cabe a velha relação já destaca por Fry (1982) entre a bicha e o bofe, entre ativo e passivo, entre o feminino e o masculino, que se refletem nos comportamentos. Na representação que Danilo tem da boate, ela se apresenta como um lugar onde rola de tudo (‘sexo, droga’), mas onde, principalmente, as pessoas vem em busca de sexo. Sexo e diversão se associam.

Joaquim é um trabalhador antigo no local. Relatou que chegou a conhecer o pai do atual proprietário e que já chegou a freqüentar a boate umas duas vezes a convite do antigo dono. Durante a entrevista ficou bem à vontade para falar e não estava muito preocupado com

o outros que estavam próximo (bem diferente de Danilo). O principal ponto destacado por Joaquim é a alegria da boate e também a rede de relações que se pode fazer (amizade). Joaquim buscava tecer um discurso bem floreado, sempre destacando os aspectos positivos tanto do lugar quanto dos frequentadores. Segundo ele, o espaço é frequentado por muitas pessoas importantes, que prezam pela discrição e que se ‘revelam’ completamente quando estão no interior da boate. Joaquim não associa a boate a um lugar anormal: pelo contrário, diz ser igual a outros lugares, sendo que a única diferença é que “homem fica com homem”. Com relação ao preconceito, Joaquim disse que não tem e que, inclusive, tem alguns amigos que são gays, embora já tenha ouvido muito comentário preconceituoso sobre os homossexuais. Para Joaquim, a boate não é diferente de outros ambientes: tudo o que ‘rola’ na boate também ‘rola’ em outro lugar, não fazendo, dessa forma, associação entre boate GLS e ilegalidade, muito embora também faça uma relação entre boate GLS, alegria e desvio (‘os caras soltam a franga’).

Enfim, nossa proposta ao longo deste capítulo foi a de destacar as múltiplas possibilidades de vivências que se dão a partir da boate GLS, ao mesmo tempo também realçando o caráter ambíguo com que se apresenta tanto para aqueles que estão dentro (casa) como para aqueles que estão de fora (rua), mas que de algum modo também possuem um discurso, uma representação e um modo de se apropriar destes espaços, ainda que seja para manter certa distância ou criar um mecanismo próprio de “aproximação”. Se a casa e a rua não são identidades fixas, mas realidades que permeiam-se e entrelaçam-se, a boate não pode ser compreendida em si mesma sem levar em conta todo um conjunto de relações sociais que a circunda e a produz. Se por um lado, a boate é ‘normal’, ‘não tem nada de mais’, não se configura, entretanto, como um dado natural. É antes produto de um tempo e resultado de relações sociais possíveis e não determinadas.

4. Capítulo III: BOATE GLS - A FLUIDEZ DO ESPAÇO

Para que não haja equívocos e dificuldades de entendimento, torna-se necessário um esclarecimento quanto à nossa utilização da categoria GLS.

Como toda e qualquer categoria, entendida como um sistema de classificação que torna possível a compreensão do universo social e sua organização hierárquica, o termo está inserido dentro de uma trajetória social. Neste sentido, não podemos ignorar as lutas de mobilização do movimento LGBT que tiveram como “bandeira” de luta tanto a garantia de direitos quanto a visibilidade social dos “homossexuais”. Assim sendo, vários autores (França, 2007; Henning, 2008) destacam que a sigla GLS teve seu contexto de “surgimento” numa realidade econômica, onde largos setores do mercado capitalista (bens, serviços, mídia) buscavam inserir a causa gay dentro de um mercado de consumo. Isadora Lins França (2007) localiza este processo de “mercantilização” do “mundo gay” na década de 90, no bojo de várias mudanças significativas que se operaram nas questões relacionadas à questão homossexual a nível nacional. Conforme a autora,

Se a idéia norte-americana de *friendly* refere-se a espaços freqüentados predominantemente por heterossexuais, nos quais homossexuais são bem vindos, a idéia brasileira de GLS segue o caminho inverso: o S da sigla indica “simpatizante”, tendo como ponto de partida espaços freqüentados majoritariamente por homossexuais e revelando uma intenção de expandir as fronteiras do “gueto”, quando propõe abarcar também consumidores que não se identificam como homossexuais, mas que de alguma forma participam desse universo (França, 2007: 235).

Em suma Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS) passam a ser o “foco da vez” e freqüentar tais espaços significa estar “atenado” no que existe de mais “moderno”, “democrático” e “atrativo”. Segundo França, “quando surgiu, o termo GLS foi rapidamente associado a um público “moderno”, interessado por arte, música, conectado à última moda e

freqüentador da noite” (França, 2007: 236). Neste sentido fica claro que a conotação de GLS está diretamente relacionada à proposta de oferta e procura, sentido estritamente comercial, em que o foco de interesse volta-se para um setor específico da sociedade: o universo “homossexual”.

Tal ressalva mostra-se pertinente à medida em que se busca deixar evidenciado que GLS não necessariamente está associado à militância LGBT. Pelo contrário, autores como Marsiaj buscam demonstrar que por detrás do ar de aparente visibilidade ocasionada pelo “*pink money*”¹⁸ houve o surgimento de “desigualdades” dentro do próprio grupo gay, principalmente no que diz respeito a idéia de classe social. Conforme o autor, “corre-se o risco de aceitar o gay rico e marginalizar ainda mais a bicha pobre” (Marsiaj, 2003: 142).

Como pude perceber a partir dos trabalhos de campo, de fato, a questão das diferenças de classe é grande. Isto se torna evidente não só quando levamos em consideração a atenção dada por determinadas boates para um determinado público, mas também quando levamos em conta a própria diferenciação entre os freqüentadores. Os marcadores sociais de diferença se “inscrevem” no espaço e nos corpos dos indivíduos.

Conforme o relato de vários entrevistados os atrativos de uma boate passam pelo ar de “sofisticação” que ela transmite.

Venho sempre ao Cabaré, aqui as pessoas são diferentes. Em comparação com as outras [boates], tem muito a oferecer. O público não é qualquer um; os serviços são de primeira; tem muita gente bonita e tudo tem um Q de sofisticação. Aqui sou VIP, na A2 ou na TS sou apenas mais um ou uma bicha clichê.

¹⁸ Expressão americana, cujo sentido está relacionado ao poder de consumo dos homossexuais (dinheiro cor de rosa)

(Conversa informal com um dos freqüentadores da boate Cabaré,
14/02/2009)

Gosto do Cabaré porque os freqüentadores são diferentes, entende? Não é um público da periferia, aqui as pessoas tem classe: sabem se comportar, sabem falar. Não existe baixaria, eu pelo menos nunca presenciei. Acho que isso tem haver com a administração, com a localização e também com o valor que pagamos para freqüentar aqui.

(Conversa informal com um dos freqüentadores da boate Cabaré,
07/03/2009).

Podemos notar através das falas destes freqüentadores, que o espaço da boate Cabaré permite uma diferenciação. Há diferença no que diz respeito à classe social, oferta de serviços e comportamentos desejáveis. Deste modo, faz presente o que França destaca como sendo uma das conseqüências do desenvolvimento dos espaços GLS:

O seu desenvolvimento é atravessado por relações de poder que empurram “mais gordos”, “mais velhos”, pobres, negros, travestis, michês e “efeminados”/“masculinizadas” para espaços marcados por um menor prestígio social e menor integração a circuitos globais. Seu caráter excludente surge com força quando olhamos para as pessoas nas pontas mais marginalizadas socialmente, às quais não é permitido exercer sequer o papel de consumidoras (França, 2007: 237).

Como nosso foco de pesquisa esteve voltado para as três boates GLS do centro da cidade (TS, A2 e Cabaré), cabe destacar também os aspectos representacionais que perpassam as relações sociais destas boates.

Com relação à boate A2, é emblemático o sistema de representação que cerca os freqüentadores no que diz respeito à classe social. Nas quintas-feiras, dia de entrada liberada, os freqüentadores estão isentos de pagar o ingresso. Vale ressaltar, contudo, que isto pode não ser o único determinante para os que buscam o “abrigo” da boate especificamente nas quintas feiras. O que queremos dizer com isso? Com relação ao valor do “ingresso”, a única boate mais “cara” é a Cabaré, cujo valor estipulado é na faixa dos 30 reais. Tanto a A2, quanto a TS

os preços são populares: de 10 à 15 reais. Isto pode contribuir para a popularidade da A2 e da TS, mas não podemos restringir a opção de escolha aos aspectos econômicos. Se eles são relevantes, contudo talvez não sejam os únicos determinantes. Quem pode afirmar que a escolha de tais boates (A2 e TS) não são deliberadas? Não são estratégicas? Afinal, uma maior concentração de freqüentadores num mesmo espaço pode ser um elemento facilitador para a hora da “caça”. Ou seja, queremos dizer que se a questão econômica é um marcador de diferença, também pode ser um dos atributos que facilitam na hora do vamos ver: “Casa cheia é sinal de que a noite vai ‘grelhar!’”

4.1.1. Boate GLS? Mas que espaço é este?

Mas afinal, como conceituar o objeto etnográfico? Eis uma das questões mais difíceis que uma etnografia se defronta. Certamente que o termo conceituação é complexo e, por vezes, problemático, tendo dentro da tradição das ciências humanas uma longa sucessão de debates acerca dos limites de tal procedimento. Contudo, o que buscamos quando delimitamos nosso objeto de pesquisa senão uma conceituação? Neste sentido, com qual conceito trabalhamos quando nos propomos uma descrição etnográfica acerca das boates GLS da cidade de Manaus? Como se configuram estes espaços? Como “gueto”? Como “circuito”? Como “zona moral”? Como “territorialidade”? Talvez associada à esta dificuldade é que Perlongher tenha apresentado a idéia de *hiperterritorialização* (1987: 26), entendida como um espaço amplo, dilatado e fluído.

Partindo inicialmente da idéia de gueto, tomando como base as categorias utilizadas pelos próprios agentes sociais, percebemos ao longo do trabalho de campo que ela mostrava-se insuficiente para dar conta de toda a diversidade de realidades e relações inerentes ao nosso objeto de estudo. Contudo, que categoria em si mesma conseguiria abarcar todo um universo

de relações sociais? Assim sendo, assumimos a categoria utilizada pelos colaboradores (gueto) e tentamos, na medida do possível, problematizá-la e localizá-la, deixando claro que nem esta nem outra categoria conseguem dar conta do conjunto de relações sociais por nós analisada.

Alguns autores já se detiveram sobre a análise disto que se convencionou chamar “gueto gay” ou “homossexual”. MacRae, já em 1983, além de defender a importância destes espaços como ambiente que possibilita a afirmação de identidades, assim os definia: “gueto homossexual’ refere-se a espaços urbanos públicos ou comerciais – parques, praças, calçadas, quarteirões, estacionamentos, bares, restaurantes, casas noturnas, saunas -, onde as pessoas que compartilham uma vivência homossexual podem se encontrar” (Simões; França, 2005: 309-310). Contudo, uma análise um pouco mais detida sobre a própria significação de GLS, por si mesma, nos aponta para um horizonte mais alargado e menos restrito. O que estamos dizendo é que um “gueto gay” não é só freqüentado pelos homossexuais, pelo contrário, trata-se de um circuito aberto e fluído, atendendo, portanto, um público diverso e variado. Deste modo, conforme Simões e França, não podemos ignorar o fato de que:

“empreendimentos comerciais e apropriações específicas de regiões da cidade estabelecem diferentes “guetos”, freqüentados por sujeitos agrupáveis não somente pela orientação sexual, mas também por sexo, poder de consumo, “estilo”, modo pelo qual expressam suas preferências sexuais e assim por diante” (Simões; França, 2005: 311).

Dito isto, podemos prosseguir agora partindo da seguinte indagação: É possível pensar o espaço para além de sua dimensão territorial? Que contribuições podem ser alcançadas se procedermos a uma tentativa de ampliação desta noção de espaço para além de seus contornos territoriais? Como seria então pensar o espaço/território sob o ponto de vista antropológico?

A necessidade de compreender o espaço social surge então como uma tentativa de compreender como os grupos sociais, os agentes sociais, se pensam, se comportam e se

organizam. Assim sendo, para a antropologia o espaço não pode e nem deve ser reduzido à sua dimensão territorial (espaço físico). Pelo contrário se o espaço pode ser entendido como um lugar onde estão situados e “delimitados” grupos humanos, tentar reduzi-los sob esta única dimensão é esquecer que estes mesmos indivíduos não são determinados por este espaço, embora com ele estabeleçam uma relação.

A antropologia, portanto, destaca em sua reflexão sobre o espaço/território a dimensão relacional que é própria dos agentes sociais (espaço social). Como o espaço está ligado à idéia de localização, este não pode ser definido em relação a si mesmo, mas somente nesta mútua interação com aquele que lhe dá significação: o homem. Tomando como norte esta dimensão relacional, tentamos ao longo do trabalho de campo dar conta de duas realidades que cercam o espaço das boates GLS do centro de Manaus: o *aspecto político* e o *aspecto de sociabilidade*.

Voltamos agora à nossa indagação inicial: boate GLS? Mas que espaço é este? Esta pergunta parte de uma idéia de espaço associada à identificação. Neste sentido, do mesmo modo que caracterizamos outros tipos de espaços sociais (escola, residência, shopping centers, igrejas/templos, entre outros), associando a eles uma característica específica que serve como aspecto definidor e identificador, perguntamos sobre uma possível característica peculiar das boates GLS.

Primeiro, acreditamos que a pergunta deve ser ampliada: Mas afinal o que é uma boate? Uma boate pode ser entendida como um espaço social de entretenimento. Caracteristicamente associada a um espaço onde são oferecidas músicas específicas (“música eletrônica” dos mais variados tipos) a um público variado que busca badalação, divertimento e uma paquera eventual. Deste modo, uma boate é entendida como uma “casa” de entretenimento noturna, que normalmente contém uma pista de dança e uma música mais “dance”.

E o que distingue uma boate, de uma boate GLS? Se partirmos do pressuposto de que uma boate atende a um público diverso e bem variado, inicialmente não temos razões para fazer tal distinção. Contudo, o próprio termo GLS já indica um processo de diferenciação. Como dito anteriormente, cunhado a partir de um contexto mercadológico, a intenção seria atender um público específico, mas não de modo restrito. Conforme Braz, “é nesse contexto, já nos anos 90, que surge a categoria GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), a partir do MixBrasil, que incluía uma página de Internet e um e festival de cinema alternativo, ambos voltados para esse público emergente” (Braz, 2007: 4).

De algum modo, se por um lado, o fenômeno das boates GLS ganhou destaque a partir de toda uma demanda mercadológica, por outro foi responsável por produzir um espaço específico que não deixou de gerar significados sociais. Em artigo recente, intitulado: “Por que as baladas GLS chamam tanta atenção dos heterossexuais?”, a Revista Capa (uma produção impressa voltada ao público gay brasileiro) levantava que entre os principais motivos que leva alguém à freqüentar uma boate GLS é o fato de que ela se apresenta como “um mundo liberal, divertido e cheio de experiências”.¹⁹ De fato, pudemos perceber em nosso trabalho de campo, a partir da fala de nossos entrevistados, que a boate GLS está associada à uma “alegria contagiante”.

Poderíamos, a este respeito, indagar sobre o significado de tal representação: afinal, esta não seria a mesma categoria utilizada para dizer que “todo gay é alegre”? “Eles são muito alegres. Eles são muito divertidos e dançam muito e eu fiquei assim...teve horas que eu não dancei, eu sentei e fiquei só observando, porque era muito legal.” (Cristina, 24 anos, heterossexual). Esta referência pode ser problemática se compreendemos a associação entre homossexualidade e alegria, como um modo de desqualificar um grupo social, à medida que

¹⁹ Matéria de Thais Martins, publicada na versão digital, revista nº 12 de 10/08/2008.

atribuímos a ele um rótulo que o estigmatiza e o marginaliza. Lembrando que o adjetivo alegre pode ter uma conotação pejorativa: alguém que não tem seriedade; que não deve ser levada a sério; que não é vista com bons olhos (‘escrachada’).

Sem a intenção de fechar a discussão, passamos agora a problematizar sobre aos dois pontos principais, que em nosso entender, são eixos de significação para a compreensão de uma boate gay: a dimensão política e a dimensão de sociabilidade.

4.1.2. *O aspecto político*

Podemos ser questionados quanto a este ponto. Afinal de contas, o frequentador de uma boate está preocupado com o aspecto político de sua presença naquele contexto? Dito de outra forma: será que todo frequentador de boate GLS está preocupado com a “causa gay”? Com a visibilidade do movimento? São questões que pretendemos destacar ao longo deste capítulo.

Como pensar o espaço sob o ponto de vista político? O espaço não é dado, é construído. Esta construção está inserida dentro de dimensões políticas e ideológicas. Há uma definição de espaço que está pautado numa idéia de *definição legítima* (Bourdieu). Sabemos que toda tentativa de definição traz consigo uma intenção de abarcar toda uma gama de significações em torno do elemento a ser “classificado”. Assim, no conceito de “cultura” queremos dar conta de tudo o que seja cultura; no conceito de “civilização” queremos dar conta de tudo o que seja civilizado; no conceito de “sociedade” tentamos abarcar tudo o que possa estar implicado em tal conceito. Do mesmo modo, o território não escapa a esta tentativa reducionista. E é aqui que localizo seu aspecto político. Toda e qualquer definição está a serviço de um *discurso sobre*. Neste jogo, há quem estabelece e também há também o

que/quem é estabelecido. Se isto serve para as relações sociais, também serve para a construção dos espaços sociais.

Importância desses espaços. Eu tenho muitos amigos né? que são gays, eu tenho amigas lésbicas também. E a gente conversa bastante sobre isso né? Antes mesmo de eu freqüentar, antes mesmo de eu conhecer esses locais, a gente já conversava bastante....E conhecer essas pessoas, me fez refletir muito mais sobre isso. (...).E o fato é que eles não são diferentes, são indivíduos que também querem ter uma boa vida, querem ser felizes e infelizmente a sociedade, ela faz com que se coloque à frente a opção deles, a orientação deles, a nível sexual, do que eles são né? Isso não vai definir...Por isso que muitos se marginalizam, vão pra prostituição, porque eles não vêem perspectiva futura pra eles próprios, eles entram numa estima tão baixa de que “já que sou assim, é o que me resta...” Mas não é bem isso, né? Lá nesses ambientes conhecem de todo tipo, tu conhece de todo tipo, pessoas, indivíduos, bem estruturados psicologicamente, financeiramente, bem realizados e outros não. Outros perdidos, outros começando. Jovens ainda em dificuldade pra se assumir. E lá é um ambiente onde se trocam experiências também, né? É um ambiente de encontro. E eu acho importante.

(Cláudia, 25 anos, heterossexual, freqüentadora de boates GLS).

O espaço da boate GLS, como entendido por Cláudia, é visto sob o ponto de vista da auto-afirmação. Eles possibilitariam que além do encontro “com os pares”, os freqüentadores identificados como GL (gays e lésbicas) pudessem, inclusive (além de socializarem-se), se auto-afirmarem como sujeitos de direitos e possibilidades. Na verdade, o espaço, nesta perspectiva, funcionaria como um contexto liminar, em que os agentes sociais depois de vivenciarem experiências variadas, pudessem reorganizar sua própria existência social. Conforme Edward McRae,

Os sentimentos de culpa e pecado que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores sociais que levam a ocultar-se, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte dos amigos e familiares. O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez reconstruída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso, é de maior importância a existência do gueto. Mais cedo ou mais tarde, acaba afetando outras áreas da sociedade (MacRae, 2005: 299).

Mas não é só isso. Também podemos notar que são estabelecidas uma série de hierarquias (ainda que sejam de valores e significados). Os agentes sociais ocupam espaços distintos nessa teia de relações. Há as classificações, os estereótipos.

As relações são iguais (classe social e preconceito)? Existe! Mas se existe! Eu tiro por mim, eu sofro de certo preconceito porque eu não sou uma bicha fashion. [O que é ser uma bicha fashion?]. A bicha fashion aqui em Manaus, ela usa aquela calça cheia de brilho ou cheia de fiapo, apertada...Gay aqui em Manaus não usa calça jeans lisa, tem que ter um babado, um brilho, um desfiado, um bolso não sei o que, e aquelas blusinhas baby look super apertadas, cheias de brilhos, paetês e tudo o que tiver direito. Cabelo 50 ou 25%, gel, um pozinho...Eu distou do lugar.

(Ricardo, 27 anos, homossexual, frequentador de boates).

A relação política não pode ser entendida somente no aspecto da “visibilidade” destes espaços. Ela também perpassa o jogo de conflitos, interesses e separações. Não podemos deixar de destacar que no contexto das boates estudadas, a distinção dos frequentadores (não só por se tratar de um público variado) se faz a partir de marcadores de diferenças: a roupa, a linguagem, o comportamento. É como se as pessoas produzissem através do próprio corpo a barreira de separação. Conforme Foucault, “(...) o dispositivo de sexualidade se liga à

economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal – corpo que produz e consome (Foucault, 2007: 118).

Assim sendo, acreditamos que a própria tentativa de delimitação do espaço esbarra na própria dinâmica deste espaço. Foi o que pudemos constatar em uma das boates pesquisadas (Cabaré). Ao estabelecer espaços delimitados para determinados tipos de clientes (considerados como VIPs) em contraposição à outros, há a marcação de fronteiras. O espaço pensado relacionalmente (espaço social) não está definido de forma objetiva, mas passa por estes processos de arranjos e articulações deliberadas. Estes espaços são atravessados por uma relação de poder que não é localizável. O espaço social é fluído. É fluxo constante, permanente. As relações sociais não se restringem a um determinado espaço, não tem local específico para acontecer. Os agentes sociais estão o tempo todo criando mecanismos de mudança do espaço social. Criando formas de apropriação. Criando mecanismo de “burlar” a ordem estabelecida. Há a tentativa de estabelecer fronteiras, demarcações, objetivas, mas elas não são tão fixas quanto se pretende. Para Bourdieu, a tentativa de classificação, de naturalização do espaço, de essencialização/substancialização é um ato deliberado: “as classificações mais ‘naturais’ apóiam-se em características que nada tem de natural e que são, em grande parte, produto de uma imposição arbitrária, que dizer, de um estado anterior da relação de forças no campo das lutas pela delimitação legítima” (2007: 115).

Também nós individualmente não estamos restritos ao um determinado espaço, e nossa trajetória de vida e nosso cotidiano nos apontam nesta direção. Determinamos o espaço, mas não somos determinados a ele. Criamos o espaço para nos utilizarmos dele. Atuamos sobre ele. O espaço não estabelece por si mesmo uma identificação. São os valores, as crenças, as subjetividades que contribuem com o processo de significação dos espaços sociais.

Neste sentido, podemos pensar que o poder que determinados espaços parecem conter de atribuir uma identificação negativa, um verdadeiro processo de estigmatização social são na verdade resultado de uma ampla articulação discursiva que cria significados e estigmatizações. Conforme Toneli e Perucchi,

Os sujeitos que transitam por esse território são frequentemente classificados e identificados como tendo suas experiências homoeróticas convertidas automaticamente em identidade homossexual. O sujeito é então reconhecido como a-histórico, naturalmente constituído e portador de uma essência homossexual que o faz ser o que é e comportar-se de determinada maneira, como se homens e mulheres fizessem parte exclusivamente de dois grupos humanos distintos, antagônicos e excludentes: heterossexuais ou homossexuais e, como se a sexualidade fosse absolutamente redutível às práticas sexuais (Toneli; Perucchi, 2006: 42).

Acontece que atribuímos a estes espaços um conjunto de significações que tem poder de criar uma identidade, um rótulo, um estigma, que eles mesmos não possuem. É o que Bourdieu chama de “ato da magia social” (2007: 116), em que algo que é produto das relações sociais de apresenta como algo naturalizável. Um mecanismo que visa o controle, a criação de um *habitus*, a manutenção de uma ordem:

“Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distancias, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo *efeito de naturalização* que a inscrição durável das realidades sociais no mundo social acarreta: diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas (basta pensar na idéia de “fronteira natural”) (Bourdieu, 2008: 160).

Partilhamos das construções teóricas dos estudos de gênero postuladas por Strathern, Joan Scott, Judith Butler, à medida que não entendemos a identidade como um dado naturalizável. Ela é produto de intensas e constantes configurações e reconfigurações. Talvez a própria idéia de identidade seja equivocada, à medida que denota uma idéia de fixidez permanente. E neste contexto ela pode tender a ser um mero instrumento regulatório e normalizador, conforme Judith Butler (1998). Assim sendo, contrapondo-nos à toda tentativa

de essencialização do conceito de identidade, preferimos pensá-la como um aspecto fluído e transitório, à semelhança dos próprios espaços sociais das boates analisadas.

Na verdade, não é o espaço da boate que se coloca como um produtor de identificação, mas pelo contrário: é o espaço social que cria o espaço físico, e de certa forma, o sobrepõe. Ou seja, é o modo como os agentes sociais, os códigos morais socialmente estabelecidos, os representam, que moldam o modo como estes espaços devem ser compreendidos e classificados. O espaço social (relacional) tem um efeito criador: cria distinção, cria exclusão, cria discriminação, cria comportamentos e identificações. Para Bourdieu,

como o espaço social encontra-se inscrito ao mesmo tempo nas estruturas espaciais e nas estruturas mentais que são, por um lado, o produto da incorporação dessas estruturas, o espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce, e, sem dúvida, sob a forma mais sutil, a da violência simbólica como violência despercebida (Bourdieu, 2008: 163).

Tal relação de poder implicada na construção dos espaços sociais, não deve levar-nos a um fatalismo pessimista. Num primeiro momento parece que, já que todas as coisas mostram-se delineadas a partir de relações de dominação, não há espaço para mudanças e transformações. Mas pelo contrário, a sempre surpreendente capacidade humana para a inventividade nos leva a pensar que sempre são criadas alternativas para a quebra de paradigmas “espaciais”. Os movimentos feministas, os movimentos de libertação sexual; os surgimentos de espaços de sociabilidade para grupos tidos como socialmente inferiores e indesejados; a constante reapropriação de espaços por novos movimentos sociais de grande invisibilidade social e vulnerabilidade; a permanente limitação e arbitrariedade de um sistema que não consegue aplacar os surgimentos de novas identidades; tudo isso nos aponta para o aspecto dialético do espaço social.

Venho à boate porque é um lugar onde encontro com o pessoal e fico tranqüilo. Sei que quando eu tiver vontade de ‘chegar junto’ a outra

pessoa não vai me agredir, porque, mesmo que ela não ‘curta’, ela está no meu espaço. Aqui somos livres pra pintar e bordar, aqui ninguém vai me discriminar porque sou gay. E tem mais: já aconteceu de eu trazer vários amigos e amigas minhas aqui, que tinham certo preconceito e que no final, ficaram como simpatizantes (risos). Eles viram um pouco do nosso mundo.

(Manaus, 14/02/2009, Hélio, boate TS).

Acreditamos, a partir do que foi constatado em campo, que o espaço das boates pode não se configurar como o melhor mecanismo de visibilidade, contudo não podemos perder de vista seu caráter reivindicatório. É bom deixarmos claro que, certamente, um frequentador que vai ao espaço da boate para se divertir não está preocupado com a “bandeira de luta” dos movimentos sociais LGBT. Pelo contrário, é mais provável que encontremos pessoas que queiram permanecer no anonimato. Contudo, entendemos que a dimensão política não está estritamente relacionada à mobilização dos movimentos sociais. Defendemos a tese de que estes espaços, ainda que tenham sido resultado de um movimento mercadológico, ultrapassou os limites da mercadoria. Para nós trata-se de uma dádiva, à maneira de Strathern (2006). Ou seja, o caráter imediatista do mercado “cor de rosa”²⁰, ganha uma autonomia que passa não depender diretamente daqueles que o cunharam. Acreditamos, assim, que a constante externalização desses espaços (através da mídia, dos panfletos, das redes de relações), ainda que permeada de aspectos limitadores, tem um efeito importante para o aumento da visibilidade dessa população.

²⁰ Termo cunhado em referência ao caráter de consumista do estilo de vida dos LGBTs. Dentro do movimento social é chamado de pink-money (dinheiro cor-de-rosa).

4.1.3. *O aspecto de sociabilidade*

No ponto anterior tentei apontar a intrínseca relação entre espaço social e a dimensão político-ideológica. Ou seja, o espaço mais que uma delimitação territorial é reflexo de um sistema de poder que tem mecanismos próprios de imposição de limites sociais, cuja dimensão espacial é apenas uma das muitas possibilidades de determinação. Neste sentido, há fronteiras que são objetivas e subjetivas, mas todas insuficientes em si mesmas para pensar o espaço relacional. Assim, apresentarei agora uma discussão acerca do espaço em sua dimensão de sociabilidade.

Durante o trabalho de campo, vi-me diante de um dilema: como encarar esta realidade dinâmica e complexa dos espaços sociais? Que relações sociais são construídas nestes espaços? Aos poucos, à medida que ia adentrando naquele contexto, ia percebendo que as relações sociais não estão o tempo todo sob o peso de uma objetividade calculista. Embora não possamos perder de vista o aspecto mercadológico que cerca o circuito GLS, não podemos dizer que todas as relações que se dão dentro daquele universo são pautadas por esta dimensão pragmática e imediatista. Ali são construídas relações, criam-se vínculos, encontram-se os pares e, conforme fala dos entrevistados, sente-se em casa. O relato de Ricardo é bem ilustrativo neste sentido:

Espaços GLS. Por que costuma freqüentar? Vai com muita freqüência? Já fui mais. Logo no início da minha rasgação, eu fui mais. Eu andava em todas as boates e genéricos, né? Aí comecei a ir pra sauna depois. Mas pra sauna era uma coisa um pouco mais cara, era uma coisa assim...tipo assim...Eu recebi hoje, eu vou pra sauna, hoje, agora, nesse momento. Agora boate não, ficava indo durante um mês. Tinha uma turma específica pra andar nesses lugares, de gays e não gays. Tinha uma galerinha, uma turma que a gente sempre ia. Aí depois o pessoal foi se separando, aí eu deixei de ir um tempo. Aí

depois voltei, mas já voltei indo com outro pessoal. Mas uma coisa foi interessante: que eu comecei a ir pra boate sozinho. Eu ia só e aí eu comecei a conhecer o pessoal de boate, né? Aí eu saía de casa só, mas quando eu chegava na boate eu encontrava todo mundo. Não tinha aquele relação assim...há eu conheci na boate e é meu amigo durante a semana, não! Durante a semana todo mundo sumia pra fazer suas coisas e aí quinta, sexta, sábado e domingo a gente se encontrava pelas boates. E era assim. Aí depois eu encontrei uma turminha, aí depois já teve a turminha do bairro, já mais próximo assim...Tudo um processo. Eu comecei a andar sozinho, depois comecei a andar com o pessoal da boate, aí depois com o pessoal da universidade, aí depois com o pessoal que era do bairro ou próximo, vizinho, conhecido, amigo do amigo.

(Ricardo, 27 anos, homossexual, freqüentador de boates GLS,
05/03/09)

Não podemos ignorar, portanto, a diversidade de relações criadas no espaço social de uma boate GLS: “tem uma turminha específica” que freqüenta. De fato, nas minhas idas a campo pude perceber no interior da boate muitas relações de “compadrio”. A impressão que eu tinha enquanto pesquisador é que se tratava de pessoas que se conheciam e se reconheciam. Dava para perceber pelo jogo de relações que algumas ‘amizades’ eram trazidas de fora, outras eram consolidadas ali mesmo. Certa vez na companhia de um amigo, na boate Cabaré, após ele ter cumprimentando outra pessoa, perguntei de onde se conheciam e a resposta foi: “daqui mesmo”. De fato acabam se construindo teias de relações, pequenas redes de sociabilidade, de interação.

Vários autores dentro da antropologia tem se voltado a pensar o espaço sob o ponto de vista relacional (Perlongher, 1987; Magnani, 2003). Na verdade, ele manifesta as condições e contradições das relações humanas. Se o espaço vai sendo construído a partir de uma ou de

várias intencionalidades, este por si mesmo não está dotado de uma significação. Esta é adquirida na exata medida em que é vivida e apropriada pelos diferentes agentes sociais. Neste sentido, é que a boate é descrita pelos informantes como um reflexo da própria sociedade.

Impressão sobre os freqüentadores. Bem, eu vi a grande parte dos freqüentadores são do grupo GLS, né?, ou simpatizantes, só que eu vejo que vai muita gente lá pra conhecer e que não tem nenhum problema. Então...eu gostei muito do comportamento, ninguém me faltou com respeito, eu fui muito bem recebida, tanto pela pessoa que me convidou quanto pelas pessoas que eu fui apresentada lá dentro assim. O serviço também da própria boate, avaliando o serviço...bom, ninguém...eu não senti em nenhum momento uma certa indiferença porque eu não participava, eu não era homossexual. Pelo contrário, me receberam bem e é aquilo que eu já disse: ali eles estão livres, então dificilmente o que a gente não vê na rua, eles tendo expressão de afeto um pelo outro, lá dentro da gente vê, eles se abraçam, eles se beijam, e sem medo de serem tachados ou repreendidos por isso. E tem até gente que vai...é...não sei....talvez como bastante preconceito e saia de lá achando aquilo horrível, mas eu acho que são poucas pessoas. A maioria das pessoas que vão, são pessoas que vão ali sabendo que vão num espaço que é deles, é o momento deles, é o ambiente deles, e que ali eles não podem...eles não precisam se fechar como eles fazem no meio externo, na sociedade. Então lá eu achei super legal. Tem atrações, tem os shows deles e tal. E tem os que já são conhecidos. Eu não conhecia nada! Mas eu gostei muito de tudo, eu conheci tudo. Eles são muito alegres. Eles são muito divertidos e dançam muito e eu fiquei assim...teve horas que eu não dancei, eu sentei e fiquei só observando, porque era muito legal. Eu gostei, eu gostei, eu acho isso muito legal. Infelizmente é triste vê que só dentro desses espaços pra eles se sentirem seguros, de se expor e é triste que infelizmente nossa sociedade, na minha opinião, na minha concepção, seja ainda difícil

essa aceitação pública né? Então fica nesse ambientes fechados. Mas eu acho que é válido, eu gosto, eu gostei muito de ter ido. Eu acho importante a existência desses espaços e de muitos outros, né?, até mesmo pra não se tornarem marginalizados assim. Porque eu vejo que muitos são tão marginalizados por conta de não ter como se organizar, não ter como se firmar como pessoa. Querendo ou não é uma crise, uma crise existencial, uma crise de identidade muito grande. Eu me coloco no lugar dessas pessoas e fico pensando como eu me encararia se fosse comigo. Eu acho que o difícil é a gente se colocar no lugar dessas pessoas, que é o que tem acontecido bastante.

(Cristina, 24 anos, heterossexual, freqüentadora de boates GLS,
05/03/09)

Para Cristina, a boate se apresenta para os GLS como uma válvula de escape, um local onde todos podem “ficar mais à vontade”, pois não correm grandes riscos. Ali naquele pequeno espaço, “espaço permitido”, as várias identidades são afirmadas ou camufladas, mas o que importa, na visão de Cristina, é que ali “eles” não têm medo de ser feliz, de “ser quem são” realmente. Mas o que são realmente? Um detalhe interessante de ser analisado na fala de Cristina é que a boate se configura como o lugar dos estigmatizados, dos excluídos socialmente, dos indesejados. Mas não é só isso, é um instrumento forte de afirmação de identidades. Há a idéia de que aquele espaço é conhecido/reconhecido, como pertencente àquele público, àquelas pessoas. Quem vai a uma boate GLS não pode esperar encontrar outra coisa. A casa e Rua são categorias de análise que nos ajudam muito nesse processo analítico.

Roberto Da Matta apresenta em sua análise da sociedade brasileira categorias conceituais relacionadas ao aspecto espacial da casa e da rua. A casa estaria para o privado, como a rua para o público. Segundo Da Matta, assim como a casa é símbolo das relações de cordialidade e dos vínculos de compadrio; a rua evoca uma dimensão de objetividade e afastamento. Contudo, não são realidades oponentes. No caso da sociedade brasileira, podemos até dizer

que são realidades complementares. De fato, podemos verificar que ao nosso redor, dependendo do espaço que estejamos ocupando podemos ter determinados tipos de relações que em outros contextos talvez não sejam possíveis. Mas ao mesmo tempo, podemos fazer de espaços restritos uma extensão de espaços que nos familiares. Daí o termo *êmico*, extremamente utilizado nas boates tanto pelos frequentadores, quanto pelos proprietários: casa.

Quando digo então que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (Da Matta, 1997, p. 15)

Na boate se trocam afetos, criam-se vínculos, encontram-se os amigos. Ali se encontra uma diversidade, uma pluralidade de relações que superam em muito o aspecto pragmático do mundo social. O frequentador vai à boate para se divertir, para dançar, pela música, ou mesmo para ‘caçar’, para um sexo casual. Não existem determinismos.

Por outro lado, podemos pensar que estas mesmas relações sociais são responsáveis por reproduzir objetivamente na estrutura do espaço concretamente delimitado, as mesmas condições das relações sociais que ele abriga. Afinal, “o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com sua rede de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido” (Da Matta, 1997, p. 30).

A partir das falas do diferentes entrevistados (aspectos recorrentes), foi possível elaborar o seguinte esquema de classificações:

- 1) A importância dos “guetos” GLS
 - a) Positivo: “visibilidade”, entretenimento, socialização, segurança
 - b) Negativo: “invisibilidade”, sexo fácil, drogas, prostituição, violência

- 2) Que imagens estão associadas a estes locais? (estigmatização)
 - a) Sexo; drogas; prostituição (fácil)
 - b) Consumo (PINK MONEY)
 - c) Alegria (estereótipo de gay)

- 3) Especificidade das boates
 - a) A2: mista (classe média e classe popular); frequentadores mais jovens; livre para exercício da sexualidade; canto escuro; shows gays (go-go-boys, drags, travestis, michês)
 - b) TS: classe popular; frequentadores mais velhos; livre para o exercício da sexualidade; darkroom; shows gays (go-go-boys, drags, travestis, michês)
 - c) Cabaré: classe média (público seleteo); público variado; “liberdade vigiada”; sem shows gays.

- 4) Relações sociais: bicha pobre & bicha rica; afeminado (bicha rasgada) & não afeminado (bicha camuflada); boy/bofe.

- 5) Termo recorrente nas entrevistas e comum a todas às boates: O estar à vontade.

O que tudo isso nos ajuda a pensar com relação a realidade social das boates GLS? E com relação aos agentes sociais que compõem tal cenário? Que o espaço em sua dimensão histórico-social está marcado entre outras coisas por relações de poder. Determinados espaços nem sempre evocam em sua estrutura uma realidade de inclusão. São produtos de relações, de negociações, de conflitos e de tensões. Contudo, tentamos deixar claro ao longo do capítulo que se eles podem ser produto de um contexto segregador e discriminatório, também estão cercados por estratégias de resistência e visibilidade. Dentro de uma estrutura que tem o intuito de separar, de segregar, ainda é possível encontrar certas porosidades. As pichações na paisagem dos grandes centros urbanos; os andarilhos das ruas das grandes cidades; os moradores de rua; as construções irregulares; são mecanismos de resistência, se constituem como tentativas sutis de apropriação dos espaços sociais. E servem para nos dizer algo: para além dos milimétricos traçados espaciais da cidade, existem realidades que não podem ser

enquadradas, suprimidas e ignoradas, pois permanecem para além de nossas tentativas de delimitação, se circunscrevendo no jogo das relações humanas que estão fora da imediaticidade do mundo: estão no limite de certa relação social.

Capítulo IV: PENSANDO A DIVER(CIDADE)

A idéia de espaço quase sempre está associada ao aspecto territorial. A ditadura do geográfico, da delimitação espacial torna-se imperativa. Contudo, quando observamos grupos sociais e sua dinamicidade vislumbramos as limitações de uma abordagem estritamente cartográfica. Os espaços sociais se configuram como um fenômeno antropológico-social ímpar em que entram em cena aspectos relacionais, subjetivos, performativos.

Deste modo, inicialmente nos apropriamos da definição do espaço delineada por Magnani através da noção de “circuito”. Contudo, não perdemos de vista a peculiaridade e especificidade de nosso objeto de estudo e ressaltamos também a noção de “gueto”. Tal termo é uma noção êmica e é recorrentemente utilizada dentro do contexto LGBT.

Assim sendo, uma discussão sobre espaços sociais (neste caso específico as boates GLS), seja encarada sob o ponto de vista da sociabilidade (circuito) seja sob o ponto de vista político (gueto) certamente não pode estar dissociada do próprio contexto da cidade. Desta forma, ao propomos uma reflexão sobre a realidade social das boates GLS, torna-se indispensável uma reflexão sobre o próprio contexto sócio-histórico-cultural da cidade que engendra em si mesma tanta diversidade e complexidade analítica quanto a que cerca o mundo das boates.

Pensar a cidade como um produto da cultura humana, nos permite uma reflexão sobre ela para além dos contornos infraestruturais ou arquitetônicos. Na verdade, a cidade, sendo resultado de um longo processo sócio-histórico-cultural, é fruto de anseios humanos que superam em muito o caráter imediato do mundo e se inserem naquela dimensão já atendida por Lefebvre: (n)as necessidades sociais (1991: 103). Neste sentido, a cidade pode ser

pensada sob inúmeros aspectos e perspectivas e todas elas insuficientes em si mesmas para dar conta desta complexidade inerente ao universo das relações humanas.

Quando procedemos a um recuo no tempo, percebemos quase que imediatamente que a história da cidade está ligada intimamente à história do homem. Certamente os autores são unânimes em afirmar que a cidade, tal como a compreendemos contemporaneamente, é fruto da modernidade. É resultado de um momento específico da história, em que um modelo econômico capitalista estabelece suas bases. A cidade, segundo este ponto de vista é o lugar do comércio, das trocas, dos negócios, da “liberdade”, etc. É o espaço propício ao homem de negócios, aos desbravadores, aos empreendedores. Mas esta é apenas uma das muitas visões possíveis acerca da cidade.

A cidade pode ser compreendida também como uma tentativa de organização dos grupos humanos. Com a demanda do crescimento populacional e a constante necessidade de um ordenamento espacial, a cidade se apresentava como uma alternativa possível face à “desordem” e ao “caos”. Se num primeiro momento a cidade se tornara o paradigma por excelência dos interesses de uma coletividade (vide a *pólis* grega), com o passar do tempo ela se caracterizaria exatamente por uma proposta oposta: a heterogeneidade, a diferença, a autonomia (a cidade moderno-burguesa). Seguindo esta lógica, a cidade, dos tempos atuais, só encontra sua especificidade na medida em que se contrapõe a outros espaços e contextos: o campo, o pessoal, o coletivo/comunitário, etc. Neste sentido, o urbano acaba sendo a representação por excelência da cidade. As relações são reguladas por outras lógicas: a impessoalidade, o particular, o individual, o fluido, a transitoriedade, a informalidade (Simmel, 1979).

Em síntese a cidade nos moldes atuais pode ser entendida como o lugar do múltiplo, do diverso, do imprevisto e do inevitável. Assim sendo, a cidade é capaz de produzir cultura,

comportamentos e indivíduos, que trazem consigo a marca do espírito citadino. Nas palavras de Robert Ezra Park,

a cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc.; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos – tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana (Park, 1979: 26).

Viver *na cidade* e viver *a cidade* se constitui uma verdadeira imersão na complexidade e na diversidade do mundo da cultura humana. Para Lefebvre, a cidade constitui acima de tudo um direito. E este não pode ser negado aos homens. “(...) o direito à cidade se afirma como um apelo, como uma exigência” (Lefebvre, 1991: 116). Trata-se de um imperativo, um direito inalienável. Mas em que consistiria tal direito? O autor responde: “O direito a cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada” (Id., Ibid.; 116-117). E continua: “O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra e o direito à apropriação estão implicados no direito à cidade” (Id., Ibid.; 135). O velho e o novo se encontram. A tradição e a inovação se confrontam. A cidade vai se impondo. Mas será que de fato, a efetividade desta apropriação se concretiza no interior das cidades?

A cidade não pode ser encarada de um mero ponto de vista romântico. Sabemos que no contexto da cidade também há espaço para a afirmação de diferenças, para a confrontação

de posturas e idéias, de tipos e concepções de mundo. A cidade pode se apresentar como o palco ideal para a consolidação de diferenças sociais, de desigualdades, de intolerância. A cidade se configura num misto de “sonho” (realização) e “pesadelo” (fracasso individual ou coletivo), um ser híbrido que pode assumir várias faces dependendo do contexto e do momento. As oportunidades não são dadas de maneira igualitária. No espaço da cidade impera a capacidade de destacar-se da multidão. E quase sempre, o recurso econômico acaba servindo como o mais importante distintivo das relações sociais. Os vínculos são fluídos e flexíveis. Os interesses são os mais diversos possíveis. “O superficialismo, o anonimato, e o caráter transitório das relações urbano-sociais explicam, também, a sofisticação e a racionalidade geralmente atribuídas ao habitante da cidade” (Wirth, 1979: 101).

De fato, no âmbito das relações sociais a cidade ganha vida e se reflete nos indivíduos. Afinal de contas, em que consiste a cidade senão num complexo jogo de interesses e vontades? “Na realidade são as práticas sociais que dão significado ou ressignificam [os espaços], através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação” (Magnani, 1996: 39) Desta maneira, os diferentes sujeitos acabam criando mecanismos próprios de distinção e auto-afirmação. Cabe citar aqui os pequenos “guetos” que acabam sendo formados no âmbito das grandes cidades: grupos segregados, relegados, discriminados, isolados, privados de exercerem plenamente o seu *direito à cidade*. Por outro lado, esta segmentação na ordem da cidade revela seu lado dinâmico e dialético. Os grupos não são uniformes e reclamam a possibilidade da existência do “múltiplo” no “uno”. Os espaços possibilitam a produção de novas identidades, de novas subjetividades e ao mesmo tempo reproduzem em si mesmos as contradições da realidade que os cercam.

Num contexto de tanta diversidade, como regular o espaço social? Certamente não faltam mecanismos de controle. Seja na objetividade das leis das instituições, seja no olhar

repreensivo dos “outros”, as condutas passam por um rígido controle de “normalidade”.

Afinal,

todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em alguns momentos e em algumas circunstâncias, fazer com que elas sejam seguidas. Regras sociais definem situações sociais e os tipos de comportamento apropriados a elas, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas” (Becker, 1977, p. 53).

Alguns grupos sociais têm um alto preço a pagar quando inseridos neste processo de segregação social. Daí a questão: num contexto de exclusão oficializada, qual a possível alternativa de escape? Os espaços das periferias, dos subúrbios, e os recantos dos grandes centros. O dispositivo do poder faz-se presente: de um lado a repressão, de outro a resistência. São grupos cuja visibilidade é incomoda e indesejável. Mas como tais espaços poderiam ser pensados sob o ponto de vista dos segregados? Como um mecanismo de preservação e sobrevivência?

João Pedro, camelô, 30 anos.

O que acha de trabalhar próximo a uma boate gay? Olha, é uma coisa muito....digamos assim...pra mim é uma coisa que é normal no caso, né? Apesar de eu não concordar com muitas coisas, entendeu?, que acontece por aí. É muita esculhambação, pessoas de menor né? E outras coisas aí.

O que você acha de uma boate gay e dos freqüentadores de uma boate gay? Na verdade, é um tipo de classe social né? É outro....São pessoas diferentes. Pra eles, eles acham normal. Na verdade, na minha concepção é uma concepção que é uma coisa que é impraticável no caso.

Você iria a uma boate gay? Por que? Não! Porque eu não sou simpatizante de homossexualismo. Pra mim isso é pecado. Quem faz isso é doente. Como você vai gosta de alguém do mesmo sexo? Acho que isso também pode ser safadeza, tem muita gente sem vergonha no mundo. Gente que não se dá o respeito. Hoje em dia tá tudo de cabeça

pra baixo. Você vê até velho virando viado! Quando que na minha época tinha isso? Não tem como aceitar isso! Pra mim homem de verdade gosta de mulher.

Se você tivesse um amigo, um parente que fosse gay, como você reagiria? Rapaz, eu deixaria pra lá oh! No caso o problema é dele, né? Se ele quiser ser gay...

O que você acha que alguém busca numa boate gay? Isso aí eu não sei não. Talvez seja se divertir mas não sei qual é o objetivo não.

Você já ouviu algum tipo de comentário sobre boate gay? É...algumas coisas, né? Por exemplo, lá dentro como funciona, né? Mais tipo de sensualismo e tal. A imagem da boate com certeza está associada ao sexo. Porque é uma coisa impura, né? À vista principalmente de Deus, né? E das pessoas...Tem algumas pessoas que concordam, outras não. Mas ao meu ver é uma coisa que tá relacionada a isso: ao sexo.

(Manaus, 05/03/2009, entrevista com trabalhador das proximidades da boate A2)

Este comentário de ‘alguém de fora’, resgata um pouco nossa idéia de que os espaços sociais da boate são reconhecidos como locais segregados não só por quem busca seu ‘refúgio’, como também por parte daqueles que não fazem parte dele. Nas palavras de João Pedro, é o local da safadeza, da sem-vergonhice. ‘São pessoas diferentes, estão em pecado, são doentes’. Esta é a representação que a grande maioria dos agentes sociais possui acerca de um freqüentador de boate. E revelam nos seus discursos uma discriminação que está fundamentada numa idéia de naturalização. Por outro lado, se antes ‘se ouvia falar’, ‘hoje está tudo de cabeça para baixo’. O que esta afirmativa quer dizer? Entendemos que, ainda que o contexto de discriminação/estigmatização ainda persista, esses grupos indesejados começam a fazer parte do cenário da cidade. Não há mais como ignorá-los. Como João Pedro, há muitos que não simpatizam e não aceitam a boate e seus freqüentadores, porém a cidade se constitui como um espaço que também é deles.

A cidade comporta um conjunto de peculiaridades que impossibilitam uma tentativa de abordagem holística. O que se tenta alcançar é uma aproximação opaca do espectro cidadão projetado na vida concreta dos agentes sociais. O que nos inquieta é: como algo tão abstrato, e que se configura sob o conceito de “cidade”, pode se impôr de forma tão consistente na vida social? E se, de fato, o surgimento das cidades está associado a um longo processo de “aperfeiçoamento” (Wirth, 1979, p. 90), como explicar tantas contradições, desigualdades e conflitos num contexto tão diversificado? Talvez estejamos distantes de uma resposta satisfatória, entretanto, estamos convencidos que, enquanto produto de um tempo e de um espaço específicos, a cidade, e seus reflexos, é produto cultural dos homens. E diante de uma realidade tão complexa não cabem reducionismos.

Se de um lado a cidade possibilita profundas transformações no modo de ser dos seus habitantes, por outro nos permite pensar a dinamicidade criativa que estes mesmos sujeitos encontram para vivenciar este *status* de cidadania, implicando diferentes formas de apropriação e de afirmação. As discussões delineadas por Frugoli (2007) sobre a sociabilidade urbana nos ajudam a pensar a variedade dinâmica de manifestações que se dão no interior disto a que chamamos cidade. Para o autor seja na figura do cidadão, seja na do cidadão, a cidade nos coloca diante do dilema das possibilidades. Neste sentido, a figura do cidadão remete a especificidade do homem urbano. Este encontra formas específicas de se apropriar do espaço urbano e de por em evidência sua identidade cidadina. Não existe um jeito de ser determinado.

Levando em consideração a análise de Frugoli, podemos dizer que o próprio termo GLS já evoca esta realidade múltipla, diversa. Uma boate é freqüentada não só por homossexuais masculinos ou femininos, mas pelos simpatizantes. Já dissemos que é extremamente possível encontramos nesses locais pessoas que não se identificam como

homossexuais: casais héteros, casais de namorados. Conforme desabafo de um de nossos colaboradores:

O que tinha antes que não tem hoje e que você vê essa diferença? Por exemplo, hoje eu vou pra A2, que é uma das principais boates que tem aqui, e não tem mais quarto escuro como tinha antes, pra mim não é mais uma boate. Na verdade, ela começou....Eu penso assim, a A2 começou....Eu to na A2 desde quando começou. Ela começou GLS, coisa bem ampla, aí depois ela foi inclinando pro gay, teve uma época que tava super gay, aí depois ela abriu de novo, só que agora ela abriu demais. Eu acho assim. Tá um lugar que é assim GLS mesmo, não é uma boate gay. Se tu pega, por exemplo a TS, faz um contraponto. TS pra mim é uma boate gay. Poucos héteros vão e até o ambiente não agrada aos héteros. Mas a A2 não: ah, todo mundo vai porque a musica é boa, porque a balada dia de sábado todo mundo se pega mas tem aquela barreira de você conscientemente saber que tá num lugar que é estigmatizado, que você cria um espaço específico pra certas relações mas que você não pode estender muito essas relações. Quer dizer, não basta pensar que só porque você esta nessa boate, com um numero maior de freqüentadores homens, são bissexuais ou gays, não!, hoje...Quer dizer, antigamente a gente tinha certeza de que a maioria dos caras que estavam lá curtiam sem problema nenhum, não tinha...E hoje não, hoje eu não sei. A gente tem algumas investidas as vezes de tá de paquera e acaba não rolando porque o cara não é, o cara é hétero, veio com a namorada, veio com a família, veio não sei com quem, porque o som é bom....Não é aquele negócio mais direcionado. Pra mim, a TS ainda continua assim. TS é bem mais específica. Tanto que geralmente vão casais, né? Não é muito de caçação assim. Mas teve um tempo também que eu sempre me dava bem na TS e super mal na A2. Eu ainda conseguia alguma coisa quando tinha o quarto escuro, afinal estava no quarto escuro mesmo, mas aí acabou né?

(Ricardo, 27 anos, homossexual, freqüentador de boates GLS)

Se a cidade então pode se configurar como uma rede complexa de objetividades e subjetividades que constantemente se contrastam e se complementam podemos nos indagar até que ponto as redes de sociabilidades surgidas no interior do espaço urbano, e de modo particular no interior das boates GLS, refletem em si mesmas esta dinamicidade contraditória a partir dos sujeitos que dele se apropriam. No contexto das boates analisadas deparei-me com uma realidade bem diferente e nova: com seus códigos próprios de conduta, com uma diversidade de frequentadores, com a variedade de cores e sons, enfim, com um contexto que em nada remetia a uma idéia de padronização. Contudo, também evocava um aspecto de homogeneidade. Em que sentido? Apesar da multiplicidade manifesta, todos sem exceção pareciam pertencer aquele lugar, fosse pelo tipo de comportamento, fosse pelo estilo das roupas, etc. Entretanto, à medida que adentrava neste contexto, percebia que minha primeira impressão estava equivocada: antes de tender à uniformidade, estava me deparando com uma teia de significados (Geertz, 1989).

Não podemos ignorar o fato de que as boates GLS estão associadas a uma determinada percepção da sexualidade. Assim, alguém pode frequentar tranquilamente uma boate fora do circuito GLS sem sentir que sua identidade esteja ameaçada de estigmatização; por outro lado, se vai a uma boate do circuito gay, certamente tal escolha não passará despercebida socialmente. Mas que relação é essa, que é travada entre espaço e sexualidade? A partir das reflexões de Michel Foucault (2006) sobre a história da sexualidade, a sexualidade passa a ser compreendida também como uma produção de discursos. Se em algum momento houve a necessidade de uma política de controle e vigilância, agora se estabelece um liberalismo sexual. Na verdade, segundo Foucault, nunca se falou tanto, nunca se produziu tanto, nunca se fez tanta questão de trazer à tona a questão da sexualidade. E isto não se deu sem uma intenção. Pelo contrário, a necessidade é produzir um determinado discurso. Agora são

estabelecidos sistemas de fabricação de um discurso sobre o sexo: uma polícia do sexo (Foucault, 2006: 31).

Estabelece-se mecanismos de produção de significados, de sentidos, para a prática da sexualidade. Estes não são ingênuos. No que tange à homossexualidade, se antes sua prática era dispersa, agora ela ganha corpo, identidade, forma: “O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa” (Foucault, 2006: 50). A ‘mecânica do poder’ encrava-se nos corpos, a sexualidade passa a ser ‘naturalizada’, localizada. Do mesmo modo, podemos associar a boates como uma possibilidade de categorização de um discurso sobre a sexualidade. Isto pode ser evidenciado à medida que o freqüentador de uma boate GLS, pode até nem se identificar como homossexual, mas sua identidade passa a estar associada aquele lugar.

Assim, a padronização dos comportamentos acaba funcionando como o instrumento normatizador por excelência e a cidade o lugar próprio de sua existência. Esta encontra nos sistemas objetivos e subjetivos um mecanismo eficaz para a manutenção da “ordem”. Estamos inseridos, afinal de contas, num contexto em que os mecanismos de controle e enquadramento assumem as mais variadas formas e adentram os espaços mais inimagináveis, tornando os indivíduos seres com vontade regulada e sem a possibilidade de uma existência a partir de seus próprios valores e inclinações. Há uma verdadeira inversão de perspectiva na medida em que aqueles que, de fato, operam uma “subversão” em seu modo de viver e se situar no mundo social se tornam alvos fáceis de uma cultura da exclusão e da discriminação. A palavra de ordem parece ser aquela da padronização dos comportamentos. Não há espaço para condutas “desviantes”. Ocorre desta forma um consistente processo de estigmatização dos sujeitos.

Não gosto de boates, acho que os caras que vão numa boate gay são muito caricaturais. Detesto o cara que fica se retrocendo²¹ todo, querendo ser mulherzinha. Pra mim o cara pode curtir outro cara, mas não precisa querer dar uma de mulher. Se for pra mim ficar com um cara afeminado, eu prefiro ficar com uma mulher. Por isso que não vou em boate, pois sei que lá tá cheio de carinhas desse tipo.

(Anderson, 28 anos, trabalhador das proximidades da boate TS)

Assim, há todo um armamento simbólico utilizado para a intimidação dos indivíduos (o preconceito, a discriminação, os estereótipos, as piadinhas, os cochichos) e que contribuem para uma atitude de “conformismo”, medo e resignação. “O gay é aceitável quando é másculo (e masculinizado) e se porta de maneira discreta, mas não é aceitável quando, mesmo másculo, manifesta publicamente afeto a um parceiro do mesmo sexo” (Kronka, 2003: 164)

Certamente que todo esse processo de estigmatização dos indivíduos está pautado numa idéia, socialmente estabelecida e comumente aceita, de que existe um padrão de comportamento adequado a cada sexo e que, portanto, homem e mulher devem corresponder aos seus respectivos papéis. Conforme Geertz,

se há uma coisa que todos consideram ser parte da maneira como o mundo está organizado é o fato de que os seres humanos estão divididos em dois únicos sexos biológicos. É claro que também se admite que algumas pessoas em qualquer lugar do mundo não se comportam de acordo com as expectativas do papel que lhes foi atribuído segundo seu sexo biológico e, de uns tempos para cá, várias pessoas em nossa sociedade já chegaram até a sugerir que papéis que se diferenciam tanto não deveriam nem mesmo ser atribuídos a quem quer que seja. Mas mesmo que uns prefiram gritar “vive la différence!” e outros “à bas la différence!”, não existe muita dúvida quanto à existência de uma diferença (Geertz, 1997, p. 122).

²¹ Termo êmico para destacar os possíveis traços afeminados de um indivíduo.

Se a “sexualidade desviante” surge como um estigma social que precisa ser combatido e evitado, isto repercutirá inclusive na forma dos sujeitos se comportarem. Com relação às boates GLS, pude verificar que entre elas existe uma série de especificidades que servem como distintivos, sejam objetivos (quanto a estrutura das construções, por exemplo), sejam subjetivos (quanto à postura e atitude dos frequentadores). No tocante a este último ponto, pude perceber certa diferenciação no ar de liberdade que cerca as boates.

De um lado, temos uma boate (TS) que se localiza especificamente numa zona “restrita” da cidade (área portuária). Vale lembrar que para a maior parte da população, o local onde está situada tal boate é uma zona meretrícia. Segundo uma conversa que tive com um dos frequentadores, que se considerava um cliente assíduo do local, foi-me dito: “Venho todo fim de semana pra este local. Sinto-me livre. Aqui a gente vê e faz acontecer. Além de ser uma boate bem antiga, em comparação as outras, aqui pode-se dizer que é um local gay de verdade” (Conversa realizada em 20/04/2008).

De outro, temos uma boate (A2) que fica localizada numa área comercial bem movimentada e com grande visibilidade, principalmente no que tange ao fluxo de carros e ônibus. Com relação à primeira boate (TS), observei que os frequentadores estavam envoltos num ar de liberdade e descontração. Os que chegaram um pouco antes da abertura do local conversavam normalmente, alguns trocavam carinhos, outros esperavam “solitários” pelo início da festa. Já na outra boate (A2), verifiquei que a concentração de pessoas era bem dispersa e variável (a maior concentração fora da boate se dava por volta da 00:30), com uma forte concentração de pessoas num bar bem próximo, que serve como um *point* de espera (Bar do Alex). Ainda com relação a esta boate, as pessoas pareciam muito menos à vontade. A percepção que eu tinha, enquanto observador, era a de que havia certa tensão entre a necessidade de manutenção do anonimato e a gritante visibilidade do local. De alguma forma,

as pessoas passavam a impressão de que não queriam ser vistas. Perguntado a um freqüentador sobre o que ele achava do comportamento apreensivo das pessoas, ele respondeu que “alguns preferem manter o sigilo, pois no cotidiano tem atividades que exigem uma ‘boa imagem’” (Conversa realizada em 19/04/2008).

Podemos nos perguntar sobre o sentido da resposta dada. O que faz com que indivíduos num exercício de sua liberdade permaneçam, ainda que aparentemente, num estado de vigilância permanente? E por que o fato de se freqüentar um espaço destinado a um público GLS pode comprometer ou “sujar” a imagem de alguém? Talvez isto se explique pelo menos por dois motivos: primeiro, o reflexo de uma cultura preconceituosa e discriminadora na vida dos sujeitos; segundo, que a sociedade estabelece critérios de comportamento que além de serem assimilados pelos indivíduos, são reproduzidos socialmente através de práticas e discursos. Se de alguma forma as pessoas ainda tem receio de manifestar sua sexualidade ou de simplesmente vivenciarem por alguns instantes um estado de descontração em determinados ambientes, isto pode ser um indicativo de que alguns paradigmas conservadores permanecem, seja objetiva ou subjetivamente, “inscritos” nos “corpos” e nas “mentes” dos indivíduos. É o que sinaliza Hall:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados, produzidos pelas representações, que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (Hall; Woodward, 2000, p. 17).

O anonimato funciona como um mecanismo de auto-defesa contra o olhar do outro, ainda que este seja imaginário. Por que alguns frequentadores de boates GLS temem a possibilidade de serem vistos? Reconhecidos? Há uma recorrência deste aspecto. A proibição social se inscreve no próprio modo de ser dos indivíduos. Estes, se escondem do preconceito social que cerca sua orientação sexual, suas preferências, suas escolhas. Preservam-se da violência simbólica que pune e segrega os que ocupam certos espaços tidos como liminares. Frequentar uma boate GLS pode se configurar como uma conduta indesejável e altamente perigosa. Lembremo-nos da figura do desviado de Howard Becker. Neste sentido, “quem anda com porcos farelo come”; em outros termos, quem vai à uma boate GLS deve estar apto a ser classificado na melhor das hipóteses como simpatizante da causa.

Outro elemento que merece atenção diz respeito ao processo de auto-identificação das boates frequentadas pelo público GLS. Neste aspecto, faço sempre questão de destacar: há um grande fosso de separação entre ser *destinado à* e ser *frequentador por*. Por quê? Porque existem determinados espaços que acabam sendo muito frequentados pelo público GLS, mas que não são reconhecidos por seus proprietários como um espaço do público GLS. Por outro lado, não significa que em um ambiente que seja reconhecido pelo proprietário e pelos frequentadores como GLS não possa receber pessoas com uma orientação sexual diversa. Talvez a dificuldade para o reconhecimento de um local como GLS esteja no fato da visibilidade, da imagem. Ou seja, determinados donos de estabelecimentos, com receio de que seu recinto seja estigmatizado como um lugar de homossexuais, optam por não se posicionarem com relação a uma possível identificação gay ou se posicionam ferrenhamente contra tal classificação. Por via de regras é melhor fazer vista grossa e ignorar o fato de que os frequentadores em sua maior parte pertençam ao público GLS. Mas os conflitos e preconceitos não ocorrem somente dos de “fora” com os de “dentro”. Acontece dentro do próprio grupo. Seguindo esta lógica podemos falar até mesmo num processo de

segmentarização dentro dos ambientes GLS. Isto se torna visível quando os próprios freqüentadores iniciam um processo de delimitação de território. Ou seja, existem espaços que são mais freqüentados pelas “bichas pobres” e outros que atendem em sua demanda as “bichas de elite”, conforme alguns informantes. Ocorre ainda, por exemplo, que em uma das boates analisadas (A2), durante a semana há um dia em que os freqüentadores ficam isentos de pagarem a taxa de entrada. E este dia, conforme o relato de alguns colaboradores, é classificado como o dia das “bichas pobres” (com predomínio de freqüentadores da periferia).

Após fazer contato com a associação AAGLT (Associação Amazonense Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais), tive uma conversa com um membro da associação e percebi que alguns espaços GLS estavam associados a uma idéia de identificação e de classe. Em que sentido? Ao lhe perguntar sobre o que caracterizaria um espaço GLS, o informante respondeu: “primeiro, deve ser freqüentado pelo nosso público e, segundo, deve ser reconhecido pelo proprietário.” E continuou: “Há locais que os freqüentadores na grande maioria são homossexuais, mas que não são reconhecidos como tais pelos donos desses espaços. Eles têm medo de confusão ou não querem se assumir, sair do armário”. Perguntei-lhe então: “E esses espaços são freqüentados por todo público GLS?”

Não! Tem gente que não freqüenta espaços públicos GLS. Tem medo de serem vistos. Há aqueles que preferem as saunas, por exemplo, pois querem sigilo. Porque na boate as bichas soltam a franga. Os nossos espaços são abertos para todos os públicos, é diferente dos ambientes héteros. E também tem aquela coisa, tem a bicha pobre e a bicha rica. E às vezes a bicha rica não quer ir onde tá a bicha pobre. Mas às vezes é só pose, a bicha anda toda pintosa, mas é lisa.

(Entrevista realizada na AAGLT em 30/05/08, Rebeca - travesti e militante).

Se o ambiente da boate pode transparecer num primeiro momento como um local onde é possível vivenciar a diversidade, por outro, como qualquer espaço social, também evoca distanciamentos, separações, distinções, categorias. Desta forma, é que podemos entender a fala de Rebeca: é um espaço para todos os públicos, mas tem a bicha pobre e a bicha rica. Talvez aqui seja pertinente as considerações de Fry e McRae no que diz respeito ao processo de segmentação ocasionado pela mercantilização dos espaços GLS: “A exploração comercial deste novo mercado também acaba impondo padrões de beleza, consumo e relacionamento, que também se tornam altamente repressivos e prejudiciais àqueles que por razões de posição socioeconômica, idade, origem étnica, comportamento etc., não se coadunam à moda vigente” (Fry; MacRae, 1985, p. 98).

No que tange à discriminação dos “de fora” com os de dentro”, se de alguma forma é proibida a plena manifestação da orientação sexual na vida cotidiana, compete buscar alternativas que possibilitem o exercício e a vivência da sexualidade em contextos que proporcionem o “sigilo” e a “aceitação”. Aparece aqui a figura do *gueto* como o lugar da “segurança” (daí ser comum encontrar na fala dos frequentadores o termo ‘casa’) em que pessoas podem manifestar sua orientação sexual sem serem discriminadas e na companhia de seus pares. É o que expressa a fala de um dos frequentadores:

Sou bissexual, tenho 25 anos, sou estudante e estou solteiro. Adoro boates, vou muito à A2. Gosto das músicas, das pessoas que vão lá. Acho bacana aquela multidão, parece um monte de formigas no mesmo lugar. Sou muito baladeiro, já fui em todas as casas de show da cidade, mas é nas boates gays que me sinto mais a vontade. Como minha família não sabe que eu curto, procuro a boate afim de ficar mais a vontade. Aqui encontro com as pessoas que curtem o que eu curto e tudo bem. Não tem aquele lance de você ter medo de chegar junto, entende? Se você tá na chuva é pra se molhar, então se você está numa boate gay é porque você curte. Também tem muito disso:

tem muitos frequentadores que são enrustidos. Tem uns que levam até a namorada para disfarçar, mas eles curtem. Já topei com vários com quem já fiquei, mas que quando vão na boate dão um de machão. Mas é assim mesmo, cada um com seu cada um (risos).

(Manaus, 11/04/2008, Entrevista com Michel, frequentador da A2 –
bissexual)

Michel destaca a dimensão liminar da boate, destacando o aspecto ambíguo: há a diversão, o entretenimento (“gosto das músicas”), mas há também um ambiente propício para a paquera, o flerte, onde as identidades podem emergir ou se disfarçar. Neste sentido, se por um lado a boate pode ser entendida como de gueto à medida que denota um sentido de válvula de escape, refúgio, por outro manifesta a incapacidade de amplos setores da sociedade de lidarem com a diferença. Sendo necessário que pessoas socialmente respeitáveis e cidadãos cumpridores de suas obrigações civis, busquem o submundo da “informalidade”. Assim se torna possível visualizar as contradições de uma sociedade que no discurso se mostra tolerante e democrática, mas que na prática condena seus membros ao domínio de “clandestinidade”.

É entre os gays que o gueto vai ganhar um novo significado: o de espaço de uma experiência escolhida e reivindicada. No entanto, o gueto ainda representaria um espaço permitido, ou seja, de experiência livre da condenação social, mas contrastante com o restante da sociedade: há a permanência do interdito (Escoffier apud Anjos, 2000, p. 178).

Independentemente das diferentes leituras sobre os processos de apropriação destes espaços, podemos compreender a grande vitalidade que cerca os ambientes GLS. A diversidade de seus frequentadores e o aumento no número de visitantes revela um aspecto que não pode passar despercebido: a conquista de novos horizontes. Atualmente na cidade de Manaus os espaços destinados ou frequentados pelo público GLS tem se expandido: saunas, cinemas, boates, bares, praças, bares, espaços livres, entre outros. Isto reforça nossa idéia de que ainda que não haja uma intenção clara ou consciente pela luta em torno de uma ‘causa

gay’, estes espaços surgem como uma verdadeira bandeira de visibilidade, ainda que sob o aspecto da sociabilidade.

Outro ponto que merece destaque e reflexão é a relação que normalmente se estabelece entre território e identidade. O território, em seu sentido geográfico-espacial, remete a uma idéia de permanência. Seja associado ao conceito de lugar ou de espaço, trazem consigo uma delimitação bem estabelecida. Daí a relação que se faz entre *estar* e *ser*. Ou seja, nesta perspectiva, freqüentar um lugar é identificar-se com ele. Ir a um espaço GLS é assumir a causa gay, é assumir-se como gay, é ser gay. Pelo contrário, quando pensamos o espaço sob o ponto de vista relacional, o geográfico mostra-se limitado e restrito. A relação por outro lado, não é determinada, mas flexível e variável. É o cerne do conceito de sociabilidade. Neste sentido, o espaço só pode ser pensado como um lugar de múltiplas possibilidades. E se o espaço só pode ser entendido nessa dimensão diversa, a identidade não pode ser diferente. Pelo contrário, comungamos com a idéia de Perlongher de que não existem sujeitos totais, mas somente sujeitos fragmentários.

Pode acontecer, ainda, que os sujeitos “ocupem” sucessivamente diversos lugares do código, isto é, se desloquem mais ou menos intermitentemente pelas várias casinhas classificatórias, mudando de classificação conforme o local e a situação. Frequentemente, é um mesmo sujeito que vai assumindo e recebendo várias nomenclaturas classificatórias em diferentes momentos do seu deslocamento. Poder-se-ia falar, então, de um deslocamento do sujeito pelas redes do código (Perlongher, 1987: 152).

À medida que um território é ocupado por pessoas, estas não se reduzem a ele. Antes, são responsáveis por atribuir-lhe um significado, de dar-lhe sentido, de moldarem um *ethos* fluido e variado da maneira mais adequada e conveniente aos seus propósitos e condições. Não existe uma identidade única, uniforme e perene. Para se falar em identidade, sem correr o risco de cair num essencialismo arbitrário, o plural torna-se inevitável: identidades. As

identidades são temporárias e não-definitivas. Na boate sou freqüentador: seja gay, ou hétero, ou bi, seja acompanhado ou não, seja para “caçar” ou para se divertir. Lá fora não importa quem sou: se casado ou solteiro, se hétero ou homo, se “assumido” ou “camuflado”. A própria categoria que se estipulou a esses ambientes, como “boate gay”, é arbitrária. Afinal, a categorização “homossexual” “é uma operação simplista, pois não encontramos tão facilmente uma identidade homossexual, mas sim uma flutuação dos sujeitos por diferentes categorias sexuais, que dependem do contexto em que se encontram a cada momento” (Fábregas-Martínez, 2002: 135).

Estas boates, como outros espaços sociais, são locais de troca de relações, interações, subjetividades. Em que os pares se atraem, os diferentes convivem, os laços são feitos, a diversidade se manifesta. Se formos analisar até a estrutura do ambiente convida a uma reflexão. Há o salão para a dança, o bar, os jogos, o *darkroom* (quarto escuro). Há os que vão para se divertir, há os que vão para “caçar”, há os que vão para lucrar (michês), há os solteiros, os casais, enfim, há espaço para tudo e todos. Sem falar que não podemos perder de vista que nem todos os freqüentadores pertencem ao público GL (gays e lésbicas), bem como nem todos se definem enquanto tais. Diante disso, como não perceber a riqueza de vivências e experiências que se dão e se criam nestes espaços? Talvez neste sentido seja compreensível o comentário de Frugoli sobre seu objeto de estudo:

Em minha pesquisa antropológica sobre distintos shopping centers de São Paulo – entendendo-os não apenas como locais de prática de consumo, mas também de lazer que envolve sociabilidade - , procurei enfatizar, em tal contexto, as relações de sociabilidade como espécies de espaços comunicacionais, onde através da interação entre grupos, redes e indivíduos, se definem e redefinem simbolicamente certas diferenças socioculturais (Frugoli, 2007, p. 24-25).

Cabe ressaltar também o caráter conflitivo que cerca o mundo das boates. Daí nossa proposta de pensá-las como um ambiente liminar, que evoca um mundo de possíveis-incertos. Estes ambientes são controlados pelos de “dentro” e pelos “de fora”. Há códigos, há regras, há “leis”. Assim sendo, um freqüentador antes de adentrar o interior da “casa” precisa antes passar pelo crivo dos seguranças. Na boate A2, devido o grande número de adolescentes, o freqüentador pode ser convidado a apresentar o documento de identificação, a se “revelar”. Em algumas situações há até a emergência de conflitos envolvendo violência física, do tipo que ocorre entre seguranças e freqüentadores (conforme fala de entrevistados).

Mas dependendo da boate o controle se expande para outros aspectos. Por exemplo, na boate Cabaré os clientes estão sob a mira atenta dos seguranças, dos *bar-mans* e dos organizadores da casa. É permitido se divertir, mas é proibido se exceder.

Há desta forma uma luta pela apropriação do lugar. É preciso marcar território, é preciso delimitar, é preciso estabelecer fronteiras. Daí termos boates com uma identidade GLS, mas que possuem uma especificidade que lhe é inerente. Para os michês toda boate pode ser um possível foco de atuação. No que diz respeito ao universo de um freqüentador as coisas são bem mais complexas. As categorias explicitam tal demarcação: a “bicha pobre”, a “bicha rica”. Sendo assim, dificilmente encontraremos algum “camuflado” (na linguagem nativa, não assumido) freqüentando a boate TS ou A2. Mas há grande chance de encontrá-lo no Cabaré. Eis a fronteira dos comportamentos e da classe social. Uma “bicha pobre” dificilmente pode ser vista freqüentando a boate Cabaré. Mas pode ser encontrada na TS e na A2. Na A2 no imaginário de alguns freqüentadores, ficou estabelecido o “dia específico” para um determinado segmento social (o dia da “bicha pobre”).

Indagado sobre estas especificidades das diferentes boates e a relação de classe social, Francisco Néry, homossexual militante, respondeu:

Assim, a gente percebe os três ambientes....TS a gente pode dizer que é uma boate de classe Z. Porque o ingresso é um preço mais baixo, acessível, e aí só vai a galera, vamos supor, da periferia. Assim...que tem um baixo custo, que pode ir lá e paga o ingresso....Já a A2, tá num nível mais elevado. Mas a gente percebe que dentro dessas boates, dessas duas boates que são tidas como gays, que são a TS e a A2, a gente percebe que lá o ambiente é gay. Tem quarto escuro, tem show de gogo-boys, de drag-queens, e isso é que faz um ambiente gay. Já a Cabaré, a gente pode colocar ela como padrão elite, elitizado, né? Tanto que é, que a gente não pode ficar como num ambiente gay, não tem show: não tem show de gogo-boys, não tem show de drag, não tem *darkroom*. O que rola lá é uma música totalmente....tem uma música que toca em algumas boates mas que são diferenciadas pelas batidas. A gente percebe que isso é uma questão mais de....*tekno-house*, *bossa-house*, que é uma questão mais elitizada. Do povo que é..., que tem..., que é gay, que é elitizado. A gente percebe que nesses dois ambientes também a gente vê que a visibilidade de algumas pessoas travestis, transexuais, gays e lésbicas, elas são mais..., assim..., se vão nessas duas boates por exemplo, principalmente na TS que é a população de periferia, né?, são pessoas que se assumem e as vezes quando já vai pra questão da rua elas já se assumem mesmo. Já a A2 e a Cabaré já são umas boates, mas um pouco elevadas, a gente percebe que a população de gays elitizados eles não se assumem. Isso é uma questão muito complicada pra gente porque como a gente pode falar sobre....Na própria pesquisa que a gente tá fazendo a gente teve essa dificuldade de acessar essa população da elite pra tá trabalhando com a questãoqual é a estatística do homem que faz sexo com outro homem elitizado? E a gente não conseguiu atingir essa população.

(Manaus, 27/02/2009, Entrevista com Francisco Néry – homossexual militante LGBT)

Ou seja, diante deste panorama não podemos encarar a boate sob um ponto de vista romântico. As mesmas contradições que existem no mundo social são reproduzidas em outros moldes para seu contexto. Estes espaços são permeados por elementos díspares.

Magnani, ao se debruçar sobre a cultura popular e lazer na cidade, já nos aponta a complexidade de se pensar a idéia de espaço social. Partindo de uma categoria nativa, Magnani problematiza acerca do que seja o *pedaço*. Este como uma categoria híbrida, que oscila entre o público e o privado, revela a face dinâmica da idéia de lugar. À medida que avançava em seu processo de análise, Magnani percebeu que até mesmo o conceito de pedaço não dava conta de todos os “vínculos de sociabilidade”. Daí aparecerem noções como: mancha, trajeto, pórtico, circuito (Magnani, 1996). Por que este parêntese? Para destacar os limites de uma abordagem restritiva acerca dos espaços sociais. Lembrando que assim como a cidade pode ser entendida como um jogo de quebra-cabeças socialmente diverso e, por vezes, contrastante, do mesmo modo os espaços sociais das boates GLS, antes de tenderem à uniformidade, remetem a contextos dinâmicos, múltiplos e variados.

Essa variabilidade de espaços e apropriações necessitam de “regras” que possibilitem a co-existência do múltiplo e do diverso num mesmo contexto social. É aí que aparece, ainda que implicitamente, os “códigos de conduta”, sem o qual talvez fosse inviável a confluência de tantas diferenças num mesmo lugar. Um sistema de referências que permite a comunicabilidade. Há um entendimento quanto aos limites que precisam ser respeitados. Assim, dificilmente alguém visivelmente acompanhado será cortejado. A menos que haja momentos oportunos para isso, é claro. Se por um lado, há todo um fluxo constante de freqüentadores, cuja variabilidade é bem visível e a presença inconstante, por outro isto não se torna impedimento para se pensar relações que se estabelecem. Conforme Magnani, ainda que não haja o conhecimento, há o reconhecimento: “Foi possível constatar que os freqüentadores

desses “pedaços do centro” não necessariamente se conhecem, mas se reconhecem: venham de onde vierem, trazem na roupa, na postura corporal, na linguagem, os sinais exteriores de seu pertencimento” (Magnani, 2003, p. 12).

Cabe lembrar também que o contexto das boates não encerra, a exemplo do conceito de pedaço de Magnani, as formas de sociabilidade GLS. Pelo contrário, à semelhança da cidade, as boates GLS são porosas: permeadas por fluxos constantes de movimentos possíveis. Outros espaços são apropriados embora permaneçam no anonimato, por exemplo, banheiros de *shoppings centers* e supermercados ou mesmo praça de alimentação. Contudo, permanecem no anonimato ou mesmo no completo desconhecimento por parte daqueles que não fazem parte do circuito. Podemos pensar que talvez não sejam classificados ou visibilizados pela questão do estigma social. Afinal, o cidadão “de bem”, o “pai de família”, as pessoas “de respeito” não frequentariam um espaço dado a comportamentos “indecorosos”. Quase todos sabem ou já ouviram falar, mas é melhor manter a “boa imagem” do lugar.

Enfim, diante destes e de outros aspectos levantados é possível perceber a dificuldade de se abordar os espaços das boates GLS, e o conjunto de práticas e vivências que se realizam no interior destes ambientes. Estes espaços, mais do que possibilitar momentos de entretenimento, operam através de mecanismos próprios uma verdadeira revolução simbólica à medida que, como um ambiente que favorece o florescimento de subjetividades e relações de sociabilidade, permitem aos seus frequentadores uma oportunidade para o exercício livre de algo “espontâneo” e que, entretanto, diante dos “outros” ainda é percebido e encarado como distúrbio e anormalidade. Sua dinamicidade excede toda tentativa reducionista de classificação e por outro lado mostra que a partir de um processo historicamente construído de discriminação e preconceito alguns grupos sociais foram capazes de encontrar alternativas próprias de resistência e mobilização. Ao contrário do que talvez possamos imaginar, este

universo aparentemente envolto num ar de festa e inebriamento tem se configurado como um instrumento capaz de alcançar visibilidade e conquistar espaços antes destinados única e exclusivamente aos convencionalmente aptos à vivência da sexualidade. Neste sentido, o presente capítulo se configurou como uma tentativa de pensar a cidade como uma teia de significados (Geertz) com suas condições e contradições inerentes. Sem ter a pretensão de apontar uma possível definição de cidade ou de urbano, buscou, através da colocação de algumas situações, problematizar as especificidades e as complexidades de uma antropologia urbana a partir da realidade específica das boates GLS. Certamente tal tarefa não se torna possível se não levarmos em conta sujeitos, contextos, situações, etc. Pensar as boates GLS é remeter a um “jogo” de quebra-cabeças em que as partes isoladas nada podem dizer em relação ao todo a não ser que sejam estabelecidas as conexões necessárias. A proposta de pensar a diver(cidade) serve para nos provocar à uma reflexão sobre as infinitas possibilidades que se dão no interior das boates GLS. Esta entendida como resultado das múltiplas condições e contradições que cercam o universo da cidade. Não existem fórmulas, existem tentativas. Problematizar acerca dos diferentes usos e representações que cercam o universo das boates GLS é perceber que as relações sociais não são dadas, mas construídas e diversamente vivenciadas. Pensar a (diver)cidade é antes de tudo percebê-la como um labirinto; uma encruzilhada; um emaranhado de palavras soltas; um mosaico de cores, formas; do que apenas uma via de mão única.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusões, este trabalho teve como proposta fundamental buscar pensar o espaço para além de suas determinações físicas. Neste sentido, nossas reflexões acerca das boates GLS do centro da cidade de Manaus nos levaram a indagar sobre os mecanismos sociais de produção e reprodução dos espaços sociais; os instrumentos de mobilização por parte dos diferentes agentes que participam do processo de construção e afirmação de identidades; as formas de mobilização; os processos sociais de estigmatização; os marcadores sociais da diferença.

Retomando algumas idéias-chaves que delineamos ao longo dos capítulos precedentes, podemos dizer que as boates se inserem num contexto de representação social que está imerso em um conjunto de práticas e discursos que por um lado, parecem simplesmente enfocar um dimensão básica e corriqueira da vida social (a sociabilidade), por outro lado, nos aponta na direção de pensar estes espaços como um mecanismo de resistência e insubordinação.

No capítulo primeiro, tentamos destacar que a própria localização geográfica destas boates podem dizer muito sobre o processo de estigmatização à que foram e são submetidas. Seja sob um rótulo de sofisticação (termo recorrente na fala dos colaboradores), como o Cabaré, seja sob um estereótipo de mal gosto, como a TS, as diferentes boates convergem, enquanto sistema simbólico, para um mesmo dilema, na medida em que trazem em sua gênese social um histórico de preconceito e discriminação.

No capítulo dois, buscamos problematizar a percepção das lideranças do movimento social LGBT de Manaus sobre esses espaços. Ao mesmo tempo, nossa proposta fundamental foi a de destacar que não existe uma única percepção. Os esquemas de representação são os mais diversos possíveis. A própria dinâmica do capítulo, a partir do dualismo casa/rua, nos

provocou a pensar que não existe uma homogeneidade. Pelo contrário, as diferenças se dão nos mais variados níveis, conforme a fala dos nossos entrevistados. Os corpos, as roupas, os comportamentos, servem para aproximar e distanciar. Do mesmo modo, há uma variedade de intencionalidades e subjetivações. A boate permite a convivência múltipla, diversa: há os que vão para se divertir, outros para caçar, outros para sexo casual, outros para satisfazer uma simples curiosidade. Enfim, são múltiplas possibilidades que se mesclam e interseccionam-se. Também destacamos no referido capítulo que existe um discurso sobre a boate que não é só daquele que está no seu interior, mas daquele que simplesmente trabalha ao seu redor ou mora nas adjacências das boates. São os mais variados discursos: defesa, acusação, estigmatização, simpatia, antipatia, aproximação, distanciamento. Todos permitem que compreendamos o espaço de uma boate GLS como produto e produtor de identidades sociais.

O terceiro capítulo se insere numa discussão que busca pensar a boate sob dois pontos de vista: o político e o de sociabilidade. Nossa intenção foi a de destacar que muito embora, certamente, um freqüentador assíduo da boate não esteja preocupado com a bandeira de visibilidade do movimento social LGBT e muito menos comprometido com a garantia de direitos dos LGBTs, estas boates, a partir dos jogos das relações sociais que se dão no seu interior, não passam despercebidas socialmente. Elas têm um significado político, elas servem para dizer algo à sociedade na qual estão inseridas. Por outro lado, a sociabilidade também lhe é inerente. Pudemos verificar ao longo do trabalho de campo, seja em nossas observações seja nas conversas/entrevistas que realizamos, que a boate tem um ar de familiaridade: é lá que se pode encontrar com os pares; é lá que se pode manifestar sem ter medo do que vão falar ou pensar; é lá que há a possibilidade de se auto-afirmar enquanto sujeito existente; é lá que se pode dar margem para vivências que em outros espaços talvez não fossem possíveis.

Por fim, no quarto e ultimo capítulo tentamos fazer uma grande síntese das discussões anteriores destacando a boate como reflexo das condições e contradições que cercam a própria dinâmica da cidade. Deste modo, da mesma forma que no contexto cotidiano da cidade se afirmam diferenças, se criam barreiras, a boate é resultado das condições sociais que a cercam. Contudo, problematizamos a idéia de que pensar a diver(cidade) torna-se fundamental na medida em que se reconhece uma dimensão inalienável do homem: o direito à cidade (direito que deveria estar acima das diferenças de classe e de orientação sexual).

Enfim, ao longo dos capítulos a boate serviu como pano de fundo para pensar toda uma teia de relações e condições sociais. Nossa conclusão não pode ignorar o seguinte fato: por que as boates existem? Qual o significado social de um gueto gay? No nosso entendimento, são fruto das condições de um tempo, são resultado de um processo de estigmatização social, são produto de uma sociedade que ainda não aprendeu a lidar com a diferença e que tenta dar conta da diversidade a partir da segregação dos agentes sociais.

Acreditamos, contudo, que a existência das boates GLS, seu crescimento e visibilidade destacam que existe um amplo setor da sociedade que não pode mais ser ignorado, que precisa sair do anonimato. Esses grupos não são minoria (no sentido estrito do termo), pelo contrário, estão em todos os setores, em todos os segmentos sociais, em todas as classes sociais. Viver o direito à cidade, é permitir que, de fato, amplos setores da sociedade tenham o direito de se apropriar de outros espaços. Que os grupos sociais não tenham sua existência relegada a uma condição de guetificação.

Podemos ser indagados sobre os reais anseios dos frequentadores de boates: será que, de fato, sentem-se segregados? Será que de fato, eles querem ter sua saída do anonimato? Será que isso lhes interessa? Acreditamos, entretanto, que a questão se dê em outros termos: podem até não reivindicar, podem até nem querer, mas precisam ter esse direito garantido. No

trabalho de mapeamento que realizamos com o movimento social LGBT de Manaus, pudemos perceber que esse setor da sociedade ocupa amplos espaços da cidade de Manaus, mas nem sempre às abertas. Acabam relegados a uma condição de anonimato.

Pensar a boate sob o ponto de vista político é percebê-la como importante mecanismo de resistência simbólica. É entendê-la como produto de uma mobilização social. Destacamos ao longo do texto que a sigla GLS está permeada de uma conotação econômica, a idéia seria a de oferecer um serviço que atendesse uma demanda específica, sem torná-la exclusiva ou restrita, porém, acreditamos que esta dimensão objetivada pelo capital não é, por si mesma, capaz de dar conta de todo um conjunto de relações sociais que se inserem no contexto de uma boate GLS. O ideal é que o gueto fosse eliminado e que essa parcela da população pudesse de fato exercer sua cidadania de forma plena, sem ser mascarada. Contudo, como isso ainda não é possível, estas boates se tornam um mecanismo necessário para a afirmação de identidades coletivas e um modo de tornar sua existência conhecida.

Sabemos dos limites e dos problemas da guetificação e não é nossa intenção fazer uma apologia do gueto. A começar pelo fato de que um gueto não é formado pela livre escolha de seus indivíduos, pelo contrário, é produto de um vasto processo de segregação que é imputado aos grupos socialmente indesejados. O gueto isola, enfraquece, estigmatiza. Mas acreditamos que restringir a análise sobre o gueto GLS a esta dimensão, é ignorar a dinâmica dos agentes sociais. Compreendemos o gueto como inserido numa correlação de forças, em que diferentes setores da sociedade lutam em torno de “uma definição legítima”. Trata-se de um campo simbólico, de uma luta pela existência ou negação. São muitos os agentes sociais envolvidos assim como são diversos os interesses. O campo não está definido.

Mas o que este estudo nos diz? O que tem a falar sobre a cidade de Manaus com relação ao público LGBT? Que, ainda tem muito que aprender sobre diversidade; que ainda

não sabemos lidar com a diferença; que a sociedade permanece num estado de moralismo conveniente; que os agentes sociais não gozam de um status igualitário, apesar do discurso de uma cidadania indistinta. As boates ainda têm muito a nos falar sobre o modo como a segregação cria hierarquias, gera desigualdades e colabora para a manutenção de estigmas e controles. As boates também têm muito a nos dizer sobre a resistência de grupos sociais que ainda permanecem na invisibilidade, se configurando, deste modo, como minorias sociais. Grupos, indivíduos, que apesar de todo preconceito que reluta à estigmatizá-los, insistem em se auto-afirmar.

Como tem se caracterizado estes espaços? Se nem tudo é derrota, nem tudo é conquista. Não podemos cair na ilusão de achar que as boates se apresentam como um porto seguro, onde não há violência, preconceito, discriminação, ambigüidade. Pelo contrário, como buscamos destacar ao longo de nossa escrita, também é um amplo espaço para a afirmação de diferenças e para a manutenção de desigualdades. Também não podíamos pensar que fosse diferente: as pessoas que ali estão em busca de entretenimento, reproduzem as mesmas relações de poder que no seu cotidiano estão acostumadas a exercer. Há a bicha pobre e a bicha rica; há o branco e a há o pardo; há a bicha rasgada e há o boy; há o gay e o hétero; há, enfim, um universo marcado por distinções e diferenças.

As violências, sejam simbólicas ou físicas, possibilitam pensar as boates como um espaço comum. Na verdade nem é tão diferente de outra boate ou de outra casa de *show*, os mesmos dilemas que há em um há em outro contexto. Isto serve também para desconstruir uma imagem bucólica que se criou em torno das boates GLS, de que só é alegria e descontração. Talvez a única diferença esteja em outros termos: não no público que frequenta, ou nas relações que se estabelecem, mas no reconhecimento que é dado a estes espaços. Conforme fala de um frequentador: ‘Enquanto numa boate “comum” todo mundo pinta e

borda, numa boate “gay”, só há baixaria porque só tem viado’. Não estamos naturalizando este discurso, ele serve somente para ilustrar que a diferença não é tão objetiva quanto imaginamos, ela está na ordem do discurso e da representação. O problema, não é porque é boate, mas porque é gay.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS**, Gabriele dos. *Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências*. Sociologias, Porto Alegre, ano 2, nº 4, jul/dez 2000, p. 274-305.
- BECKER**, Howard. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- _____. *Outsiders: Estudos de Sociologia do Desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOURDIEU**, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 7ª ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. *A miséria do mundo*. Trad. Mateus Soares Azevedo et al. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BUTLER**, Judith. "Imitation and Gender Insubordination." *Literary Theory: An Anthology*. Ed. Julie Rivkin and Michael Ryan. Massachusetts: Blackwell Publishing, Ltd., 1998. pp. 722-729.
- BRAZ**, Camilo Albuquerque de. *Nem toda nudez será castigada: sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo*. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, UFPE, Recife (PE), 2007.
- CARDOSO**, Ruth (Org.). *A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DA MATTA**, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- EVANS-PRITCHARD**, E. E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. Trad. Ana M. Goldberger Coelho. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FÁBREGAS-MARTÍNEZ**, Ana Isabel. Explorando a sexualidade do michê na cidade de Porto Alegre. In: BARBOSA, Regina Maria Barbosa et al (Org.). *Interfaces – Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva*. Campinas: UNICAMP, 2002.
- FACCHINI**, Regina. Entre umas e outras: Mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2008.
- FOUCAULT**, Michel. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- _____. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRANÇA, Isabela Lins. *Cercas e Pontes: O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2006.

_____. *Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo*. Cadernos PAGU (28), janeiro-junho de 2007: 227-255.

FRY, Peter; **MACRAE**, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOLDENBERG, Miriam. *De perto ninguém é normal: Estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. 2 ed. São Paulo: Record, 2005.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

GREEN, James N. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Trad. Cristina Fino; Cássio Arantes Leite. São Paulo: UNESP, 2000.

GREEN, James N.; **TRINDADE**, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005.

GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de Gênero e Sexualidade*. In: *Antropologia em Primeira Mão*, nº 24, Florianópolis, UFSC, 1998.

HALL, Stuart; **WOODWARD**, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Petrópolis: Vozes, 2000.

- HEILBORN**, Maria Luiza. “Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina M.(org.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1996, p. 136-145.
- HENNING**, Carlos Eduardo. *As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis/SC*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2008.
- KRONKA**, Graziela Zanin. Corpo, desejo e poder: identidade e subjetividade no discurso (homo)erótico. In: CADERNOS AEL – *Homossexualidade: Sociedade, Movimento e Lutas*. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, v.10, n.18/19, 2003.
- LEFRBVRE**, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.
- MAGNANI**, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedacço: cultura popular e lazer na cidade*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.
- _____. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. In: Na metrópole: textos de Antropologia urbana. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.
- MACRAE**, Edward. Em defesa do gueto. **GREEN**, James; **TRINDADE**, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005.
- MARSI AJ**, Juan P. P. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. In: *Cadernos AEL: Homossexualidade, Sociedade, Movimento e Lutas*. Campinas, UNICAMP / IFCH / AEL, v. 10, n.18./19, 2003, pp. 129-150.
- MENEZES**, Elieyd; **OLIVEIRA**, Esmael; **DIAS**, Willas; **PEREIRA**, Jeffeson. *FASCÍCULO DO MOVIMENTO DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS E TRAVESTIS (LGBT) DE MANAUS/AMAZONAS*. Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. n° 25, 2009.
- NUNES**, Edson de Oliveira (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- OLIVEN**, Ruben George. *A Antropologia de Grupos Urbanos*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- OLIVEIRA**, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 2000.
- PARK**, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

- PARKER**, R. *Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. São Paulo: Record, 2002.
- PERLONGHER**, Nestor. *O negócio do michê: A Prostituição Viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- POLLAK**, Michel. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIËS, Philippe; BÉJIN, André (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. Trad. Lyggia Araújo Watanabe; Thereza Christina Ferreira Stummer. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PRADO**, Marco Aurélio Máximo; **MACHADO**, Frederico Viana. *Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.
- SCOTT**, Joan W. *O enigma da igualdade*. Trad. Jô Klanovicz; Susana Bornéo Funck. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 11-30, janeiro-abril/2005.
- SIMMEL**, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SIMÕES**, Júlio Assis; **FRANÇA**, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. **GREEN**, James; **TRINDADE**, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005.
- STRATHERN**, Marilyn. *O Gênero da Dádiva*. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.
- _____. Entre uma melanesianista e uma feminista. Cadernos Pagu. 1997. Vol. 8/9, p. 7-49.
- TONELI**, Maria Juracy Filgueiras; **PERUCCHI**, Juliana. *Territorialidade homoerótica: apontamentos para os estudos de gênero*. Revista Psicologia & Sociedade. Vol 18. nº 3. Porto Alegre: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006 (Set/Dez).
- TURNER**, Victor W. *O Processo Ritual: Estrutura e Anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- _____. *Floresta de Símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, 2005.
- VAN GENNEP**, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VELHO**, Gilberto; **KUSCHNIR**, Karina (Orgs.). *Pesquisas Urbanas: Desafios do Trabalho Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- VELHO**, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WIRTH**, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: **VELHO**, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO I (PARA FREQUENTADORES)

- Por que você costuma frequentar este espaço?
- Vem com muita frequência?
- O que você acha sobre os espaços frequentados pelo público GLS?
- Na sua opinião, os espaços GLS tem um diferencial? Por quê? Se sim, qual seria?
- Você acha que as boates GLS chamam muito a atenção? Por quê?
- O que você acha que um frequentador busca numa boate GLS?
- O que você pensa sobre o comportamento dos frequentadores?
- Se você se encontrasse com algum parente, amigo ou conhecido como você reagiria?
O que diria se fosse indagado sobre sua presença no local?

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO II
(PARA MORADORES/TRABALHADORES DAS PROXIMIDADES DAS BOATES)

- O que acha de trabalhar/morar próximo a uma boate gay?
- O que você acha de uma boate gay e dos frequentadores?
- Você iria a uma boate gay? Por que?
- O que você acha que uma pessoa busca numa boate gay?
- Já ouviu falar alguma coisa sobre a boate?